

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

André Dos Santos Sousa

**CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO ENTRE PROFESSORES DE DANÇAS FITNESS NA  
REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA**

Goiânia  
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): André dos Santos Sousa

Título do trabalho: Condições de vida e trabalho entre professores de danças fitness na região metropolitana de Goiânia

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X ] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

---

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Caio Sgarbi Antunes, Professor do Magistério Superior**, em 28/10/2021, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANDRÉ DOS SANTOS SOUSA, Discente**, em 08/11/2021, às 15:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0),

informando o código verificador **2443996**

o código CRC **7980EA98**.

André Dos Santos Sousa

**CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO ENTRE PROFESSORES DE DANÇAS  
FITNESS NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.  
Orientador: Prof. Dr. Caio Sgarbi Antunes

Goiânia

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Dos Santos Sousa, André  
CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO ENTRE PROFESSORES DE  
DANÇAS FITNESS NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA  
[manuscrito] / André Dos Santos Sousa. - 2021.  
CXV, 115 f.

Orientador: Prof. Dr. Caio Sgarbi Antunes.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD),  
Educação Física, Goiânia, 2021.  
Bibliografia. Apêndice.

1. Professor de dança. 2. trabalho. 3. modo de produção capitalista.  
4. informalidade. I. Sgarbi Antunes, Caio, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **vinte e oito dias do mês de outubro do ano de 2021** iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Condições de vida e trabalho entre professores de danças fitness na região metropolitana de Goiânia**”, de autoria de **André dos Santos Sousa**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da **Faculdade de Educação Física e Dança** da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Caio Sgarbi Antunes - orientador FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Lênin Tomazett Garcia - FEFD/UFG** e **Profa. Lorena Camarço Valadares Santos**. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Caio Sgarbi Antunes, Professor do Magistério Superior**, em 28/10/2021, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lênin Tomazett Garcia, Professor do Magistério Superior**, em 28/10/2021, às 15:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LORENA CAMARÇO VALADARES SANTOS, Usuário Externo**, em 08/11/2021, às 14:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2443995** e o código CRC **57992D7D**.

Este trabalho é dedicado aos meus companheiros de profissão, à minha mãe e à minha companheira Micaella.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que me capacitou para chegar até aqui. Agradeço a minha família, em especial a minha mãe, que mesmo em situações das mais adversas conseguiu me criar sozinha, em condições muitas vezes de extrema pobreza, mas sempre me ensinando valores que levo comigo até hoje, e sempre insistindo para que eu não desistisse.

Agradeço também a Micaella, que por todo esse tempo teve a maior paciência de entender o quão desgastante é esse processo, e estar sempre ao meu lado me apoiando.

Agradeço também ao Caio, por todo suporte, mesmo em situações extenuantes, e sempre me ajudando.

Meu agradecimento também se estende a Lorena, que me ajudou muito neste caminho, desde quando começamos o curso em 2016 juntos, e agora como minha parceira, que não me deixou desistir, mesmo quando eu já havia desistido, não me deixando enlouquecer neste processo.

com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato.

(Karl Marx, O Capital)

## RESUMO

As aulas de dança, apesar de estarem inseridas na sociedade desde a década de 1970, começaram a ter maior relevância a partir dos anos 2000. Este crescimento de visibilidade da área fez com que se ampliasse o contingente de trabalhadores envolvidos com o ensino da dança. Isso nos remete a pensar como são as condições de vida e trabalho destes profissionais. Com foco neste assunto, foi encontrada apenas uma obra que abordasse a situação de vida destes profissionais. Para se compreender mais sobre o assunto, fomos a campo e com essa finalidade, este trabalho entrevistou de forma presencial 5 professores de danças fitness das cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia, alguns licenciados em programas de aulas como a Zumba e o FitDance, outros que trabalham sem serem licenciados em nenhum programa. Para se fazer uma análise das características deste grupo profissional foram transcritas e analisadas as entrevistas. Com base nas respostas, podemos classificar as condições de vida e trabalho destes profissionais como regulares, condição descrita pelos mesmos, apresentando uma contradição de se sentirem explorados em seus serviços com condições muitas vezes precarizantes, salários baixos, tendo os mesmos que muitas vezes estender suas jornadas de trabalho por mais de um local dando aulas, ou até mesmo estender em outras funções, sem ser a dança; mas apesar de tal exploração, se sentem felizes ao trabalhar com a dança, a paixão da maioria deles, e se sentem gratos por poder trabalhar e levar o bem estar que levam aos seus alunos. Questão que merece análise é até onde vale a pena trabalhar por amor à profissão mesmo em condições não favoráveis, sendo parte de um sistema que os explora dia após dia? Também sendo importante o questionamento de como a pandemia do coronavírus afeta a vida dos professores e professoras de dança? E o que esperar do presente e do futuro próximo com a cada vez maior precarização do trabalho durante o capitalismo pandêmico.

**Palavras-chave:** Professor de dança; trabalho; modo de produção capitalista; informalidade

## ABSTRACT

Dance classes, despite being part of society since the 1970s, began to have greater relevance from the 2000s onwards. This growth in visibility in the area led to an increase in the number of workers involved in teaching dance. This leads us to think about the living and working conditions of these professionals. Focusing on this subject, only one work was found that addressed the life situation of these professionals. To understand more about the subject, we went to the field and for this purpose, this work interviewed 5 fitness dance teachers in the cities of Goiânia and Aparecida de Goiânia, some licensed in class programs such as Zumba and FitDance, others who work without being licensed in any program. In order to analyze the characteristics of this professional group, the interviews were transcribed and analyzed. Based on the answers, we can classify the living and working conditions of these professionals as regular, a condition described by them, presenting a contradiction of feeling exploited in their services with conditions that are often precarious, low wages, and they often have to extend their working days for more than one place giving classes, or even extending into other functions, other than dancing; but despite such exploration, they feel happy working with dance, the passion of most of them, and they feel grateful to be able to work and bring the well-being they bring to their students. A question that deserves analysis is how far is it worth working for the love of the profession even in unfavorable conditions, being part of a system that exploits them day after day? Is it also important to question how the coronavirus pandemic affects the lives of dance teachers? And what to expect from the present and the near future with the increasing precariousness of work during pandemic capitalism.

Keywords: Dance teacher; Work; capitalist mode of production; informality

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	11
<b>CAPÍTULO 1 – PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA</b>	15
<b>CAPÍTULO 2 – “CONSIGO FAZER O QUE DÁ PRA FAZER”</b>	39
2.1. PERFIL GERAL DOS ENTREVISTADOS	39
2.2. ANÁLISE PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS	40
2.3. RELAÇÃO DE TRABALHO, SAÚDE E LAZER	44
2.4. PERFIL FINANCEIRO	48
2.5. SATISFAÇÃO NO EMPREGO	53
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	55
<b>REFERÊNCIAS</b>	58
<b>APÊNDICE</b>	61
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO	61
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	62
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	64

## INTRODUÇÃO

Até a data de defesa deste trabalho, foram encontrados apenas dois trabalhos de relevância acadêmica relacionando as condições de trabalho existentes com o mundo do trabalho da ginástica coletiva e/ou da dança fitness<sup>1</sup>, tendo sido um destes trabalhos feito a partir de profissionais de um programa de aulas<sup>2</sup> e o outro sobre o mundo fitness em geral, no contexto das academias de ginástica.

A dança é uma área em que geralmente se atua pela forte ligação afetiva que se tem com a atividade de dançar e ensinar a dançar, sendo que isso muitas das vezes é o que mais motiva, pois as condições de trabalho nem sempre são as melhores. Então decidimos pesquisar como são as condições de vida e trabalho entre professores e professoras de danças fitness na região metropolitana de Goiânia.

Este tema surgiu da necessidade de compreender a realidade vivida pelos professores e professoras de danças fitness, área na qual eu atuo há sete anos. A decisão de pesquisar este problema também parte da pouca produção por nós encontrada sobre a análise da categoria trabalho entre professores de danças fitness, tema que, apesar de ser de suma importância, parece pouco explorado.

Gil (2002, p. 17) conceitua a pesquisa como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Com isso, o objetivo geral desta pesquisa é compreender as relações de trabalho entre os professores e professoras de danças fitness na região metropolitana de Goiânia e compreender como essas relações de trabalho alteram a vida destes profissionais, tanto socialmente, financeiramente e com o processo saúde-doença. Para isso, primeiramente debatemos a categoria trabalho a partir do arcabouço teórico de Karl Marx e pensadores que seguem sua linha de pensamento; debatemos também a precarização do trabalho a partir do arcabouço teórico de Ricardo Antunes

---

<sup>1</sup> SANTOS, Lorena Camarço Valadares. O professor instrutor do programa Zumba: qualidade de vida e trabalho. 2019, 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás. 2019. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19990/3/TCCG%20-%20Educa%3%a7%3%a3o%20F%3%adsica%20-%20Lorena%20Camar%3%a7o%20Valadares%20Santos%20-%202019.pdf>>. Acesso em: 05 de set de 2021. Trabalho 2: QUELHAS, Álvaro Azevedo. Profissional de Educação Física no segmento fitness: reflexões a partir da categoria trabalho. In: Motrivivência – Revista de Educação Física, Esporte e Lazer. Ano XXIII, Nº 36, jun. 2011, p. 75-93. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/21657-Texto%20do%20Artigo-69211-1-10-20111104.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.

<sup>2</sup> Programas de aulas são metodologias exclusivas de aulas desenvolvidas por empresas que formulam a aula, as coreografias, as fases e a duração dessas aulas e as vendem as academias ou aos instrutores, que pagam planos sejam mensais, anuais, ou como a empresa dispor.

(2018) e Giovanni Alves (2010); e debatemos também o processo saúde-doença a partir das obras de Asa Cristina Laurell (1982).

Por caracterizar-se enquanto estudo na área das ciências sociais, este estudo se dá de forma qualitativa, que Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) conceituam como pesquisa “que não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”

Foi escolhida pesquisa quantitativa por, segundo Gerhardt e Silveira (2009), esta categoria de pesquisa ser capaz de ter maior enfoque na interpretação do objeto, ter maior quantidade de fonte de dados e ter maior proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados.

Optamos por fazer a coleta de dados através de entrevistas, que segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 72):

constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação.

Optamos pela entrevista pois ela pode fornecer tanto elementos ditos mais ‘objetivos’ (as respostas propriamente ditas), quanto elementos mais ‘subjetivos’ (as pausas, os silêncios, as expressões faciais). As entrevistas foram realizadas de forma presencial, semi-estruturada, entre os meses de setembro e outubro de 2021, onde foram entrevistados cinco professores de dança atuantes nas cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia. Todos os professores assinaram um TCLE (Termo de Consentimento de Livre Esclarecimento) que se encontra no anexo A. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio e depois transcritas e anexadas ao estudo.

O questionário foi semi estruturado a partir de 49 perguntas, todas elas abertas, ou seja, de perguntas subjetivas. Com o passar das respostas, sempre que era necessário, eram feitas novas perguntas para a investigação. Foram feitas perguntas relacionadas a sua história pessoal e profissional com a dança, tais como a investigação do seu primeiro contato com a dança; aspectos relacionados à vida financeira, como renda dando aulas de dança; vida profissional, tais como carga horária de trabalho e tempo de atuação; acesso ao lazer, tais como o nível de qualidade empregado ao lazer ou suas privações; e relação saúde-doença, tais como incidência de lesão por desgaste relacionados ao labor, ou mesmo acidentes ocorridos enquanto no trabalho ou a caminho dele.

Ressalta-se também que esse trabalho foi produzido em meio a uma pandemia global que assolou e ainda assola muito duramente o Brasil, deixando, até o presente, mais de 600 mil mortos, o que causa profunda tristeza. A pandemia também interfere profundamente na vida do professor e da professora de dança, pois através de medidas de distanciamento social para tentar conter a disseminação do vírus, o que teria sido muitíssimo importante, mas que nunca ocorreu de fato no Brasil, tirou de seu labor a grande maioria desses profissionais, que sem suas rendas, por serem em grande maioria informais, tendo a contradição de não poder trabalhar pra não pegar o vírus, ao mesmo tempo que não podem ficar em casa para não morrerem de fome, e que assim são levados ao desespero e até a deixar esta profissão e buscar por alguma profissão que fosse possível trabalhar e ter seu sustento.

Antunes retrata essa situação ao falar que:

A crise econômica e a explosão da pandemia do coronavírus, na inter-relação que há entre elas, têm gerado impactos e consequências profundas para a humanidade que depende de seu trabalho para sobreviver. Além dos altíssimos índices globais de mortalidade, ampliam-se enormemente o empobrecimento e a miserabilidade na *totalidade* da classe trabalhadora. Em parcelas enormes desse contingente, como nos desempregados e informais, a situação torna-se verdadeiramente desesperadora, com o Brasil se destacando como um dos campeões da tragédia. (ANTUNES, 2020, p. 7, grifos do autor)

Diferente do que se parece, a pandemia, mesmo com todo seu poder avassalador, não é a causa única, por exemplo, do problema de precarização do trabalho no modo de produção capitalista, nem muito menos a causa da precariedade e da precarização das condições de trabalho dos professores e professoras de dança fitness, nosso tema de estudo, mas conforme nos diz Antunes (2020, p. 18, grifos do autor) “a pandemia não está desconectada do *sistema de metabolismo antissocial* vigente, portanto, de um fenômeno exclusivamente ‘natural’.” Seria ela então um fator acelerante desta precarização, tendo em vista que a mesma já existe desde muito antes do surgimento do vírus mortal.

Isso também não quer dizer que a pandemia deva ser menosprezada ou mesmo ignorada enquanto forte fator precarizante do trabalho no modo de produção capitalista. Para Antunes, essa situação evidencia o fogo cruzado. Pois por um lado

é preciso que haja isolamento social e quarentena para se evitar o contágio pelo coronavírus. Sem isso, a classe trabalhadora será cada vez mais contaminada, adoecendo e perecendo em maior quantidade. Mas como ficarão em isolamento social os/as *desempregados/as*, os/as *informais*, os *trabalhadores/as intermitentes*, os/as *uberizados/as*, os/as *subutilizados/as*, os/as *terceirizado/as* isto é aqueles que não têm direitos sociais e que recebem salários somente quando executam algum trabalho? E quanto ao pequeno

“empreendedor” (que descrevi em *O Privilégio da servidão* como sendo, simultaneamente, *burguês-de-si-mesmo* e *proletário-de-si-mesmo*), que em meio à pandemia não tem o que vender (pois não há consumidores), nem renda, nem previdência, nem convênio de saúde? Como será possível driblar o trabalho dito *flexível, digital, “moderno”*, que tenderá a se intensificar enormemente se o *capital pandêmico* continuar a comandar o mundo segundo seus interesses? (ANTUNES, 2020, p. 14, grifos do autor)

Pois então, neste cenário mais do que caótico, como são as condições de vida e trabalho entre professores e professoras de danças fitness na região metropolitana de Goiânia?

## **CAPÍTULO 1 – PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA**

Neste capítulo trataremos do trabalho primeiramente em sua dimensão ontológica, fundante do ser humano social, para depois então entrarmos no contexto histórico do trabalho como cerne do modo de produção capitalista, categoria a qual estão incluídos os profissionais estudados nesta trabalho. Buscaremos elementos teóricos no marxismo para explicar tais conceitos, pautando-nos em tal autor e em escritores que fazem uso de suas teorias para o referencial teórico.

Para entender o processo social da precarização entre os professores e professoras de danças fitness da cidade de Goiânia, devemos voltar, e muito, no tempo e entender desde quando ocorre esse processo precarizante no trabalho; desde quando o trabalho deixou de ser o porquê e passou a ser apenas uma atividade meio para um fim, ou seja, desde quando o ser humano deixou de ser autônomo no trabalho a fim de satisfazer o seu ‘eu social’, suas necessidades físicas, mentais e espirituais e passou a vender sua força de trabalho como moeda de troca.

Marx (2013, p. 102), em *O Capital*, conceitua a concepção de trabalho enquanto condição humanizadora:

como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.

O trabalho é a ação do ser humano sobre a natureza a fim de satisfazer suas necessidades físicas, espirituais e culturais. Surge como a necessidade de transformação da natureza para suprir suas necessidades, ou seja, a transformação do mundo exterior ao ser humano em objeto para suas necessidades, ou também processo de objetivação.

Como condição humanizadora, o trabalho é essencial para a produção e reprodução da vida humana, sendo que sem ele, a humanidade não teria aparecido sobre a face da Terra. Ou seja, o trabalho é mais do que meramente uma atividade econômica, ele se apresenta como precursor das relações sociais humanas ao longo da história.

Sendo o trabalho a condição humanizadora do ser humano, que transforma o mundo exterior em objeto, planejando e executando ações para a finalidade de sua satisfação; pelo trabalho também o ser humano é transformado, sendo este o processo de apropriação.

Este mesmo processo é descrito por Furtado (2012, p.118) quando explana que

o trabalho é uma ação corporal que promove o intercâmbio orgânico do homem com a natureza, transformando-a e a partir dessa transformação produzindo a satisfação das necessidades materiais de sua existência.

Em Lukács (2004), podemos entender a categoria ontológica do trabalho, pois por meio dele se realiza uma posição teleológica no ser material ao mesmo tempo que surge a sua nova objetividade, sendo o trabalho, “o modelo de toda a práxis social” (LUKÁCS, 2004, p. 29).

Todos os animais têm a capacidade de intervir na natureza para satisfazer suas necessidades. O que diferencia o ser humano dos demais animais é a sua capacidade de planejar essa intervenção na natureza para seu objetivo específico, como pode ser esclarecido por Furtado (2012, p. 68):

o trabalho é uma ação que possui a finalidade de produzir algo na realidade que já está concebido no pensamento. Nesse processo, o que foi concebido anteriormente pelo pensamento é exteriorizado ou objetivado na realidade exterior, ou seja, na natureza.

Por meio dessa relação dialética, há o processo de identificação, no qual o sujeito se identifica com o fruto do trabalho antes mesmo dele ser real, por meio de sua imaginação e planejamento. Sobre essa capacidade do ser humano ante os demais animais, citamos também a passagem de Marx (2013, p. 188) em O Capital, que irá diferenciar o pior arquiteto da melhor abelha quando afirma:

uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade.

Marx (2013) fala que o objeto fruto de seu trabalho já estava em sua imaginação através da representação em sua mente, característica unicamente encontrada nos humanos. Durante a história, surge nessa relação de trabalho sistema de metabolismo social do capital e com ele o modo de produção capitalista. Relação essa em que, segundo conceitua Quelhas (2011, p. 79),

a produção de mercadorias tem finalidade distinta, pois seu objetivo é a criação de valor. Além disso, a produção mercantil capitalista desenvolve-se sob a propriedade privada dos meios de produção, onde o capitalista, seu proprietário, não trabalha, e compra a força de trabalho que produz mercadorias com os seus meios de produção.

Força de trabalho essa que Marx (2013, p.180) conceitua como

o complexo [Inbegriff] das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [Leiblichkeit], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo.

No modo de produção capitalista, o caráter útil do trabalho sofre transformações e a força de trabalho passa a ser subordinada ao capital privado. Aflora aqui o trabalho abstrato, fazendo cada vez mais desaparecerem formas de trabalho concreto.

Segundo Marx (2013, p. 98-99),

com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato.

Ou seja, o capital faz uso dessa condição humanizadora para ganhar em cima do excedente da força de trabalho, a mais valia, pois, segundo Quelhas, “somente por meio desta exploração é possível ao capitalista alcançar o lucro<sup>3</sup>, o objetivo da produção capitalista.” (2011, p. 79)

A mais valia aqui significa o valor excedente que o trabalhador ou trabalhadora produzirá para o capitalista. Este pode ser entendido como valor de produto pelo qual o trabalhador ou trabalhadora não será remunerado, ficando somente para o capitalista. Como por exemplo, um trabalhador será pago para trabalhar durante uma jornada de trabalho<sup>4</sup> para produção de algum objeto, e considerando que esse trabalhador, durante a produção, utilizará os recursos e meios de produção fornecidos a ele pelo capitalista, logo ele terá um custo para esse capitalista, e esse custo somado ao valor do dia de trabalho do trabalhador ou trabalhadora fará surgir o valor de produção.

---

<sup>3</sup> Apesar de aparecer o termo “lucro” durante a citação, deixamos claro que no contexto desta obra, usaremos a expressão mais valia, que se diferencia do conceito de lucro.

<sup>4</sup> Jornada de trabalho que também pode ser entendida como o tempo que uma pessoa pode trabalhar do começo até o fim de um dia.

Durante a jornada de trabalho, seja ela de 1, 4, 8, 12 ou mais horas, o trabalhador produzirá mercadoria que não será mercadoria dele, mas sim do capitalista. Esta mercadoria gerará mais valia para o capitalista, valor este que somente em parte (a menor possível) será passado para o trabalhador, na condição de salário. Assim fica o excedente, ou mais valia para o capitalista, perpetuando a lógica fundante do modo de produção capitalista.

Relembrando importante conceito de Marx (2013, p. 194), podemos crer que o capitalista não entrará em seu ramo de produção para somente produzir valor-de-uso, pois somente esse não atrai interesse ao capital. Logo, “Ele quer produzir não só um valor de uso, mas uma mercadoria; não só valor de uso, mas valor, e não só valor, mas também mais-valor”.

Fixando a ideia de que a produção e a extração da mais valia são elementos fundamentais do capitalismo, Quelhas (2011, p. 79-80), após analisar o capítulo V do livro I de O Capital, diz que Marx

demonstra que existe uma diferença entre o valor da força de trabalho e o valor que ela cria no processo de trabalho, e é esta diferença de valor que interessa ao capitalista quando compra a força de trabalho. Este mecanismo independe da complexidade do trabalho realizado, pois a origem da mais-valia<sup>5</sup> é um excedente quantitativo de trabalho, não importando se na produção de fios ou no processo de produção de artigos de ourivesaria. O conceito de mais-valia tem grande importância na construção do conceito de trabalho produtivo e conseqüentemente, de trabalhador produtivo na teoria de Marx.

Seguindo essa linha de raciocínio de Quelhas, podemos entender como funciona o processo de valorização do capital: este faz o uso da força de trabalho não somente para a produção do valor de uso, mas para a produção da mais valia, e também para a valorização do capital.

Isso implica em ‘o capitalista’ não ser parte do corpo produtivo, mas sim o detentor dos meios de produção e da força de trabalho de seu trabalhador ou trabalhadora, para então através da maior exploração desses mecanismos poder valorizar ainda mais seu próprio capital, dinâmica esta principal característica do modo de produção capitalista em geral.

Segundo Quelhas (2011), O trabalho produtivo é abordado por Marx pela primeira vez no capítulo V do livro I de O capital, ao analisar os elementos que compõem o processo de trabalho em qualquer estrutura social que esteja inserida. Marx (2013, p. 190) conceitua o trabalho produtivo sob dois pontos de vista, sendo o primeiro do ponto de vista do resultado,

---

<sup>5</sup> Apesar que em citações contidas nesta obra aparecem diferenças na nomenclatura de mais valia, mais-valia ou mais valor, nós adotaremos o termo ‘mais valia’, ficando as diferenças na nomenclatura somente nas citações.

do produto, onde “tanto o meio como o objeto do trabalho aparecem como meios de produção, e o próprio trabalho aparece como trabalho produtivo”.

Já o segundo ponto de vista, dito no capítulo XIV do livro I de O Capital, visa o processo de valorização capitalista, para o qual, como já afirmamos, não bastará somente produzir valor de uso para ser produtivo, mas também será necessário este trabalho produzir mais valia. Sobre isso, Quelhas (2011, p. 80) diz que

a ampliação da categoria de trabalho produtivo aparece junto à formulação da categoria de trabalhador coletivo. Para ser produtivo não é mais necessário “pôr a mão na massa”, manipular diretamente a matéria prima através dos meios de trabalho, pois uma série de serviços realizados por trabalhadores assalariados deve ser considerada parte do que realiza o trabalhador coletivo.

Ou seja, para ser considerado trabalhador produtivo, o trabalhador ou a trabalhadora não precisa necessariamente ter contato direto com a produção do objeto, mas sim produzir mais valia ao capital, a exemplo dos prestadores de serviço que não precisam ter contato direto com o objeto em sua fabricação, como fazem por exemplo os serviços de transporte.

Sobre a conceituação do trabalho produtivo no processo de valorização do capital, Marx (2013, p. 382) ressalta que

O produto, que antes era o produto direto do produtor individual, transforma-se num produto social, no produto comum de um trabalhador coletivo, isto é, de um pessoal combinado de trabalho, cujos membros se encontram a uma distância maior ou menor do manuseio do objeto de trabalho. Desse modo, a ampliação do caráter cooperativo do próprio processo de trabalho é necessariamente acompanhada da ampliação do conceito de trabalho produtivo e de seu portador, o trabalhador produtivo. Para trabalhar produtivamente, já não é mais necessário fazê-lo com suas próprias mãos; basta, agora, ser um órgão do trabalhador coletivo, executar qualquer uma de suas subfunções.

Marx (2013), diz que se o trabalhador, independentemente de sua função, produz mais valia ao capital, ele é considerado trabalhador produtivo na lógica capitalista, visto que essa produção é o objetivo central do capital.

Sobre os dois pontos de vista do trabalho produtivo<sup>6</sup>, Marx (2013, p. 382) não exclui um ao falar de outro, mas sim o completa, sendo que

---

<sup>6</sup> A discussão sobre trabalho produtivo e improdutivo na relação ontológica do trabalho e na relação do trabalho capitalista vai muito mais afundo do que o que fora explanado nesta obra, mas não entraremos nesta discussão por ela fugir ao objetivo principal da obra.

A definição original do trabalho produtivo citada mais acima, derivada da própria natureza da produção material, continua válida para o trabalhador coletivo, considerado em seu conjunto. Mas já não é válida para cada um de seus membros, tomados isoladamente.

Marx (2013, p. 382) ainda diz que “só é produtivo o trabalhador que produz mais valia para o capital, servindo assim à auto-expansão do capital”. Destaca-se nesse ponto que o trabalho produtivo não se restringe somente a quem produz, mas também a prestadores de serviço, a exemplo dos professores de dança, que em seu labor estão a serviço do capitalista.

Para exemplificar isso Marx (2013, p. 382) traz o exemplo do mestre-escola:

um mestre-escola é um trabalhador produtivo se não se limita a trabalhar a cabeça das crianças, mas exige trabalho de si mesmo até o esgotamento, a fim de enriquecer o patrão. Que este último tenha investido seu capital numa fábrica de ensino, em vez de numa fábrica de salsichas, é algo que não altera em nada a relação.

Como dito por Quelhas (2010, p. 82) “trabalho produtivo é aquele que se troca diretamente por dinheiro na qualidade de capital”. Ou seja, não somente na dança ou na educação física, mas em qualquer área o trabalho, produtivo será aquele em que se tem a troca de mercadoria ou serviço por dinheiro, sendo esse dinheiro não direto para o trabalhador, mas para o seu chefe, o capitalista.

Quelhas (2010, p. 84) também vincula o ramo fitness<sup>7</sup> ao trabalho produtivo ao dizer que

Portanto, os serviços produtivos no segmento fitness podem ser considerados como pertencentes às atividades capitalistas produtivas, quando prestados diretamente por empresas privadas ao consumidor, e os trabalhadores que vendem sua força de trabalho para estas empresas como trabalhadores produtivos, pois conforme Marx (1987) assinala, o capitalista se enriquece por meio da compra da força de trabalho desses trabalhadores.

Para Carcanholo (2007) o que irá diferenciar a mercadoria-serviço e a mercadoria-objeto é simplesmente como a mercadoria será consumida simultaneamente com a produção, a exemplo da mercadoria trabalho de professores de dança, que é a aula dada, onde a mercadoria será a atividade feita na aula, ou seja, serviço produzido e consumido ao mesmo tempo.

Entendemos assim, que a precarização do trabalho, do trabalhador e trabalhadora é uma característica do modo de produção capitalista e que ocorre desde que o mesmo existe, a

---

<sup>7</sup> Ramo específico de atuação de professores de danças estudados nesta obra.

exemplo das indústrias fordistas-tayloristas desde o final do séc. XIX, ou mesmo muito antes, com os primórdios da revolução industrial, e também no modelo toyotista, e presente até hoje nas características de muitas indústrias de vários segmentos, dimensões, etc.

Antunes (2018, p. 129) Conceitua esse trabalho como “alienado, fetichizado e abstrato” e conclui ao dizer que esse trabalho “se transforma em objeto de sujeição, subordinação, estranhamento e reificação”.

O trabalhador neste cenário é desprovido de direitos, possui longas jornadas de trabalho, com vários riscos e nas quais ocorrem diversos acidentes, levando trabalhadores ao esgotamento, à invalidez e até mesmo à morte.

Com o passar dos anos, o modo de produção capitalista vem se atualizando e redesenhando em função de se extrair cada vez mais de seus trabalhadores e trabalhadoras, onde através dessa exploração, ainda existente e até mesmo intensificada pela aceleração dos modos de produção, são levados, a classe trabalhadora, a correrem ainda mais riscos, não apenas físicos, mas agora também mentais, dadas pela pressão empregada a eles, velado pela indústria cada vez mais enxuta, onde estes trabalhadores e trabalhadoras acumulam funções, tem o tempo cada vez menor para fazer essas funções e cada vez mais pressão por resultados.

Vale destacar aqui o trecho de uma das entrevistas realizadas neste trabalho, na qual é possível evidenciar as consequências dessa exploração na vida de um professor ou professora de dança, que quando perguntado se já teria sofrido lesões decorrente da sua atuação nos disse

sim, os dois. ciático inflamado durante a aula que eu quase cai durante a aula, ligamentos do joelho rompendo, não chegou a romper mas estava no caminho, tive até que parar uma semana sem dar aula, mais de uma semana na verdade por causa disso, pra fazer fisioterapia, ficar tratando, se não ia ter que fazer cirurgia. o mais grave foi os joelhos. durante a aula nunca. já cai de moto indo dar aula e isso atrapalhou minhas aulas. [...] sofro de ansiedade extrema, sofri mais já na pandemia, no início da pandemia, teve surto etal, tomar remédio forte, aí como agora eu uso meu trabalho de consultor de venda, que comecei por causa da pandemia, ai isso que me ajuda a controlar as minhas ansiedades. (E04)

Situação que pode ser expressa por Antunes (2018, p. 31) quando diz que:

O sentido do trabalho que estrutura o capital (o trabalho abstrato) é desestruturante para a humanidade, enquanto seu polo oposto, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade (o trabalho concreto que cria bens socialmente úteis), torna-se potencialmente desestruturante para o capital.

Destaca-se que essa tendência iniciada a séculos atrás não desaparece e a cada dia se reestrutura a favor do modo de produção capitalista, de modo a desumanizar ainda mais o trabalhador. E assim se perpetua a lógica da mais valia do capital: através da retenção do produto da força de trabalho da classe trabalhadora. Vale destacar ainda na fala de Antunes (2018, p. 66):

uma vez que os capitais buscam com frequência aumentar o mais-valor (tanto o relativo quanto o absoluto), a incessante ampliação da troca desigual entre o valor que o proletariado produz e o que recebe é uma tendência presente na própria lógica do capitalismo. Para tanto, são usados vários mecanismos, como a intensificação do trabalho, o prolongamento da jornada, a restrição e a limitação dos direitos, os novos métodos de organização sociotécnica do trabalho etc.

Vemos assim a situação vivida hoje por imensa parte dos trabalhadores pelo mundo, incluídos a estes a particularidade da classe trabalhadora estudada nesta obra, os professores e professoras de danças fitness. É parte estruturante do modo de trabalho e vida capitalista a superexploração da mão de obra do proletariado para servir e aumentar assim o capital. Durante as entrevistas, quando perguntado se sentia explorado em seu trabalho, um dos entrevistados nos disse que sim, e quando perguntado como foi essa situação nos disse:

por exemplo, pedir coisas desnecessárias como achar que você é um garoto propaganda da academia, que você deve ficar divulgando sempre, eu acho isso muito errado, porque a gente não trabalha pra ser propaganda da academia, não trabalha com publicidade da academia, estamos lá pra dar aula, pra divulgar nossa aula, o nosso trabalho, e a academia também é obrigada a divulgar a nossa aula, porque a gente está dando aula na academia então acho que o principal é a academia fazer seu trabalho e divulgar todas as aulas e modalidades, não o professor, porque se o professor ter que assumir essa responsabilidade de fazer propaganda pra academia, então acho que ele também tem que ser remunerado nessa situação. (E03)

O privilégio da servidão é estar incluído a essa massa que detém seu emprego precarizado, e ter seus direitos não respeitados e ainda agradecer por estar incluído nesta classe e não na condição de desempregado, sem meios de sobrevivência na sociedade.

O novo proletariado de serviços aparece nesse personagem como descrente em relação ao futuro, resignado e ao mesmo tempo descontente quanto ao presente. (ANTUNES, 2018, p. 28).

Desde que se assume a forma de trabalho alienado, ou como moeda de troca do modo de produção e de exploração do capitalismo, o trabalho assume uma forma dolorosa para seus trabalhadores, dada as explorações físicas, mentais e emocionais agregadas às suas atividades, sempre com o medo de perder a sua renda e ser engolido pelo desemprego.

Mas também têm o medo de viver somente para o trabalho, característica também do trabalho abstrato, que usa de sua exploração para muitas vezes deixar o trabalhador tão preso em seu labor, que não sobra tempo para o lazer ou mesmo uma vida fora do trabalho, através de jornadas incessantes, desgastantes e mais extensas de trabalho, ou mesmo pelas preocupações no mesmo, o trabalhador não consegue se desprender do trabalho, isto é, ele não está trabalhando, mas está com a mente no trabalho e suas preocupações relacionadas a ele, como dito por Antunes (2018, p. 31)

Na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência e felicidade social, o trabalho é também uma atividade vital e omnilateral. Mas, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho – como muitas vezes ocorre no mundo capitalista e em sua sociedade do trabalho abstrato –, ela se converte em um mundo penoso, alienante, aprisionado e unilateralizado. É aqui que emerge uma constatação central: se por um lado necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador e transformador, por outro devemos recusar o trabalho que explora, aliena e infelicitiza o ser social, tal como o conhecemos sob a vigência e o comando do trabalho abstrato.

Ou seja, ao mesmo tempo que devemos trabalhar para nos firmarmos como humanos, emancipados, também deveríamos recusar o trabalho que nos aliena e não nos traz felicidade. Trecho importante de uma entrevista nos relata essa situação na vida do professor ou professora de dança. Quando perguntado o que mais gostava de fazer em seu momento livre, um dos entrevistados nos relatou:

nada, literalmente nada, não fazer nada, de não ter obrigação nenhuma ali, de não ter horário e etc. o meu lazer é não fazer nada, mas a cabeça funciona 24 horas. [gostaria de] não pensar em trabalho, porque eu não consigo desligar muito do trabalho, porque como não é só a dança, tem o vendedor e o design então minha cabeça funciona em trabalho 24 horas, desde quando eu acordo até eu dormir. sofro de ansiedade extrema, sofri mais já na pandemia, no início da pandemia, teve surto etal, tomar remédio forte, aí como agora eu uso meu trabalho de consultor de venda, que comecei por causa da pandemia, aí isso que me ajuda a controlar as minhas ansiedades. (E04)

Charles Dickens, em *Tempos Difíceis* (2014, p. 33), nos dá uma breve noção da monotonia do trabalho alienado quando diz “para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior”.

O trabalho no mundo capitalista é exatamente isso: um trabalho penoso e unilateralizado, no qual o trabalhador vai receber uma pequena remuneração pela venda da sua força de trabalho. Como diz Marx (2004, p. 83):

o trabalhador só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa. O seu trabalho não é portanto voluntário, mas forçado, trabalho obrigatório.

O trabalhador, quando no trabalho, não é feliz e somente fora do trabalho consegue tentar ser feliz. Um se separa do outro quando está na atividade laboral. Na dança vemos muitas vezes o trabalhador estar feliz na sua atividade de serviço pela sua ligação emocional com a atividade de dançar, mas seria essa atividade laboral um trabalho concreto ou alienado?

Quando no trabalho, o trabalhador da dança pode até se sentir livre, emancipado, etc., mas isso seria por uma característica do trabalho concreto ou somente pelo prazer físico, emocional e cultural da atividade “dança<sup>8</sup>”? Tendo em vista que para ser trabalho concreto não bastaria somente o prazer no labor, mas também outras características citadas como liberdade, autonomia do ser social, etc.

Nas entrevistas esse tema quando discutido sempre rendiam as mesmas respostas, de que a principal motivação para trabalhar era a paixão pela dança e por ensinar a dançar. Um trecho interessante dessas respostas foi visto quando perguntado o porquê de se sentir feliz mesmo na situação de precariedade das condições de trabalho:

a importância que os alunos, a necessidade que os alunos sentem e têm pelas aulas, que tipo assim de você saber que eles meio que pararam um tempo ali pra tá agendando as aulas, pode ser final de semana, viagem, ou então em algum outro momento deles de lazer porque todos eles me falam que a aula é o lazer deles, então às vezes igual final de semana estão em uma viagem, festa ou algo do tipo eles lembrarem daquele momento, daquela aula que teve, daquela brincadeira na aula que teve, então isso é bem legal, é uma das coisas que não deixa eu desistir, eu parar. essa felicidade tem mais a ver com o sentimento que a dança causa em mim do que o trabalho em si. é pelo o que proporciono pros meus

---

<sup>8</sup> Nesta ocasião, trataremos a atividade dança segundo conceito de Turner (2014) que trata a mesma como “uma ‘linguagem natural’ por meio da qual os seres humanos transmitem significados com performances organizadas, tipicamente acompanhadas por música e fantasias. A dança ocorre numa miríade de formas e com múltiplas funções” (TURNER, 2014, p.333).

alunos, é o que mais é gratificante. (E04)

Alves (2000, p. 356) nos mostra algumas consequências dessa dinâmica perversa do capital:

Houve a diminuição relativa da classe operária fabril tradicional em relação ao conjunto dos demais trabalhadores, ao mesmo tempo em que a participação de trabalhadores em unidades de subcontratação industrial e de serviços, caracterizados por estatutos sociais precários, aumentou relativamente.

Quando Alves explana o surgimento dessas unidades de subcontratação, podemos exemplificar através dos termos hoje ditos chamados pela ampla mídia de trabalhadores informais, terceirizados, temporários, sub-empresários ou mais romanticamente falados "autônomos".

Antunes (2018, p.30) diz que

em pleno século XXI, mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver e encontram, cada vez mais, situações instáveis, precárias, ou vivenciam diretamente o flagelo do desemprego. Isto é, ao mesmo tempo que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadoras em escala global, há uma redução imensa dos empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais e a erosão de suas conquistas históricas, consequência da lógica destrutiva do capital que, conforme expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo produtivo (em sentido amplo), recria, nos mais distantes e longínquos espaços, novas modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, "flexível", depauperando ainda mais os níveis de remuneração daqueles que se mantêm trabalhando.

Ao mesmo tempo que o ser humano passa a depender cada vez mais do trabalho como forma única de subsistência de suas necessidades, observa essa tendência perversa do capital em que, para se manter de pé, exclui milhões de pessoas de suas ocupações formais (com direitos) e traz esses mesmos trabalhadores para dentro, de forma mais precária (terceirizações, informalidades, pseudo-empresariados, etc.) tirando deles esses direitos conquistados através de muitas lutas e revoluções.

Como vemos desde o advento do capitalismo, o processo de trabalho sofre grandes transformações em sua essência ao longo do tempo, causando sempre mais estranhamento em seus trabalhadores, que por sua vez sofrem mais consequências desastrosas desses processos. O capital faz isso sempre em benefício próprio.

Antunes (2018, p. 36) diz que

um resultado forte de tais tendências é que, ao contrário da retração ou descompensação da lei do valor, o mundo do capital vem assistindo a uma forte ampliação de seus mecanismos de funcionamento, incorporando novas formas de geração de trabalho excedente (presentes nos trabalhos terceirizados ou pautados pela informalidade etc.).

Como dito por Antunes (2018), o capital se atualiza sempre para manutenção da sua sobrevivência, passando também a fazer uso da informalidade para sua manutenção.

Vale salientar que os trabalhadores da dança poderão ser considerados nesta obra como trabalhadores terceirizados e/ou precarizados e/ou flexibilizados e/ou uberizados e/ou trabalhadores informais, cabendo qualquer uma das nomenclaturas acima a eles.

São considerados terceirizados uma vez que esses trabalhadores podem assumir papel de parceiros com a empresa, velada condição que tiram deles os seus direitos trabalhistas, e tendo como base os seus resultados para a obtenção de salário, como explicado por Antunes (2018, p. 37):

a terceirização vem se tornando a modalidade de gestão que assume centralidade na estratégia empresarial, uma vez que as relações sociais estabelecidas entre capital e trabalho são disfarçadas em relações interempresas, baseadas em contratos por tempo determinado, flexíveis, de acordo com os ritmos produtivos das empresas contratantes, com conseqüências profundas que desestruturam ainda mais a classe trabalhadora, seu tempo de trabalho e de vida, seus direitos, suas condições de saúde, seu universo subjetivo etc.

Os professores de dança estão inseridos nesse novo sistema de trabalho, e agora além das características citadas antes pelo trabalho abstrato e alienado, também passam a ser profissionais “terceirizados”, ou seja, uma nova classificação de trabalho centrada pela informalidade do profissional da dança junto a empresa, que ao manter o trabalhador informal, não precisa gastar com encargos trabalhistas ou afins, deixando o trabalhador à mercê de seus direitos.

Essa modalidade de trabalho pode ser pautada como forma de trabalho na qual as empresas ampliam seus mecanismos de sobrevivência, incorporando novas formas de geração de empregos pautados na transferência da responsabilidade de manutenção dos empregos para o próprio trabalhador ou trabalhadora, sob forma de relação interempresa ou informal, com características de alta pressão por produtividade e conseqüentemente por resultados; redução de custos para a empresa, de forma a flexibilizar a relação capital-trabalhador.

Nesse processo, o trabalhador passa também a ser escravo do si mesmo no trabalho, a exemplo de trabalhadores “livres” que atuam por exemplo em plataformas como a Uber. Nesse

ponto, os professores de dança também podem ser considerados trabalhadores Uberizados, ou seja, categoria que é, segundo Antunes (2021, p. 86) “uma nova tecnologia de gestão – ou seja, outra forma de gerir o trabalho enquanto tal, que cria uma forma de contratação por demanda.” Este conceito descrito por Antunes é um dos usuais para a expressão. “uberização”, que nos remete a plataforma Uber e a um dos seus movimentos que é justamente o de trabalhos por plataformas, cujo já até existem plataformas para profissionais de dança postarem suas aulas<sup>9</sup>.

São trabalhadores informais também, pois muitas vezes esses professores são contratados sob acordo verbal, sem nenhuma vinculação com seu local de trabalho, o famoso “boca a boca”. Estes profissionais, por não serem formalizados, não desfrutam de direitos enquanto trabalhadores. O que pode ser descrito por Antunes (2018, p.78)

Essa nova morfologia do trabalho abrange os mais distintos modos de ser da informalidade, ampliando o universo do trabalho invisibilizado, ao mesmo tempo que potencializa novos mecanismos geradores de valor, ainda que sob a aparência do não valor, utilizando-se de novos e velhos mecanismos de intensificação (quando não de autoexploração) do trabalho.

Isso pôde ser evidenciado também nas entrevistas quando perguntado a um dos entrevistados qual o seu vínculo com o atual local de trabalho:

informal, só acordo verbal, eu venho, se não vir tá ok, beleza. sem benefícios que teria com carteira assinada, sem 13°, sem férias, nem sei o que é férias, até posso ter férias se eu quiser, mas aí não vou receber. diria que estou na informalidade total. (E04)

Apesar de não configurar um trabalho formal de geração de mais valia, este pode e deve ser também considerado um trabalho produtivo, e visto que através da sua informalidade, o capitalista irá economizar na formalização deste trabalhador. Este regime de contratação passou a ser até mesmo mais vantajoso para o capitalista, o que fez com que tenha sido crescente a sua adesão, e assim deixando os trabalhadores invisíveis, ou seja, é como se ele não existisse. Sobre essa invisibilidade, Antunes (2018, p. 79) diz que

essa aparente invisibilidade do trabalho é a expressão fenomênica que encobre a real geração de mais-valor em praticamente todas as esferas do mundo laborativo no qual possa ser realizada.

---

<sup>9</sup> Categoria de trabalho crescente, mas que não será estudada nesta presente obra por fugir ao tema principal.

Aqui Antunes chama a invisibilidade do trabalhador de expressão fenomênica, responsável por deixar o trabalhador inexistente para a formalidade, o que traz para o capitalista a empresa enxuta (seu principal objetivo) que mais do que terceirizar o trabalho, ainda pode o colocar nas suas teias e tecer a relação trabalhador-capital da melhor forma possível para o capitalista, visto que aos olhos da lei dos direitos trabalhistas, esse trabalhador está invisível, ou seja, não existe.

A grande maioria dos professores de dança são categorizados como trabalhadores informais assalariados sem registro, que Antunes (2018, p. 80-81) conceitua como

à margem da legislação trabalhista, uma vez que perderam o estatuto de contratualidade e passaram da condição de assalariados com carteira assinada para a de assalariados sem carteira, o que os exclui do acesso das resoluções presentes nos acordos coletivos de sua categoria e os torna desprovidos dos direitos existentes para aqueles que têm contrato formal de trabalho.

Propositalmente, o capitalista tira o registro desses profissionais para enxugar a empresa de possíveis gastos com direitos trabalhistas, tendo em vista que muitos capitalistas, principalmente do ramo de academias costumam dizer “que um profissional formalizado custa para seu patrão, o dobro do valor de seu salário e se for assinar a carteira de todos que trabalham em seu local, não terá como pagar a todos e fechará as portas”. Fala essa que transfere a culpa de sua falta de direitos para o próprio trabalhador precarizado e até mesmo para o estado de direitos, ao mesmo tempo que tenta tirar de si a responsabilidade por precarizar seu trabalhador ou trabalhadora.

A profissão de professor de dança também pode ser altamente dispensável, na qual o trabalhador que não produzir o tanto que lhe é proposto, ou seja, não ter a quantidade de alunos exigida pela academia ou qualquer lugar que esteja dando a aula, logo não terá valor e sua relação capital-trabalhador não será compensatória nem para si mesmo e nem para o capitalista, assim sendo logo descartado pela empresa, por não atingir o objetivo esperado.

Uma categoria de trabalho a ser destacada por ser realidade de muitos dos profissionais de danças fitness na cidade de Goiânia é o *zero hour contract*, modelo no qual o profissional é remunerado apenas pelas horas trabalhadas, estando sempre à disposição de trabalho, como conceitua Antunes (2018, p. 39):

*zero hour contract*, modalidade perversa de trabalho que viceja no Reino Unido e se esparrama pelo mundo, em que os contratos não têm determinação de horas – daí sua denominação. Nessa modalidade, trabalhadores das mais diversas atividades ficam à disposição esperando uma chamada. Quando a

recebem, ganham estritamente pelo que fizeram, nada recebendo pelo tempo que ficaram à disposição da nova “dádiva”.

Quando nesta categoria, os profissionais de dança ficam à espera por disponibilidade de turmas nos seus locais de trabalho para só então dar aulas para essas pessoas e quando não tem turmas suficientes, não recebem pelo tempo que ficaram disponíveis para a empresa.

Daí também surge nova característica para esses trabalhadores, que muitas vezes têm a necessidade de terem turmas nos mais distintos locais e horários, ou seja, trabalham em um, dois, cinco ou mais empresas diferentes para ao final da jornada de trabalho, eles terem uma renda compatível com a necessária para sua sobrevivência.

Antunes (2018, p. 44) ao falar das mudanças advindas da indústria 4.0 cita algumas das consequências do processo de precarização do trabalho no modo de produção capitalista:

quando entram em cena os enxugamentos, as reestruturações, as “inovações tecnológicas da indústria 4.0”, enfim, as reorganizações comandadas pelos que fazem a “gestão de pessoas” e pelos que formulam as tecnologias do capital, o que temos é mais precarização, mais informalidade, mais subemprego, mais desemprego, mais trabalhadores intermitentes, mais eliminação de postos de trabalho, menos pessoas trabalhando com os direitos preservados. Para tentar “amenizar” esse flagelo, propaga-se em todo canto um novo subterfúgio: o “empreendedorismo”, no qual todas as esperanças são apostadas e cujo desfecho nunca se sabe qual será.

Um termo descrito para caracterizar os profissionais estudados pelo trabalho é o “Empreendedor”. Visto que na visão do capitalista, estes profissionais são prestadores de serviços que trabalham sob demandas e são pagos pelos seus resultados, o que não serve para valorizar a classe, e como pudemos ver na citação anterior de Antunes, de certa forma serve mais para “encaixá-los” no mundo do trabalho.

A classificação empreendedor dá um falso tom de liberdade, por causa da sua característica de ganhos por desempenho. Seria esse pseudo-empreendedorismo na verdade a classe-que-vive-do-trabalho, conforme descrito por Antunes (2018, p. 59):

Os trabalhadores e as trabalhadoras de serviços são, em última instância, partes da classe média emergente ou expressão do novo proletariado de serviços, da classe trabalhadora em sua nova morfologia, do que denominei classe-que-vive-do-trabalho.

Tendo em vista que os profissionais aqui estudados são na verdade prestadores de serviços, em sua grande maioria privados de direitos trabalhistas, tendo que trabalhar em vários

empregos, dentre mais características precarizantes, caberia mais classificá-los como acima descrito classe-que-vive-do-trabalho.

Mesmo que em condições precarizantes, muitos destes profissionais se encontram satisfeitos com sua situação, felizes com sua condição. Talvez por suprir suas necessidades específicas, ou pela ideologia pregada pelo capital de que esses profissionais são agraciados de desfrutarem de sua atual condição trabalhista, manipulação ideológica essa que captura do professor sua subjetividade real.

Alves (2008, p. 223) em seu artigo A subjetividade às avessas: toyotismo e ‘captura’ da subjetividade do trabalho pelo capital descreve tal processo de captura da subjetividade como

a constituição dos novos consentimentos espúrios exigidos pelo método toyota [que] ocorre por um intenso processo de manipulação da subjetividade do trabalho vivo (que é o conteúdo da “captura” da subjetividade).

Assim ocorre, através de seu processo manipulatório, a captura da subjetividade de seus trabalhadores e trabalhadoras, que são levados a pensar a favor do capital, “vestir a camisa da empresa”, e estarem sujeitos a ele. Alves (2008, p. 224) ainda diz

na medida em que o toyotismo baseia-se em atitudes e comportamentos pró-ativos, a construção do novo homem produtivo utiliza, com intensidade e amplitude, estratégias de subjetivação que implicam a manipulação incisiva da mente e do corpo por conteúdos ocultos e semi-ocultos das instâncias intrapsíquicas.

Ou seja, através dessa manipulação, o capital extrai não mais somente a mais valia de seu funcionário, mas também a essência de seus pensamentos manipulando e fazendo com que o trabalhador pense em favor do capital, omitindo da sua própria subjetividade, processo que segundo Alves (2008, p. 228) “o capital desenvolve e amplia o templo da alma<sup>10</sup> humana para dele se apropriar e espoliar, como no caso da pré-consciência, ‘capturando’ os sonhos diurnos”.

Exemplo disso é o trabalhador, ao se achar inserido no planejamento da empresa, fornecer ideias que poderão ser usadas pelo capitalista para se ter mais valia, mesmo que isso faça com que o próprio trabalhador tenha que se esforçar mais para que isso aconteça, e sem ganhar nada a mais por isso. Para isso, o capitalista pode até mudar a nomenclatura dos profissionais no trabalho, como Alves (2008) descreve ao dizer que nesse novo mundo do trabalho os operários ou trabalhadores passam a ser chamados de “parceiros(as)” ou

---

<sup>10</sup> Quando se fala de “alma”, Alves não está falando de alma no sentido cristão do termo, mas do que constitui o sujeito, características internas profundas individuais.

“colaboradores(as)”, o que significa somente uma mudança na nomenclatura, mas que manipula ainda mais os trabalhadores, fazendo que deste modo, estejam mobilizados de corpo e mente para a [re]produção do modo de produção capitalista.

Para dar embasamento a essa fala, vale ressaltar trabalho realizado por Santos (2019), que estudou a qualidade de vida e trabalho vividas por profissionais de dança do programa Zumba, no qual foram aplicados questionários com a finalidade de analisar as características sociodemográficas, econômicas e profissionais relacionadas às condições de vida e trabalho destes profissionais. Este estudo contou com a participação de 21 professores do programa Zumba de sete cidades do estado de Goiás. Santos (2019, p. 3) afirma que:

as contradições na percepção da Qualidade de Vida e nas condições gerais de trabalho dos profissionais, especialmente quando comparamos os resultados dos dois questionários. Apresentam índices de adoecimento mental significativo, baixa remuneração e pouco tempo de descanso e lazer.

Apesar de tais fatos, a grande maioria dos profissionais entrevistados responderam estar satisfeitos com sua vida atual, como diz Santos (2019, p. 31):

consideramos que a qualidade de vida/trabalho dos profissionais dessa modalidade de academia possui alto risco de lesões (elevada carga de esforço físico diário) e acidentes, principalmente relacionados ao pouco tempo entre os deslocamentos para os vários locais de trabalho (academias). Outro aspecto importante nessas condições de trabalho seria a marginalização no valor de suas receitas que ficam à mercê do mercado, pois este é influenciado tanto pela lei da oferta-procura, quanto pela desvalorização do trabalho entre os próprios profissionais que compõem esta população. No entanto, ainda que os riscos sejam altos e a profissão desvalorizada, esses profissionais avaliam sua QV e condições gerais de trabalho como boas.

No referido trabalho, através dos questionários pôde-se notar que muitos destes profissionais com o tempo de trabalho passaram a ter problemas de saúde, não só físicos como também emocionais. Também vale dizer que a remuneração dos mesmos não se faz satisfatória, mas que apesar de tudo isso, tais profissionais avaliam sua qualidade de vida como boas<sup>11</sup>.

Seriam essas respostas fruto de uma ligação emocional com o trabalho, capaz de velar seus olhos dos problemas enfrentados? Ou então fruto da manipulação exercida pelo modo de produção capitalista? Ou realmente, apesar de condições desfavoráveis, este trabalho seria satisfatório para os profissionais?

---

<sup>11</sup> Ressalta que este trabalho estudou as condições de vida e trabalho de profissionais de dança de um programa específico, a Zumba, e não de todos os programas de dança no mundo fitness da cidade de Goiânia.

Outra fala na entrevista também serve para conceituar essa ‘ligação emocional com o trabalho, na qual quando perguntado se sentia feliz na sua função de professor de dança, o entrevistado relata:

sim, acredito que quem trabalha com o que gosta não trabalha né, acho que esse é o ditado, é o que as pessoas costumam dizer quando a pessoa trabalha com o que gosta, não se torna um trabalho, se torna uma diversão, e pra mim a dança é realmente uma terapia, porque é aonde eu entro, aonde estou, aonde eu não vejo problemas, esqueço todos eles e me entrego ali e me sinto muito feliz, e saio dali como se fosse um batizado, você sai dali renovado. (E03)

Vemos através desta resposta que muitos professores, mesmo com condições de trabalho ruins, ainda se sentem realizados nas suas funções, pois os mesmos têm ligações emocionais com a dança e com o ensinar a dançar. Situação essa que muitos relatam poderem ser melhores, se as condições de trabalho fossem mais favoráveis para eles.

Temos, dentro da realidade dos professores de dança, ainda mais uma forma de vinculação com o capital, que é o regime de contrato de trabalho de tempo parcial, o chamado horista, que apesar de ter o contrato de trabalho, não desfruta de muitas vantagens em relação aos demais trabalhadores sem esse contrato. Isso porque, em contrapartida, esses profissionais tendem a ter um custo maior para o capitalista, que por sua vez emprega mais pressão por resultados do que aqueles precarizados sem direitos.

Trabalhar por horas não garante um salário mínimo, pois se não atingir uma jornada de trabalho convencional, logo as horas calculadas com base em um piso extremamente baixo, não serão suficientes para obtenção de um salário satisfatório. Isso sem contar em casos onde gestores são indicados a adotarem um piso salarial mais baixo, tendo em vista que por esse profissional ser vínculo formal de trabalho, ele gerará mais custos para sua empresa.

Tal realidade pôde ser vista em revistas da Associação Brasileira de Academias (ACAD) e na revista *Fitness Business Latin America* (2006), na qual, segundo Quelhas (2010, p. 85),

empresários são orientados a adotarem o contrato de trabalho pelo regime de tempo parcial, visando a redução de custos. Na Revista *Fitness Business Latin America* (2006), também voltada aos empresários, a matéria “Socorro, estou devendo!”, aponta as seguintes orientações para controlar os custos das empresas: (1) redução do número de aulas; (2) mesclar profissionais experientes com professores iniciantes, pois estes têm salários menores e são mais propensos a assimilar a cultura da academia; (3) propor metas e premiações para quem obtiver os melhores resultados.

Condições estas que não servem para outra coisa senão intensificar a produtividade no trabalho e pressionar ainda mais os profissionais por resultados.

Tudo isso para se extrair a máxima mais valia, para que assim possa valer a pena para o capitalista a formalização de trabalho desses profissionais, como Quelhas (2010, p. 87) explica:

outros mecanismos presentes nas convenções coletivas reforçam e configuram uma elevada extração de mais-valia dos trabalhadores: (1) admissão do contrato de tempo parcial; (2) pagamento de remuneração inferior ao piso profissional; (3) a possibilidade de redução da jornada de trabalho dos empregados no regime de tempo parcial, em razão de extinção de turma decorrente de baixa frequência de alunos; (4) possibilidade de criação do banco de horas que desobriga de pagamento de horas extra.

Neste contexto, o contrato de trabalho não se mostra eficiente para afirmar o respeito à profissão, mas se mostra eficiente quanto a forma de intensificar ainda mais o trabalho.

Temos também dentro deste meio a terceirização que várias academias e profissionais têm para desfetivar a ação docente do professor de fitness, e em particular, do professor de dança. Isso acontece quando a academia ou o próprio profissional se vincula a programas de aulas que criam todo o material a ser usado de forma padrão dentro da aula de tais professores, fazendo com que eles não mais criem sua ação laboral, mas apenas reproduzam o que foi produzido por terceiros, sem sua participação no processo criativo, e fazendo deles meros reprodutores da metodologia, sendo assim mais fúteis e descartáveis para o capital, que ao se desfazer de algum professor de tais programas, somente precisa encontrar outro professor do mesmo método, que entrará no lugar do primeiro e seguirá com a mesma forma terceirizada<sup>12</sup> de ensino em suas aulas.

Pinheiro e Pinheiro (2006) analisaram uma dessas propostas de terceirização de aulas de ginástica, o programa Les Mills, que na época do estudo era representado no Brasil através de uma franquia chamada Body System, onde a empresa fornecia sete programas de ginástica para a franqueada. Trimestralmente, os instrutores precisam renovar seu credenciamento após a conclusão e aprovação em programa de capacitação. Dentre as vantagens anunciadas no website da Body Systems do Brasil, destacam-se: padronização do serviço; treinamento da equipe de professores; suporte técnico e administrativo à academia franqueada (coordenados pela detentora da franquia no Brasil).

---

<sup>12</sup> Tendo aqui a terceirização, outro significado. Trata-se agora de o capital não contratar o trabalhador de modo informal, mas de contratar a empresa a qual o profissional está vinculado/licenciado.

Temos também outros casos de empresas que trabalham também no sistema de franquias, empresas de danças as quais a grande maioria dos professores de danças fitness são vinculados, como a Zumba, FitDance, RitmosFit, dentre outras, que cobram de seus “franqueados” uma taxa mensal, trimestral ou anual para que os mesmos possam usar o nome e a metodologia deles. Apesar de ser um movimento o qual o professor que deve ter contato com a empresa e não seus empregadores (capitalistas), os empregadores muitas vezes cobram desses professores que eles sejam vinculados às empresas para que cumpram pré-requisito para ter o emprego, ou mantê-los.

Sobre esse assunto, Quelhas (2010, p. 89) nos diz

No caso dos métodos padronizados de ginástica empregados, busca-se uma independência do trabalho vivo, já que a aula não é mais de um professor específico, mas possui a marca de uma empresa. Além da propaganda que se pode fazer sobre isso, os métodos padronizados permitem que a empresa tenha maior controle sobre a quantidade de usuários que serão atendidos durante cada aula ou sessão de treino.

Temos aqui então algo que serve para padronizar ainda mais o trabalho, passando o trabalhador além de todas características já citadas até aqui, a ser ainda mais dispensável para o capitalista, já que de professor, ele passa a mero repetidor de metodologias já criadas. Isso pode trazer, como já falado, consequências péssimas para a saúde do professor, seja em ordem física, mental ou emocional.

Para discussão sobre o processo saúde doença entre professores de danças fitness em Goiânia, vale destacar que começamos esta monografia crendo no conceito de qualidade de vida, assim como no conceito de qualidade de vida no trabalho e suas influências na vida dos professores de dança.

Para Minayo et al (2000, p. 10), qualidade de vida é

uma noção eminentemente humana, que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial. Pressupõe a capacidade de efetuar uma síntese cultural de todos os elementos que determinada sociedade considera seu padrão de conforto e bem-estar.

Ou seja, para tal concepção, qualidade de vida é estar satisfeito com sua vida, tanto em aspectos físicos, passando pela saúde, aspectos psíquicos e emocionais. Satisfação esta que pressupomos ser incompatível com a vida proletária dentro do modo de produção capitalista, Fernandes (1996) que diz que a qualidade de vida no trabalho é a gestão dinâmica e contingencial de fatores físicos, tecnológicos e sociopsicológicos que afetam a cultura e

renovam o clima organizacional, refletindo-se no bem estar do trabalhador e na produtividade das empresas. Gestão esta que é dinâmica porque as organizações e as pessoas mudam constantemente e o contingencial porque depende do contexto de cada empresa e do contexto que a mesma está inserida.

Qualidade de vida no trabalho seria então uma noção baseada em aspectos positivos ou negativos para o trabalho, avaliando nas esferas físicas, psíquicas e emocionais suas condições de trabalho, remuneração, satisfação com seu labor, pretensões de crescimento em seu trabalho, recompensas e valorização de seus resultados, etc. Ou seja, a real satisfação do trabalhador com seu trabalho.

Com o aprofundamento no tema do trabalho sob a lógica capitalista, para a qual o mais importante será sempre mais valia, fica claro que os conceitos acima citados não podem fornecer uma noção exata de como é a vida dos trabalhadores e trabalhadoras.

Antunes (2018) diz que sob a lógica do capital, o trabalhador tem no trabalho somente o meio de subsistência, capaz de somente pagar suas contas e sobreviver, e não mais o modo de sua efetivação como ser humano, característica do trabalho concreto de Marx. Pois então como ter qualidade de vida no trabalho, quando este passa a ser apenas o meio de produção para um fim de produzir valor que não será do trabalhador, mas sim do capitalista? Sendo assim, durante a produção deste trabalho, abandonamos os conceitos de qualidade de vida e qualidade de vida no trabalho e adotamos o conceito do processo saúde doença no trabalho capitalista.

Para salientar, vale destacar a fala de Laurell (1982, p. 16) que diz:

em termos muito gerais, o processo saúde-doença é determinado pelo modo como o homem se apropria da natureza em um dado momento, apropriação que se realiza por meio de processo de trabalho baseado em determinado desenvolvimento das forças produtivas e relações sociais de produção.

Aqui, Laurell mostra como é determinado o processo saúde-doença na sociedade do trabalho capitalista. É pertinente destacar que tal conceito do processo saúde-doença é muito mais recorrente na classe de trabalhadores estudada neste trabalho, em relação aos conceitos de qualidade de vida e qualidade de vida no trabalho que quando aparecem, parecem estar velados sob a visão distorcida pelo capital ao pressupor que o trabalhador é “agraciado” por ter um emprego, mesmo que precarizado, e não estar desempregado.

Ao compararmos tais conceitos com o processo saúde-doença na esfera do trabalho, podemos crer que qualidade de vida no trabalho se mantém na superfície da compreensão do

problema principal (a saúde<sup>13</sup> do trabalhador), apreendendo e se estruturando a partir da percepção que os trabalhadores têm da presença ou ausência de qualidade de vida nos seus respectivos trabalhos.

A noção de processo saúde doença em contrapartida apreende as relações mais profundas, subjacentes da articulação indissociável entre saúde e doença. Para esta concepção, saúde e doença não são separadas e opostas, como se saúde fosse a ausência de doença ou doença fosse ausência de saúde. O processo saúde-doença portanto é uma relação tensa e contraditória no qual saúde e doença coexistem no sujeito e na sociedade.

Para Freitas e Navarro, o trabalho capitalista adocece. Isso pode ser observado quando dizem que

os impactos na saúde de trabalhadores e trabalhadoras sofrem uma sutil modificação. Em acréscimo aos acidentes de trabalho e adoecimentos de ordem física, somam-se os acometimentos de ordem psíquica e uma forte predominância do sofrimento no trabalho. (FREITAS; NAVARRO, 2016, p. 11<sup>14</sup>)

Sendo assim, o trabalho sendo alienado, estranhado e explorador incide sobre o processo saúde-doença do ponto de vista do adoecimento, porém agora não somente em ordem física como na indústria fordista e taylorista, mas também, nessa nova morfologia do trabalho, esses adoecimentos entram em esfera psíquica e emocional, pelas altas pressões por maior produtividade do capitalismo moderno. Alves (2008, p. 236) diz que “as doenças do trabalho toyotizado são doenças psicossomáticas com impactos dilacerantes na instância psíquica e na corporalidade viva.”

Laurell (1982) fala que o tipo de patologia varia de acordo com os determinados grupos sociais que se encontram, ou seja, para determinar a patologia vivida por um grupo, deve não apenas investigar a prevalência da moléstia no grupo, mas também investigar o contexto social deste grupo.

Na obra de Santos (2019), 42,9% dos participantes relataram sentirem dores decorrentes de suas atividades de trabalho; e “outros 19% do grupo estudado relataram terem adquirido

---

<sup>13</sup> Neste momento, e para o significado a que a palavra saúde se refere no contexto, levamos em consideração o conceito de saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde) baseia-se no "estado completo de bem-estar físico, social e mental e não apenas a ausência de doença." (OMS, 2007).

<sup>14</sup> Este texto foi apresentado por Freitas e Navarro no X Seminário do Trabalho: Trabalho, Crise e Políticas Sociais na América Latina, entretanto, o site do seminário, onde consta os anais do seminário está fora do ar. Esta informação será corrigida até a entrega da versão final deste TCC.

lesões decorrentes de seus trabalhos, tais como fascite plantar, dores nos pés e dores nos joelhos, com consequente desgaste articular.” (SANTOS, 2019, p. 27)

Os resultados presentes na pesquisa de Santos (2019) mostram que uma longa carga de trabalho, atrelada a tempos mínimos de descanso e locomoção entre aulas podem ter ajudado a causar essas lesões nos profissionais estudados.

Assim podemos concluir sobre o processo saúde-doença destacados nos profissionais estudados na obra de Santos (2019), que existe a relação entre a doença no trabalho e o grupo social estudado, tendo em vista que profissionais de uma mesma área, que forcem o seu físico em frequências e tipos de movimentos parecidos, que sofrem o mesmo tipo de pressão no trabalho tendem a ter os mesmos problemas de saúde.

Tivemos durante as entrevistas relatos de professores que com as muitas aulas ministradas, sem o tempo de descanso suficiente e melhores condições de trabalho, acabaram por adquirir problemas de saúde, que chegam até a afetar suas aulas, como descreve um dos entrevistados:

à sim, fiz o curso de zumba, não filiei, não paguei o zin não, é verdade... foi o que acabou com meu joelho foi a zumba... podia falar? [...] zumba acabou com meu joelho, eu tinha o joelho super saudável, deixei de dar aula por causa da zumba. [...] Foi, os movimentos da aula de perna, muito arrastado né, os movimentos, trava perna, não dá não dá, não dá certo com o joelho. (E01)

Na realidade do trabalho do professor de dança no campo fitness, ainda temos uma particularidade, que é a noção de que esses profissionais precisam ter um corpo esteticamente padrão, ou seja, uma estética capaz de “impor respeito” e ser exemplo para seus alunos. Pois como profissional no ramo fitness, esse grupo compõe a ampla área de profissionais da saúde e o pensamento empírico da sociedade acaba por impor este padrão do corpo treinado, malhado, fitness<sup>15</sup>. Mas nem sempre esse corpo é saudável, tendo em vista que o conceito de saúde não abrange apenas o campo físico.

Este corpo padrão, quando existe, nem sempre é por vontade própria do professor, mas também como currículo, para se ter mais empregabilidade, ou mesmo, como mecanismo de manutenção das suas funções, tendo em vista que se exige um condicionamento físico relevante para dar conta da grande jornada de trabalho destes profissionais. Santos (2019, p. 12) nos diz

---

<sup>15</sup> O termo fitness empregado nesse momento remete ao corpo estético e assimétrico, com pouca gordura corporal e alto índice de massa muscular, o que nem sempre é feito de forma natural ou saudável.

que “esta inferência leva a crer que o professor de EF, é forçado por padrões e imposições, a ter uma vida regrada para ter condições de cumprir com as regras da profissão.”

Profissionais, que apesar de serem considerados da área da saúde e através de suas aulas levarem saúde a seus alunos-clientes, não apresentam condições favoráveis a sua própria saúde, tendo eles baixa remuneração, pouco tempo de descanso entre aulas, falta de formação continuada por parte de seus empregadores e altas pressões por produtividades e neste caso quantidade de alunos em suas aulas, o que acarreta, como mostrado no estudo de Santos (2019) problemas de ordem física, psíquica e emocional.

Fazer aula de dança pode ajudar na manutenção da saúde e bem estar não só físico, mas mental e emocional, mas ministrar 2, 3 ou 5 aulas de dança por dia, com pouco tempo de descanso entre elas, má remuneração e condições de trabalho incertas e desfavoráveis em vários aspectos não deve ser considerado benéfico para manutenção do bem estar do profissional da área.

## CAPÍTULO 2 – “CONSIGO FAZER O QUE DÁ PRA FAZER”

Neste trabalho optamos por fazer entrevistas ao invés de questionário ou outra forma de levantamento de dados, para que pudéssemos enquanto coletava os dados termos uma interação maior com nossos entrevistados, e através disso captar não somente as respostas, mas as reações, as expressões e observar e até mesmo participarmos da reflexão empenhada pelos entrevistados e entrevistadas durante o processo.

Nas respostas conseguimos levantar dados que nos indicam muitas questões abordadas e até mesmo questões não abordadas nesta obra. Trataremos delas a seguir por categorias.

### 2.1. PERFIL GERAL DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados 5 professores de dança, atuantes nas cidades de Goiânia e Aparecida de Goiânia. Este grupo compreende professores e professoras de idades entre 23 e 34 anos, maioria destes acima dos 29 anos. Todos eles solteiros<sup>16</sup>.

Todos eles relatam que tiveram seu primeiro contato com a dança de forma não profissional, a maioria deles relatam que tiveram o primeiro contato com a dança na infância ou adolescência, por gostarem de dançar; também a maioria deles relatam que começaram a dançar como alunos, em projetos sociais, aulas de outros professores, ou assistindo a espetáculos de dança e a partir daí se interessando pela dança. A exemplo disso temos o seguinte relato: “foi quando eu tinha 19 anos, num projeto ... num projeto governamental, aí surgiu a oportunidade de um colega meu dar aula e a gente era bem próximo e acabou que eu fui aprendendo com ele nas aulas a dançar.” (E01)

Todos os entrevistados relatam ter no mínimo o ensino médio concluído. Dentre eles, três têm formação superior, dois em educação física, sendo um em bacharelado e outro em licenciatura; e uma é formada e pós graduanda em engenharia civil. Nenhum deles tem formação em dança<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Solteiros não casados, mas em relacionamentos de namoro.

<sup>17</sup> Apesar de dar aula de dança ser a priori área de atuação de estudantes e formados em dança, no meio de trabalho da academia (local de atuação destes) não se é obrigatório nenhum tipo de formação superior para atuação. No máximo, alguns locais de trabalho dão preferência para estudantes e formados em Educação Física.

## 2.2. ANÁLISE PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS

A maioria destes professores relataram ter começado a dar aulas por terem tido oportunidades quando precisavam trabalhar, seja por estarem sem emprego, ou por verem no ato de dançar uma forma de fazer o que gostavam e receber por isso, como podemos ver neste relato:

então, foi bem por acaso, não foi nada pensado, foi surgindo a oportunidade, as pessoas me paravam e falavam que queriam aprender a dançar, mesmo eu não sabendo dançar, mas aí eu senti que eu tinha aquele dom de ensinar, não propriamente de dançar, mas de ensinar, de passar o pouco que eu sabia. (E01)

Todos os professores relataram já terem trabalhado em outras funções antes de se tornarem professores, e a maioria deles relatam terem deixado as profissões e ficado nas aulas de dança pelas oportunidades que tiveram quando precisaram por estarem desempregados ou insatisfeitos com seus empregos atuais; e também por terem prazer em dar aulas, fato que nos leva a pensar que estes professores sentem amor pela profissão de dar aulas, e as escolheram, como dito em uma das entrevistas:

deixei essa profissão de auxiliar administrativo para seguir como professor porque tive a oportunidade de atuar como professor, e como eu já gostava bastante disso, já levava como hobby, ia pra academia e sempre dançava, então decidi atuar como professor e ser a minha profissão atual hoje. (E03)

Apesar das adversidades e particularidades de cada um, decidiram atuar nesta função de livre e espontânea vontade, mesmo que em casos de que não tivessem outra opção no momento, ninguém foi forçado a dar aulas e/ou continuar dando essas aulas contra a sua própria vontade, segundo eles. Decidiram atuar na profissão por acharem conveniente.

Temos também uma contradição ao observar estas respostas, pois como relatam, escolheram a profissão, mas também a maioria deles estavam sem opções quando começaram, e mesmo que foi por vontade própria, também não poderiam deixar a profissão e voltarem a ficar sem renda, desempregados. Aqui reside essa contradição interessante: Escolheram a

profissão por amor à dança, e ao mesmo tempo não tinham outra opção que fosse melhor que a dança, seja por valor de trabalho comparado a jornada, ou seja pela situação de desemprego.

Para retratar essa contradição, temos o relato de como ingressou na profissão de professor de dança de um dos entrevistados:

decidi trabalhar com a dança pela oportunidade que apareceu nessa época. daí meus amigos que eram casados decidiram montar uma academia, dai eles perguntaram se eu já tinha dado aula, aí eu falei que tinha dado aula coletiva em condomínio como teste e enfiei a cara, pesquisei, não sabia muito, era muito leigo ainda, daí eles falaram ‘uai, bora fazer um teste aqui porque estamos abrindo a academia’, daí eles foi e vimos durante um mês, eu fui, deu certo e estou na profissão até hoje. não tive escolha, foi mais uma necessidade. meio que meio termo, foi oportunidade porque eu estava recebendo seguro, fazendo bicos, ajudando meu pai no emprego, fazia barman e garçom nos finais de semana, eventos, shows, daí eles como estavam abrindo, aí como no início não seria nem carteira assinada, eles falaram se eu queria fazer teste um mês pra ver se dava conta, pra ver se realmente ia querer dar aula coletiva em academia, e eu falei uai vamos e aí foi. (E04)

Tivemos entre os professores entrevistados, profissionais atuantes na área da dança a 5 meses e outros a mais de 11 anos, sendo a maioria deles atuantes há pelo menos 5 anos. Dentre eles havia quem estava atuando na primeira academia dando aulas, outro na sua sexta academia dando aulas, e outros que relatam já terem passado por mais de 50 lugares diferentes dando aula. Havia quem atuava em somente um local dando aulas, e outros que atuavam simultaneamente em mais de quatro lugares dando aula.

A maioria dos profissionais entrevistados se mantém em outros empregos, além da atuação no campo da dança. Dentre eles temos empresários, engenheira, vendedores, atuantes no mercado financeiro e somente um deles atua exclusivamente com a dança. Isso nos faz pensar que somente a atuação como professor de dança não se faz suficiente para se ter uma renda suficiente, sendo que quase todos precisam de outro emprego para complementar sua renda, sendo apenas um que trabalha somente dando aulas, e este mesmo precisa trabalhar em mais de quatro locais para se ter uma renda compatível.

Apenas três dentre os cinco entrevistados relatam serem licenciados por algum programa para dar aulas, dois deles pelo FitDance e um pela Zumba. Os outros dois professores disseram também já terem sido licenciados, porém atualmente não mais. Um deles relata querer voltar a ser licenciado, porém por condições financeiras agora não pode voltar. Isso nos faz refletir em como estão sendo explorados esses profissionais, que mesmo com uma remuneração

não suficiente precisam estar investindo nas suas carreiras a todo tempo, seja fazendo cursos de aprimoramento, seja custeando licenças em programas para dar aulas.

Quando perguntados se existe apoio para capacitações para melhorar enquanto profissional, pelos seus empregadores, todos relataram que esse apoio não existe, salvo um entrevistado que conseguiu custeio de metade dos custos de um curso uma vez só, para que ele licenciasse em um programa, com finalidade de dar essas aulas na academia que o mesmo trabalhava na época.

A carga horária deles foi variada, pois alguns atuam em poucos locais dando aulas, e outros já atuam em mais locais dando aula. O interessante de saber foi que estes quando nas suas outras funções tem carga horária grande, ou seja, não somente em quantidade de horas, mas em intensidade de trabalho, visto que quase todos trabalham em mais funções além da aula de dança.

Outro fator interessante é que estes profissionais se dedicam a planejar suas aulas nos seus tempos livres, chegando a dedicar até mesmo mais de uma hora por dia para planejar essas aulas, e mais interessante é que apesar de estarem se dedicando a seus labores, não recebem nada a mais por isso por parte de seus empregadores, nem em forma de salário, e nem em forma de qualquer tipo de auxílio.

A maioria dos professores relataram não participar das tomadas de decisões relacionadas aos seus lugares de trabalho, salvo quando o assunto é algo relacionado às suas aulas, como espaço, lotação ou horários, mas sempre a beneficiar a empresa, tendo sido observado que nenhuma das academias investem na formação ou melhoria destes profissionais.

A maioria desses professores relataram ter suas próprias formas de condução para ir dar aula, mas relataram não ter sido sempre assim, em casos até tendo sido este o motivo para eles deixarem um local de trabalho, como relata um dos entrevistados ao perguntado qual era sua forma de condução para ir dar aulas:

Sempre foi a pé, apenas em 2019 que comprei minha moto, mas já passei muito perrengue por ter que dar aula sem moto, de ônibus, já até sai de academia por influência disso. (E04)

Dentre as respostas a essa pergunta também tem um relato de um professor que andava a pé por mais de 40 minutos para ir dar aula:

só no comecinho que não no primeiro ano que não, nunca foi um

problema não, mas eu já cheguei a andar 50 minutos a pé pra dar aula, dava aula depois da maternidade, e saia daqui 7 horas da manhã e chegava lá 7:50, pra dar uma hora ou uma hora e meia de aula e voltar andando de novo. (E01)

Tivemos ainda uma entrevistada que relatou não ter condução própria e depender de aplicativos de transporte e caronas para poder ir dar aula: “eu vou de uber, aí na volta meu pai me busca na academia e me leva pra academia que eu treino como aluna.” (E05)

Podemos concluir assim que não existe somente uma situação desfavorável quando se está dando aula, mas também antes e após a aula, como nesses casos sobre as formas de condução. Quando dispõe de condução esses professores ainda correm o risco de se acidentarem, muitas vezes por causa do pouco tempo para se deslocar entre uma academia e outra.

Quando perguntados sobre a forma de vínculo que eles têm nos locais onde ministram aulas, tivemos as mais variadas respostas, mas a forma mais predominante foi o “acordo verbal”, ou seja, o combinado por conversa, que se encaixa na informalidade. Pudemos ver no decorrer das respostas as expressões quando feita essa pergunta fora muitas vezes de desgosto. Todos eles relataram terem locais de trabalho que pautam sob a informalidade, como dito por eles, o “boca a boca”. Por estarem na informalidade não desfrutam de nenhum direito trabalhista, como relatado por um dos entrevistados quando perguntado sobre qual sua forma de vínculo onde trabalha:

informal, só acordo verbal, eu venho, se não vir tá ok, beleza. sem benefícios que teria com carteira assinada, sem 13°, sem férias, nem sei o que é férias, até posso ter férias se eu quiser, mas aí não vou receber. diria que estou na informalidade total. (E04)

São raros os locais que contratam o professor e o formalizam, oferecendo a carteira assinada. A maioria dos entrevistados relataram já terem tido carteira assinada, mas o fato preocupante é saber que esses casos são esporádicos, muitos relataram terem trabalhado em ou no máximo dois lugares que assinavam a sua carteira, o que é pouco quando comparado ao total de locais que os mesmos já trabalharam. Isso nos faz concluir que é uma minoria de locais que reconhecem a importância de formalizar este profissional, e nos remete às discussões anteriores sobre a precariedade da relação capital-trabalhador ou trabalhadora.

Quando apareciam relatos de quando tiveram suas carteiras assinadas, os entrevistados relataram serem os locais onde conseguiam se sentir mais valorizados, devido ao fato de serem formalizados, não relataram terem sofrido diferenças salariais devido a condição de carteira

assinada, mas vale lembrar que esses locais foram uma grande minoria em comparação com a totalidade de locais que eles trabalharam.

Dentre os relatos apareceram profissionais que nunca tiveram suas carteiras assinadas em toda sua vida profissional, a exemplo da entrevistada 05 que relatou: “não, nunca trabalhei de carteira assinada.”

Houveram casos de professores que relatam terem sido formalizados em forma de contratos de trabalho, onde se tem apenas o contrato por eles assinado, sem nenhum tipo de legalização deste documento, como pode se ver nas respostas a seguir: “é contrato de pessoa física, por tempo indeterminado. não sei se esse contrato tem validade legal, eu acho que não” (E05). E tem também o entrevistado 01 que relata ter o contrato como forma de formalização do seu serviço, mas contrato sem valor legal, o que não lhe garante nenhum acesso aos seus direitos.

Quando perguntados sobre como avaliam as suas condições de trabalho, a maioria deles relatou considerarem bons locais para dar aula, salvo a problemas estruturais como uma sala pequena, ou a ausência de palcos ou aparelhos de sons de boa qualidade. Isso nos faz pensar em por que esses profissionais relatam considerarem as condições de trabalho favoráveis, se o mesmo, através de outras respostas a outras perguntas parecem ser precários. Seria essa uma resposta baseada no prazer que eles sentem ao dar aula? Pelo “amor à profissão”? Seria ainda a captura da subjetividade exercida quando em relação ao capital? A teoria de “vestir a camisa da empresa” estaria impactando na sua noção de boas condições de trabalho? Para isso teríamos que investigar mais a fundo essas boas condições.

### 2.3. RELAÇÃO DE TRABALHO, SAÚDE E LAZER

Para Laurell (1982) o tipo de patologia varia de acordo com os grupos sociais. Quando perguntados se já sofreram lesões decorrentes da sua atuação profissional, três entre os cinco entrevistados relataram que já sofreram lesões dando aulas.

ciático inflamado durante a aula que eu quase cai durante a aula, ligamentos do joelho rompendo, não chegou a romper mas estava no caminho, tive até que parar uma semana sem dar aula, mais de uma semana na verdade por causa disso, pra fazer fisioterapia, ficar tratando, se não ia ter que fazer cirurgia. o mais grave foi os joelhos. durante a aula nunca. já cai de moto indo dar aula e isso atrapalhou minhas aulas. (E04)

Este foi o relato de um dos entrevistados, que diz que já teve até que parar de dar aulas por mais de uma semana para tratar de dores decorrentes das aulas que dava. Relatou também já ter sofrido acidente de trabalho, ou seja, enquanto dava aulas:

[a sala de dança] tinha capacidade antes da pandemia a sala era capacidade de 30 pessoas, aí tinha dia que dava 40 a 50 pessoas, aí alguns alunos reclamavam porque era ruim pra ter espaço de dançar e tudo mais, aí solicitei um palco porque o pessoal não me via do meio pro fundo, até dei os exemplos de palco pra eles, aí eles foi e naquela de economizar que sai caro, arranjaram esses palcos de buteco com carpete e tanto que foi em uma das vezes que eu lesionei, então acabou que foi assim. uma das lesões foi no palco, no trabalho. (E04)

Quando perguntado se teve apoio em algum momento por parte da academia o mesmo disse:

Não, porque meio que tipo assim eles não botaram fé, disseram que já estava assim a muito tempo, antes do palco, tipo eu falei com o coordenador, com dono e foi como se tivesse falado com a parede, não tive assistência. (E04)

Outro entrevistado também atribuiu a atuação de professor de dança a responsabilidade por suas lesões ao falar que

fiz o curso de zumba, não filiei, não paguei o zin não, é verdade... foi o que acabou com meu joelho foi a zumba... podia falar? [...] zumba acabou com meu joelho, eu tinha o joelho super saudável, deixei de dar aula por causa da zumba [...] foi, os movimentos da aula de perna, muito arrastado né, os movimentos, trava perna, não dá não dá, não dá certo com o joelho. (E01)

Podemos ver aqui que como o entrevistado fala, os movimentos exigidos na aula dessa modalidade foram responsáveis pelo escorrimento de lesões em seus joelhos, o mesmo relata até mesmo que teve que parar de dar aula por 10 meses para tratar da lesão quando perguntado se já teve que fazer tratamento decorrente dessas lesões adquiridas enquanto trabalhava

tava na pandemia, começou a pandemia, aí eu tava com essa lesão, aí eu interrompi a minha aula, e tipo, já deu a pandemia de cara, aí eu aproveitei esse tempo, pra fazer o tratamento na academia mesmo, pelo pouco que eu sabia, aí eu fui melhorar depois de uns 9 ou 10 meses que eu fui começar a pegar alguma carga, mas eu não conseguia fazer nada, não conseguia fazer agachamento, não conseguia fazer leg, estava

fazendo só adutor, abductor, eu fazia stif que não tinha flexão de joelho só. (E01)

E conclui ao dizer que sua lesão mais séria

foi a do joelho, foi a do joelho, assim, eu falo mais séria porque essa definitivamente eu não conseguia dar aula, essa chegou eu lembro que deu uns 10 minutos de aula, eu já tava sentindo um pouquinho, aí eu comecei a dar aula, aí começou a dar choque, não conseguia movimentar, aí eu parei, não consigo mais dar aula, aí já falei que eu não consigo mais, que acabou. (E01)

Pudemos ver aqui como é a rotina de trabalho do professor de dança, que com sua atividade intensa e extenuante acaba adquirindo dores, lesões e as vezes chegando até mesmo a ter que interromper suas aulas para buscar tratamento, e quando isso acontece, salvo em casos que o professor tem a carteira assinada, ele não vai receber pelo tempo que fica se tratando. Outro exemplo disso é a fala do entrevistado que quando perguntado se tinha procurado tratamento respondeu: “eu já fiz vários exames, só que como eu sabia já como que era as lesões e o tratamento, aí os médicos iam falar pra eu parar e eu não podia parar, então nem aprofundei muito nos exames”. (E01)

Outro entrevistado também relatou ter sofrido lesões durante a aula ao responder quando perguntado se a lesão teria acontecido durante a aula:

Já sim, já tive uma lesão não, muito grave, mas aquelas lesões que acredito por mal jeito quando você está dançando acontece de pisar torto ou você cair né, com algum pulo agressivo, algum movimento agressivo pode ter causado alguma lesão no meu joelho, tornozelo e pescoço também. (E03)

Essas revelações não se estranham quando ditas a outros professores, que conhecem a realidade das aulas, e sempre já passaram ou conhecem algum colega de trabalho que já passou por essa situação.

Apesar de a maioria dos professores relatarem já terem sofrido lesões, apenas um dos professores relata tomar medicação e fazer tratamento prescrito para suas dores. Este mesmo professor relata tomar remédios para dor e também ter feito fisioterapia quando sentiu a lesão.

sim, fisioterapia. tive que fazer. conheci minha fisioterapeuta na minha aula, ela começou a fazer minha aula, daí os alunos comentaram com ela que eu não tava bem, que eu tava passando por isso e aquilo, aí como ela era fisioterapeuta ela pediu pra eu ir na clínica dela pra conhecer e também pra ela ver como eu estava mesmo, daí depois disso foi uns 2 a 3 anos me tratando.

até hoje assim se eu tiver uma lesão, se eu não tiver me sentindo bem ela bem, antes mesmo que seja pra me alongar de forma mais tensa. (E04)

E conclui dizendo que “já usei [remédios], os nomes não lembro ao certo, mas eram bem fortes para dor muscular. com prescrição da fisioterapeuta.” (E04)

Quando perguntados se tinham acesso ao lazer, tivemos muitas respostas diferentes entre os entrevistados. De modo geral, a maioria dos professores disseram terem acesso ao lazer somente nos finais de semana, que é quando não dão aulas.

Quando perguntados sobre a qualidade do seu lazer tivemos quem, apesar de ter somente o final de semana para o lazer, relataram ter uma boa qualidade do lazer, mas também houve quem dissesse que a qualidade do lazer era ruim.

Para então ter um panorama geral de como era a qualidade do lazer desses professores, foi perguntado se haviam atividades que eles quisessem fazer em seus tempos de lazer e que não conseguiam por algum motivo, daí as respostas foram mais pontuais. Em termo geral, a dos entrevistados disseram que gostariam de viajar, mas que a falta de tempo, e principalmente a condição financeira impediam que eles pudessem viajar, como relatado por um entrevistado quando feita essa pergunta, e que respondeu: “viajar, gostaria muito de viajar, mas não dá porque não tem dinheiro pra ir, e tempo também não tenho. dinheiro e tempo” (E05).

Uma resposta obtida remete a um trecho da discussão teórica sobre uma das características do trabalho abstrato, que usa de sua exploração para muitas vezes deixar o trabalhador tão preso em seu labor, que não sobra tempo para o lazer ou mesmo uma vida fora do trabalho. No trecho da entrevista foi perguntado justamente o que o entrevistado gostaria de fazer em seu tempo de lazer que por algum motivo não conseguia, A resposta foi a seguinte:

Não pensar em trabalho, porque eu não consigo desligar muito do trabalho, porque como não é só a dança, tem o vendedor e o design então minha cabeça funciona em trabalho 24 horas, desde quando eu acordo até eu dormir. sofro de ansiedade extrema. (E04)

Daqui podemos compreender um pouco do que esses professores passam, às vezes por pressão empregada pelo próprio capitalista, outrora empregada por eles mesmos que por suas preocupações, por preocupações financeiras, atreladas a má remuneração, se sentem mal e até ficam doentes, como no caso deste mesmo professor, que quando começou a pandemia de 2020 relata até ter sofrido surtos de ansiedade com relação a como seria seu futuro.

O mesmo relata: “sofro de ansiedade extrema, sofri mais já na pandemia, no início da pandemia, teve surto etal, tomar remédio forte” (E04). A ansiedade tem sido um fator adoecedor que assola todo o mundo do trabalho, e por assim dizer, a classe estudada nesta obra também.

Outra resposta interessante foi notar que para alguns desses professores, o seu momento de lazer é justamente quando estão dando aulas, como relatado por eles quando perguntados:

acaba que meu momento de lazer é a hora que eu vejo que meus alunos estão geral ali curtindo o momento, a aula, música e tal, ai meio que acaba que aquilo ali é o meu momento de lazer. (E04)

Esta declaração nos faz lembrar a tese descritas na discussão teórica de que muitos quando dão aula de dança, dão pelo prazer de poder dançar, e mesmo em condições desfavoráveis ainda tem aquele momento como momento de prazer e emancipação.

De modo geral, as respostas sobre o que gostam de fazer podem ser resumidas em uma frase citada por um entrevistado: “consigo fazer o que dá pra fazer. a qualidade do lazer numa escala de qualidade é bom pra mim.” (E05). Os relatos dos professores se resumem a isto: Fazer o que dá pra fazer. Dentre as respostas de atividades preferidas no momento de lazer tivemos quem gosta de jogar vídeo game, que gosta de sair pro pagode, quem gosta de jogar futebol, ir ao shopping, ao cinema, ou mesmo não fazer absolutamente nada.

#### 2.4. PERFIL FINANCEIRO

Quando perguntados sobre a sua renda dando aulas de dança, as respostas foram variadas, teve quem ganhava R\$ 35,00 por aulas, até quem ganhasse R\$60,00 por aulas, onde pudemos observar uma discrepância nas remunerações entre os professores, seja pelo grau de experiência dando aulas, e também pela valorização da hora aula paga entre as academias onde esses professores dão aula.

Fator em comum nas respostas sobre a situação financeira foi a certeza destes professores em dizer que gostariam de ganhar um valor melhor dando essas aulas, fato que pode ser compreendido quando lhes eram perguntados qual o valor que achavam que deveriam ganhar pelas suas aulas especificamente. As respostas denotam que existe sim uma diferença entre o que se é produzido no trabalho e o que lhes são pagos pelo capital para executar este trabalho, assunto que discutimos no referencial teórico. A exemplo disso temos a seguinte

resposta para essa pergunta: “eu acho que pra ser justo, deveria ser entre 80, 90 a 100 reais, esse o valor que eu acho que minha aula vale, valeria 90 reais fácil.” (E04). Este mesmo professor relatou que ganha atualmente R\$50,00 a cada aula dada. Percebemos aqui a diferença entre remuneração paga ao trabalhador, e a mais valia obtido pelo capitalista com este trabalhador<sup>18</sup>.

Quando perguntados se se sentem felizes com a sua remuneração, tivemos respostas diferentes entre os professores. Alguns disseram que se sentem felizes com a remuneração, a exemplo desta fala de um dos entrevistados:

sim, me sinto feliz, acho que satisfaz minhas necessidades. [...] como eu to começando agora, eu acho que eu to ganhando o que eu teria que ganhar, porque eu sou iniciante ai com o passar do tempo, quando for melhorando eu vou ganhando mais. (E05)

Essa entrevistada relata ganhar R\$35,00 por cada aula dada, e se sente feliz por se considerar alguém ‘iniciante na profissão’. Para ela, o fato de ter pouco tempo de experiência no meio da dança seria a resposta para o seu salário ser tão baixo. Isso nos leva a crer que essa entrevistada está ‘vestindo a camisa da empresa’, ou seja, alguém que o capital estivesse manipulando ao fazer pensar que sua falta de experiência julga sua remuneração.

O fator experiência se fez presente também em outra resposta para essa mesma pergunta, onde o entrevistado disse que em épocas passadas, ele se sentia feliz com sua remuneração, por pensar diferente de como pensa hoje, e que hoje, ao pensar no quanto ganhava antigamente, não seria suficiente para ele:

Cara, na época eu achava que sim, porque eu trabalhava muito né, e também as coisas eram mais baratas, se fosse hoje eu acharia que era bem pouco né, porque tem gasto com comida, tem gasto com gasolina, com roupa, você não pode dar aula de qualquer jeito, entendeu, pessoal olha até o jeito que você vai, o tênis que você vai, tudo, cabelo, tudo, então você tem um gosto estético. (E01)

Com base nesta resposta, podemos voltar a um trecho da discussão teórica onde citamos Santos (2019, p. 12) nos diz que “esta inferência leva a crer que o professor de EF, é forçado por padrões e imposições, a ter uma vida regrada para ter condições de cumprir com as regras da profissão.” Não somente estar preparado para dar aula, e ter que aceitar as condições muitas vezes precarizadas ainda não são suficientes, o professor também tem, como dito pelo

---

<sup>18</sup> Aqui consideramos a mais valia a partir da fala do entrevistado dizendo que sua aula valeria R\$90,00. Não tivemos acesso aos valores obtidos pela academia com essas aulas, partindo da visão do professor para a análise.

entrevistado o “gasto estético”, ou seja, estar sempre em forma, com cabelo cortado, barba feita no caso dos professores, roupas de marca, tênis limpos e bonitos, tudo isso para atender ao padrão exigido pela profissão, como dito por Santos (2019).

Outro fator interessante que apareceu durante as entrevistas foi a instabilidade no salário desses professores, que como trabalham sob demanda, a exemplo da modalidade *zero hour contract*, então não tem um valor de salário fixo, dependendo então das aulas dadas para a obtenção do seu salário. Quando acontece de se terem feriados, ou se os dias elegíveis de aula forem menos do que o comum, logo esses professores não darão aula e assim não receberão por aqueles dias, reduzindo assim seu salário final. A exemplo disso temos a fala de um dos entrevistados, ao perguntado sobre sua média salarial: “olha, varia muito, depende muito do mês, porque tem mês que é trinta trinta e um dias, tem mês que tem feriado.” (E03)

Durante uma das entrevistas, um fator chamou a atenção, quando perguntado se já tivera levado calote em algum lugar que deu aula, o entrevistado respondeu: “já levei calote, atraso de salário principalmente aconteceu demais” (E04).

Mais uma situação precarizante vivida não só por esse entrevistado, mas por muitos outros professores de dança, e não só na dança, mas em qualquer local de trabalho, como também citado por outro entrevistado ao contar como ingressou no universo da dança:

Meu último emprego antes de dar aula foi no jornal hoje, que estava falindo e eu saí porque eles tavam querendo decretar falência e não estavam pagando nossos salários, daí eu e acho que 90% do pessoal que trabalhava lá colocamos eles na justiça pra não ter perigo de sair de mãos abanando porque é bem chato trabalhar sem receber. se decretar falência seria só beijo e tchau, sem pagamentos. (E04)

O entrevistado relata que teve que entrar com processo contra seu local de trabalho para que então pudesse receber pelos seus salários atrasados, antes que a empresa declarasse falência, e assim a dívida não fosse quitada. Cenas como essas não são raridades no modo de produção capitalista, que explora do seu profissional, e até mesmo os deixa de pagar pelo o que produziram, para se manter, precarizando o trabalhador que depende do seu labor.

Quando perguntados se esses profissionais se sentiam explorados em seus serviços, as respostas foram variadas. Houve quem dissesse que já havia sido e por isso pediu pra sair, por não aceitar tal condição; houveram professores que disseram que sim, e ainda assim estavam neste mesmo emprego, e houve quem dissesse que não se sentia explorado.

Um caso de exploração que chamou a atenção foi relatado por um dos entrevistados da seguinte forma,

Sim, já trabalhei em uma academia, por pouco tempo, porque esse tipo de coisa eu costumo observar bastante, eu sou bastante observador em relação a pessoas, quando eu fui notar que eu tava sendo explorado, que estava sendo mais aproveitado do que deveria, acabei tendo problemas nessa academia e pedi pra sair. [...] por exemplo, pedir coisas desnecessárias como achar que você é um garoto propaganda da academia, que você deve ficar divulgando sempre, eu acho isso muito errado, porque a gente não trabalha pra ser propaganda da academia, não trabalha com publicidade da academia, estamos lá pra dar aula, pra divulgar nossa aula, o nosso trabalho, e a academia também é obrigada a divulgar a nossa aula, porque a gente está dando aula na academia então acho que o principal é a academia fazer seu trabalho e divulgar todas as aulas e modalidades, não o professor, porque se o professor ter que assumir essa responsabilidade de fazer propaganda pra academia, então acho que ele também tem que ser remunerado nessa situação. (E03)

Neste caso, o entrevistado relata que se sentia explorado quando a academia, além das aulas, exigia que ele fizesse ações de marketing para ela, sem ganhar nada a mais por isso, explorando sua imagem para atrair novos alunos. O professor era pressionado para que fizesse essas atividades contra a sua vontade.

Outro caso que chamou a atenção ao falar da exploração sofrida por esses profissionais foi o caso de um dos entrevistados que além de dar aula, era forçado a controlar a entrada dos alunos na sala, para que não houvesse superlotação nas aulas, mesmo essa função não sendo dele, e mesmo isso atrapalhando o fluxo da aula, já que o mesmo não conseguia dar a aula e ter que ir na porta da sala impedir a entrada de mais pessoas, como relatou:

daí dá até confusão porque tem uns alunos que quer porque quer fazer, muita gente quer entrar, agora tem que até trancar a porta porque os alunos não tava conseguindo agendar a aula, mas mesmo assim esgotado o limite máximo os alunos tentavam entrar escondido de mim, eu tinha que fingir que não via porque não podia expulsar ninguém, puxar pelo braço, daí eu levava no c... porque os dois coordenadores brigavam comigo por não poder por causa da fiscalização, aí tá brigando todo dia, toda aula, aí tipo assim pro momento do meu lazer que achava que ia ter com meus alunos, eu ia embora estressado. (E04)

E quando perguntado se ele achava que isso era de responsabilidade dele, conclui:

Não, mas sou eu quem estou tendo que resolver, jogam pra mim, a responsabilidade devia ser do coordenador de coletivas ou que colocassem alguma pessoa só pra ficar nisso, fiscalizando, controlando quantidade de pessoas porque às vezes a gente está lá dando aulas e vem o consultor de vendas, chama lá na porta e você tem que deixar os alunos

lá e tem que ir lá ver porque é isso e aquilo, aula experimental, contar os alunos, ter que fazer até mesmo uma chama, ter que conferir no aplicativo, então é bem complicado. (E04)

Apesar de ele achar não pertinente a ele essa responsabilidade de controle da quantidade de alunos na sala, ainda sim se sente obrigado a fazer. Quando perguntado sobre a exploração sofrida enquanto no trabalho, ainda relata:

Demais, tipo, como a dança até hoje não é tão valorizado assim como outros trabalho e profissões, é tipo 'vai lá', quer que a gente dá 30 aulas a mais por exemplo é o mesmo tanto que vai receber, tanto que meio que a academia sugam muito da gente, me sinto meio que jogado, tipo acham que é só uma dancinha, essa famosa frase. (E04)

O entrevistado relata não se sentir respeitado em sua profissão, e conseqüentemente não valorizado, ao referir-se a sua aula, como chamada por outros de 'dancinha'.

Quando perguntados se esses professores já teriam se sentido forçados a fazer algo que não quisessem, em seus empregos, um fato interessante apareceu. Um dos entrevistados revela ter sido forçado a fazer “lives” de aulas em meio a pandemia, para que ficasse disponível para os alunos, como se isso fosse resolver o problema da falta de condições de dar aula, devido às medidas de distanciamento social. O mesmo relata:

Já, na época das lives, antes de voltar a dar as aulas na academia, eu fui obrigado a fazer e recebi bem menos do valor da aula na academia, mas também não acho que eu tenho liberdade de fazer o que eu quiser na minha aula, não tanto quanto eu queria. (E04)

Tais respostas nos fazem repensar se as condições de trabalho do professor de dança são boas, como os mesmos relatam que são.

Quando perguntados sobre suas situações, salários e condições nos seus outros empregos, fica evidente que não somente o mundo da dança é precário, mas toda forma de trabalho no modo de produção capitalista.

Houveram casos de professores que não sabiam quantificar os valores recebidos em outros empregos, pela instabilidade decorrente dos mesmos, ou seja, não tinham salário fixo por esses empregos também dependerem de seus desempenhos para obtenção de salário, característica da nova morfologia do trabalho.

Outro fator precarizante foi constatado em uma das entrevistas, ao ser perguntado sobre sua renda em seu outro emprego: “800 reais o outro serviço. basicamente dando aula de dança de 45 minutos eu ganho metade do que trabalhando 10 horas por dia” (E05). E quando

perguntada sobre a duração da jornada de trabalho em seu outro emprego: “no outro serviço eu fico 10 horas por dia, são horas corridas, sem horário de almoço, só paro almoço e já volto. ganho salário fixo, sem hora extra e nem nada a mais, sem carteira assinada nem nada, só no boca a boca.” (E05)

De modo geral, todos os professores relataram ainda não terem estabilidade financeira. Os motivos são os mesmos. A baixa remuneração, a instabilidade nos empregos, e mesmo quando nos empregos, a instabilidade no valor dos salários, devido a feriados e etc.

## 2.5. SATISFAÇÃO NO EMPREGO

Nesta categoria foram perguntados aos entrevistados se os mesmos se sentem felizes em suas funções, se se sentem sortudos por estarem onde estão, se já foram levados a terem este tipo de pensamento, se acham que podem contar com seus empregadores em situações adversas, se se sentem apoiados nas suas funções por estes empregadores e de modo geral, como avaliam sua qualidades de vida<sup>19</sup>.

Quando perguntados se esses professores achavam que poderiam contar com seus empregadores a qualquer momento, as respostas foram equilibradas, uns disseram que sim, que se sentiam em família em relação aos seus empregadores, outros já disseram que não, que achavam que os seus empregadores nem sabiam de sua existência.

Um caso nos chamou a atenção, pelo entrevistado dizer que não, pois já havia necessitado de ajuda e teve seu pedido negado por parte de seus empregadores, como relatou:

Não, acho que isso daí é muito relativo, a gente não sabe né o que cada pessoa tá fazendo, o momento que pode acontecer alguma coisa e você vai precisar de alguém, mas acredito que isso aí não chega a acontecer não. nunca aconteceu, na verdade poucas vezes. Mas sobre financeiro, já passei por isso, mas não tive pessoas pra me ajudar nessa questão, e foi tenso demais, porque aí que mostrar né, quem são as pessoas e nessa fase aí foi bem complicado porque eu precisei de muitas pessoas pra poder me ajudar, acho que quando a pessoa passa por dificuldade, a maioria é em relação a financeiro, e quando você vai pedir alguma coisa pra pessoa, inclusive dinheiro, é bem difícil a pessoa querer te ajudar em relação a isso. Acho que não quis ajudar porque não queria mesmo, porque

---

<sup>19</sup> Embora nos capítulos anteriores deste trabalho tenhamos problematizado a concepção teórica da noção de Qualidade de Vida, e a tenhamos abandonado para adotar a concepção de processo saúde-doença a partir de Laurell (1982), optamos por usar a terminologia “qualidade de vida” nas entrevistas para facilitar a compreensão do que gostaríamos de discutir. Ainda que tenhamos utilizado na entrevista na terminologia Qualidade de Vida, em momento algum abandonamos a perspectiva do processo saúde-doença discutido por Laurell.

condição tinha. (E03)

Neste relato temos um professor que sob circunstâncias financeiras precisou da ajuda de seus empregadores e o mesmo não pode contar com essa ajuda porque, como ele mesmo relata, não quiseram ajudar, pois condições eles tinham. Essa é a realidade de muitos trabalhadores, que nas horas de aperto não tem a quem recorrer.

Quando perguntados se eles se sentiam apoiados por seus empregadores, as respostas também variaram, mas a maioria deles disse se sentir apoiado. Fator que cria uma contradição. Se por um lado, eles se sentem apoiados em suas funções por seus empregadores, por outro lado, se precisarem de ajuda para emergências, a maioria desses profissionais não poderão contar com seus patrões, chefes, etc. para os ajudar.

Quando foram perguntados se apesar dos pesares, esses professores se sentem felizes nas suas funções, as respostas foram as mesmas: Que sim, se sentem felizes pelo trabalho que fazem e pelo bem que fazem para seus alunos. Essas respostas não se basearam nas suas condições de trabalho, mas no bem os seus trabalhos fazem para seus alunos/clientes. A exemplo disso temos a seguinte resposta: “assim... feliz pelo o que eu consigo oferecer para os alunos. em relação a trabalho, nem todos os lugares eu me sinto feliz.” (E02)

Outra resposta que chama a atenção leva a felicidade da atuação somente para o fator prazer que seus alunos têm com suas aulas:

Sim, acredito que quem trabalha com o que gosta não trabalha né, acho que esse é o ditado, é o que as pessoas costumam dizer quando a pessoa trabalha com o que gosta, não se torna um trabalho, se torna uma diversão, e pra mim a dança é realmente uma terapia, porque é aonde eu entro, aonde estou, aonde eu não vejo problemas, esqueço todos eles e me entrego ali e me sinto muito feliz, e saio dali como se fosse um batizado, você sai dali renovado. (E03)

Essa resposta nos traz de volta a uma questão abordada no aporte teórico: de que quem trabalha com a dança, muito se tem de felicidade pelo prazer de dar aula, de dançar, e não por causa das condições de trabalho. Um dos entrevistados chega a dizer que o momento que está dando aulas é o momento mais esperado de seu dia.

Pra fechar essa tese vale a pena trazer mais uma resposta de um dos entrevistados, quando feita a mesma pergunta:

Sim, demais, apesar dos pesares eu me sinto feliz nas minhas aulas. [...]

a importância que os alunos, a necessidade que os alunos sentem e têm pelas aulas, que tipo assim de você saber que eles meio que pararam um tempo ali pra tá agendando as aulas, pode ser final de semana, viagem, ou então em algum outro momento deles de lazer porque todos eles me falam que a aula é o lazer deles, então às vezes igual final de semana estão em uma viagem, festa ou algo do tipo eles lembrarem daquele momento, daquela aula que teve, daquela brincadeira na aula que teve, então isso é bem legal, é uma das coisas que não deixa eu desistir, eu parar. essa felicidade tem mais a ver com o sentimento que a dança causa em mim do que o trabalho em si. é pelo o que proporciono pros meus alunos, é o que mais é gratificante. (E04)

Quando perguntados como avaliam suas qualidades de vida, a maioria das respostas foram na categoria regular, devido às condições que não são boas, mas ao mesmo tempo quando se pensam na importância das suas aulas para seus alunos, classificam nesse quesito como boa e gratificante. A exemplo disto temos o seguinte relato: “regular, porque estou mais ou menos satisfeito agora, melhor que antes, bem melhor, mas ainda poderia ser melhor.” (E04)

Isso nos leva a crer que, como dito por eles, apesar dos pesares, eles levam uma vida regular, tendo como fator negativo as condições gerais de trabalho e de vida, que lhes faltam muito em alguns quesitos, como saúde e lazer; e ao mesmo tempo o fator positivo, que é o de trabalhar com o que gostam, no caso dar aulas e principalmente dançar, e com isso terem o carinho e gratidão dos seus alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado da discussão teórica e de todo processo de coleta e interpretação de dados coletados através das entrevistas, podemos concluir que a condição de vida e trabalho dos professores de dança estudados neste trabalho é ruim.

Por um lado, para esses professores, a dança é mais do que somente uma área de atuação, sendo então o que Turner (2014) chama de “linguagem natural” e capaz de transmitir significados. A dança entra na vida dessas pessoas como uma linguagem natural e encantadora, a maioria deles na infância ou adolescência como alunos e mostrou a eles que poderia ser um caminho para que eles "trabalhem com o que amam e nunca mais precisarão trabalhar na vida<sup>20</sup>”, porém com o advento destes profissionais no mercado capitalista de trabalho, puderam notar que essa falácia de que nunca iriam trabalhar na vida não é real, pois todos eles relatam trabalharem bastante.

---

<sup>20</sup> A frase assim citada retrata uma falácia de Confúcio, sendo utilizada em tom de ironia.

O trabalho do professor de dança mostra ser mais do que chegar no local e horários marcados e dançar, ou como dito por um dos entrevistados, fazer uma “dancinha”. Este trabalho requer um planejamento de aula muitas vezes feito fora do horário e local de trabalho, requer o que outro entrevistado chamou de “gasto estético”, ou seja, estar condicionado a padrões estéticos e de beleza impostos pela sociedade.

Todas essas cobranças ao recair sobre os professores nos causam preocupação, pois como consequência disso temos adoecimentos, tanto físico, como lesões por desgaste relacionados à atuação profissional, o risco de acidentes de trabalho, como lesões musculares, ligamentares e etc., até mesmo acidentes relacionados ao pouco tempo de deslocamento que esses professores têm entre as aulas. E também ocorrem adoecimentos de causa psíquica e emocional, como transtornos de ansiedade sofridos pelos mais variados tipos de pressões, impostas por empregadores, e em casos, até mesmo por alunos. Junto a isso, as condições precárias de lazer, que como relatado por uma entrevistada, neste momento de lazer fazem o que conseguem, pois são privados de muitos lazeres, seja pela alta jornada de trabalho, ou seja pela baixa remuneração.

Arelados a esses riscos de adoecimentos e acidentes, temos também as condições de trabalho, que muitas vezes são precárias, desde salas sem condições favoráveis à realização de aulas a salários baixos e incompatíveis com a carga horária desses profissionais, a modo de desvalorizar suas atuações.

No entanto, quando perguntados sobre como avaliam suas vidas e trabalhos, os mesmos relatam estarem moderadamente satisfeitos com suas realidades, fato que nos instiga a pensar qual a concepção de satisfação deste grupo, dado a sua precariedade constatada por eles mesmos no decorrer das respostas. Consideramos aqui então que a dança enquanto campo de atuação profissional se trata de um campo de atuação com características precarizantes, assim como em toda esfera do trabalho abstrato no capitalismo.

Consideramos ainda que essa satisfação sentida com a vida profissional, por parte dos entrevistados e da classe da dança pode estar diretamente ligada a atividade da dança como forma de “linguagem natural”, com caráter de atividade de desenvolvimento humano. (AZEVEDO, 2015)

As condições de trabalho vividas por esses professores merecem atenção, pois a grande esmagadora maioria desses professores estão na informalidade, desprovidos de direitos, à margem da sociedade do trabalho, e isso merece atenção. Privar esses professores de seus direitos além de ilegal é desvalorizante para a profissão.

Consideramos assim que essa classe carece de cuidados em sua essência, para que os mesmos possam ter conhecimento dos direitos que eles têm, e terem autonomia para então poderem zelar por eles, serem formalizados em seus locais de trabalho, para assim saírem da precariedade. Carecem de atenção também quanto a sua saúde física e mental.

Consideramos este tema também de muita relevância não somente no campo da dança, mas em toda a esfera de trabalho na conjuntura atual do modo de produção capitalista, sendo compreendido que até os dias atuais, poucas obras fazem a análise das condições de vida e trabalho dos trabalhadores. Através de trabalhos nestes campos, e através da instrumentação teórica, poderemos fazer frente contra esse sistema perverso que domina o mundo e o precariza cada dia mais.

Os professores e professoras de dança também necessitam de atenção quanto ao futuro que lhes espera, quando se pensam que estamos passando por uma pandemia global, que afetou não somente a saúde das pessoas, onde somente no Brasil temos mais de 600 mil mortes até então, mas que também afetou as relações de trabalho já muito precarizadas no modo de produção capitalista. Antunes nos faz um questionamento sobre a atual fase do que ele chama de “capitalismo pandêmico” quando diz:

Se tudo isso [precarização do trabalho sob o modo de produção capitalista] já vinha ocorrendo na fase mais destrutiva do *sistema de metabolismo antisocial do capital*, o que se pode esperar nesta fase de *capitalismo pandêmico*? Se já estávamos presenciando a *corrosão, o desmoronamento e a eliminação completa dos direitos do trabalho*, o que podemos esperar no contexto desta brutal pandemia, no qual a explosão do coronavírus (a “gripezinha”) estampou a desproteção completa e cabal da classe trabalhadora? (ANTUNES, 2020, p. 16-17, grifos do autor)

Cabe ao professor e a professora de dança entender sua situação de trabalho neste cenário de capitalismo pandêmico e lutar contra não somente a atual precarização que o trabalho sofreu até o início de 2020, quando começou a pandemia, mas também lutar contra as reformas e precarizações que se intensificam cada dia mais com a pandemia, e até mesmo quando ela chegar ao fim.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni Antonio Pinto. A subjetividade às avessas: toyotismo e “captura” da subjetividade do trabalho pelo capital. In: **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 2008, vol. 11, n. 2, pp. 223-239. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/25782-Texto%20do%20artigo-29835-1-10-20120617.pdf>. Acesso em: 19 de set de 2021.

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

ANTUNES, Caio et al. Pandemia e Educação. In: Revista Emancipa: o cotidiano em debate / Revista do Conselho Regional de Serviço Social - 9ª Região (CRESS-SP). n. 6, mai 2021. São Paulo: CRESS 9ª REGIÃO, 2016. Disponível em: <cress-sp.org.br/we-content/uplouds/2016/05/Emancipa-2021-Site.pdf>. Acesso em: 19 de set de 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Livro eletrônico.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital** / Ricardo Antunes. - 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

AZEVEDO, Flora Caldas et al. O que é dança? In: **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXII Prêmio Expocom 2015 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/expocom/EX47-2056-1.pdf>. Acesso em: 19 de set de 2021.

CARCANHOLO, Reinaldo A. Capitalismo contemporâneo e trabalho produtivo. In: **I Encontro Nacional Economistas Marxistas**, 2007. Disponível em: <http://www.sitiodeeconomiaspolitica.ufpr.br/ReinaldoCarcanholo.pdf.>. Acesso em: 18 de set de 2021.

DICKENS, Charles. **Tempos difíceis**. São Paulo, Boitempo, 2014.

FERNANDES, Eda C. **Qualidade de vida no trabalho**: como medir para melhorar. 2.ed. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.

FREITAS, J. A. R.; NAVARRO, V. L. A historicidade do processo saúde-trabalho: Que saúde? Que trabalho? In: **Anais do X Seminário do Trabalho**: trabalho, crise e políticas sociais na América Latina, 2016, Marília. 2016. p. 2052-2064. Disponível em <>. Acesso em 25 de out de 2021.

FURTADO, Roberto Pereira. **André Gorz**: trabalho, tempo livre e liberdade. 2012. 146 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. 2012. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/6/o/Tese\\_-\\_Roberto\\_Pereira\\_Furtado.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/6/o/Tese_-_Roberto_Pereira_Furtado.pdf)>. Acesso em: 05 de set de 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 05 de set de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LAURELL, Asa Cristina. Trad. E. D. Nunes. La salud-enfermedad como proceso social. In: **Revista Latinoamericana de Salud**, México, v. 2, 1982, p. 7-25.

LUKÁCS, György. **Ontología del ser social**: el trabajo. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza.; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo.; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de Vida e Saúde: um debate necessário. In: **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 5, n. 1, 2000, p.7-18. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/MGNbP3WcnM3p8KKmLSZVddn/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 05 de set de 2021.

PINHEIRO, Ivan Antônio; PINHEIRO, Rodrigo Reszka. Organização científica do trabalho reinventa um mercado tradicional: o caso do fitness. Fundação Getúlio Vargas. In: **RAE – eletrônica**, v. 5, n. 2, Art. 15, jul./dez. 2006, p. 75-93. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/raeel/a/7WZKGMjLK8M8MFhcknYkTNn/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 25 de out de 2021.

QUELHAS, Álvaro Azevedo. Profissional de Educação Física no segmento fitness: reflexões a partir da categoria trabalho. In: **Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**. Ano XXIII, nº 36, jun. 2011, p. 75-93. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/2175-8042.2011v23n36p75/19644/69211>>. Acesso em: 19 dez 2021.

SANTOS, Lorena Camarço Valadares. **O professor instrutor do programa Zumba: qualidade de vida e trabalho**. 2019, 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Dança, Universidade Federal de Goiás. 2019. Disponível<sup>21</sup> em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19990/3/TCCG%20-%20Educa%20a7%20a3o%20F%20adsica%20-%20Lorena%20Camar%20a7o%20Valadares%20Santos%20-%202019.pdf>>. Acesso em: 05 de set de 2021.

TURNER, Bryan S. Trad. Maria Silvia Mourão. **Corpo e Sociedade**. São Paulo. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

---

<sup>21</sup> Este trabalho deveria estar no repositório da UFG, porém apesar de já ter sido apresentado, o mesmo não foi encontrado. O acesso ao documento foi por meio da autora.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO DE LIVRE ESCLARECIMENTO

Prezado professor, prezada professora, você está sendo convidado a participar da pesquisa **Condições de vida e trabalho entre professores de Danças Fitness na região metropolitana de Goiânia**, entrevista essa desenvolvida para o trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal de Goiás.

Sua participação se limita a responder esta entrevista de duração de aproximadamente 30 minutos.

Essa entrevista tem o objetivo de levantar informações de professores de dança na cidade de Goiânia sobre condições de trabalho, de saúde, de formação e condições financeiras.

O objetivo da pesquisa é identificar como é a condição de vida dos professores de dança na cidade de Goiânia. Será feita através de uma entrevista falada, e com a gravação de voz.

Não será falado dados pessoais durante a entrevista, sendo assim não será obrigatória a identificação. Assim, essa entrevista não oferece risco aos seus participantes. As informações aqui obtidas serão usadas estritamente com a finalidade científica proposta. E em caso de qualquer desconforto, você pode se retirar.

Meu nome é André dos Santos Sousa, sou acadêmico de Licenciatura em Educação Física, sob orientação do Prof. Dr. Caio Antunes. Em caso de dúvidas você pode entrar em contato comigo pelo número (62) 9 9287-8879.

A veracidade das informações fornecidas é de suma importância para a confiabilidade da pesquisa. No caso de aceitar fazer parte do estudo, assinale a opção correspondente abaixo. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de nenhuma forma.

1. Você deseja participar da pesquisa? \*

( ) SIM

( ) NÃO

---

nome completo

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Cidade de atuação profissional
2. Idade
3. Orientação sexual
4. Qual foi seu primeiro contato com a dança na vida
5. Quando e porque decidiu atuar na profissão de professor de dança
6. Já trabalhou em quantos lugares dando aulas de dança?
7. Antes de ser professor de dança já trabalhava em outra função?
8. O que te levou a largar essa outra profissão e seguir como professor de dança?
9. Hoje você atua exclusivamente dando aulas de dança?
10. Se não, trabalha em quais áreas a mais?
11. No seu local onde dá aulas de dança, você ministra outros tipos de aulas? Quais
12. Qual sua escolaridade?
13. Você é ou já foi licenciado em algum programa para dar aulas de dança?
14. Você é ou já foi licenciado em algum outro programa de aulas sem ser de dança?
15. Você já fez curso ou cursos de formação de professores de dança? seja qual for a empresa ou metodologia
16. Qual a sua atual carga horária de trabalho atuando como professor de dança?  
(quantidade em horas aulas ou quantidade de aulas)
  - a. Qual a sua carga de trabalho em outros empregos?
  - b. Qual a sua jornada de trabalho total?
17. Você dedica algum tempo fora do trabalho para planejar suas aulas? Se sim, quanto tempo você se dedica por dia ou semana?
18. Atualmente você cursa alguma faculdade ou curso? Se sim, como é sua rotina de

estudos?

19. Já sofreu lesões decorrentes da aula de dança ou durante a aula?
20. Você sente dores durante as aulas?
21. Qual o nível de cansaço você sente durante ou após as aulas?
22. Já teve que fazer algum tratamento decorrente de desgaste ou lesão pelas aulas?
23. Você usa alguma medicação prescrita ou não prescrita?
24. Você acha que essa medicação de alguma forma pode ter relação com as aulas de dança?  
Seja por dores ou estresse ou ansiedade
25. A empresa ou as empresas que você trabalha colaboram de alguma forma para sua melhoria enquanto professor de dança? Se sim, como?
26. Qual a sua média salarial total e por aulas?
27. Se trabalha em outras funções, qual a média salarial nestas outras funções?
28. Atualmente, qual a sua forma de vínculo nos lugares onde você dá aulas de dança?
29. Já possuiu vínculo empregatício (carteira assinada) em algum lugar que ministrou aulas de dança?
30. Você participa de decisões relacionadas ao funcionamento ou gestão em algum dos lugares que trabalha dando aulas?
31. Você se considera alguém com acesso à lazer?
32. Qual a qualidade que você define ao seu lazer? Você consegue aproveitar bem esse seu momento?
33. O que você gosta de fazer em seu momento livre? lazer
34. Existe algo que gostaria de fazer no seu tempo de descanso/lazer que não consegue fazer por algum motivo? Explique.
35. Como você avalia suas condições de trabalho?
36. Você se sente feliz com sua remuneração enquanto professor de dança?
37. Você se sente explorado em seu trabalho?
38. Você acha que sua função deveria ganhar mais do que você ganha?

39. Quanto você acha que deveria ganhar dando aulas de dança?
40. Você acha que as empresas que você trabalha tem um lucro maior com suas aulas do que o que te repassam?
41. Você já sofreu pressão em seu lugar de trabalho atual ou em algum lugar que já deu aula?
42. Você já se sentiu ou sente abalado psicologicamente ou emocionalmente decorrente de sua atuação como professor de dança? Se sim, nos conte como foram essas situações
43. Você já se sentiu manipulado e/ou enganado pelos seus superiores durante sua atuação como professor de dança? Nos conte como foi
44. Você se sente feliz com sua função?
45. Você já foi levado a pensar ser sortudo por dar aulas de dança em algum lugar?
46. Você acha que pode contar com seus empregadores a qualquer momento?
47. Como é a sua relação com seus empregadores? Se sente apoiado na sua função por eles?
48. De modo geral, como você avalia sua qualidade de vida atualmente?
49. De modo geral, qual é a sua forma de condução para ir dar as aulas que ministra?

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### **Entrevistado 01**

Qual a sua cidade de atuação profissional?

R: GOIÂNIA

Quantos anos você tem?

R: 30

Orientação sexual?

R: MASCULINO

Qual foi o seu primeiro contato com a dança na sua vida?

R:FOI QUANDO EU TINHA 19 ANOS, NUM PROJETO ... NUM PROJETO

GOVERNAMENTAL, AÍ SURTIU A OPORTUNIDADE DE UM COLEGA MEU DAR AULA E A GENTE ERA BEM PRÓXIMO E ACABOU QUE EU FUI APRENDENDO COM ELE NAS AULAS A DANÇAR.

Quando e porque você decidiu atuar profissionalmente na dança

R: ENTÃO, FOI BEM POR ACASO, NÃO FOI NADA PENSADO, FOI SURGINDO A OPORTUNIDADE, AS PESSOAS ME PARAVAM E FALAVAM QUE QUERIAM APRENDER A DANÇAR, MESMO EU NÃO SABENDO DANÇAR, MAS AÍ EU SENTI QUE EU TINHA AQUELE DOM DE ENSINAR, NÃO PROPRIAMENTE DE DANÇAR, MAS DE ENSINAR, DE PASSAR O POUCO QUE EU SABIA

Você já trabalhou em quantos lugares dando aula? Uma média assim... não precisa lembrar todos não

R: NOSSA ... ENTÃO, EU DOU AULA DESDE OS MEUS 19 E HOJE EU TENHO 30, NESSA PANDEMIA QUE EU PAREI DE DAR AULA NÉ, MAS DEVE TER SIDO UNS 40 LUGARES MAIS OU MENOS, 40 OU 50 LUGARES

Antes de ser professor de dança você já trabalhou em outra função?

R: JÁ SIM, EU ERA PROMOTOR DE VENDAS

Antes e durante?

R: NÃO, AÍ QUANDO EU COMECEI A DAR AULA, FOI SÓ DAR AULA

Essa você já respondeu né, que era o que te levou a largar esse emprego e seguir só na dança

R: EU TAVA PERDIDO LARGADO NO SEGURO DESEMPREGO (RISOS). TINHA ACABADO O SEGURO DESEMPREGO, EU FALEI “E AGORA, O QUE QUE EU FAÇO?!”

Hoje você atua exclusivamente dando aula? Hoje você ainda dá aula?

R: DOU AULA HOJE POR HOBBY

Mas não como atividade principal

R: NÃO

Você trabalha em mais áreas né, que eu já vi, quais áreas você trabalha?

R: HOJE EU SOU EMPRESÁRIO, TENHO UMA PIZZARIA

No local onde você dá aulas de dança, você ministra outros tipos de aula? você já deu

outros tipos de aula sem ser o ritmos

R: ABS (AULA DE ABDOMINAL) SÓ

Quando fala dança, quais são os programas? Você já foi afiliado a algum programa ou é afiliado a algum programa?

R: RITMOS FIT SÓ MAS EU NUNCA GOSTEI DE TER ESSA FILIAÇÃO NÃO, SEMPRE GOSTEI DE VOCÊ APROVEITAR AO MÁXIMO O QUE CADA UM TEM PRA DAR, TIPO ASSIM, AS PESSOAS ELAS GASTAM MUITA ENERGIA PRA MONTAR COREOGRAFIA, PRA MONTAR COMO VAI ENSINAR, AÍ SE VOCÊ FICAR PRESO A UMA EQUIPE, UM JEITO , UMA FORMA, VOCÊ FICA MUITO PRESO, REALMENTE PRESO É A PALAVRA CERTA É PRESO, TEM NEM COMO COLOCAR OUTRO ADJETIVO

Qual o seu nível de escolaridade?

R: ENSINO SUPERIOR COMPLETO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Você já se licenciou em outro sem ser ritmosfit?

R: NÃO

Você deu aula de zumba, você fez o curso?

R: À SIM, FIZ O CURSO DE ZUMBA, NÃO FILIEI, NÃO PAGUEI O ZIN NÃO, É VERDADE... FOI O QUE ACABOU COM MEU JOELHO FOI A ZUMBA... PODIA FALAR?

Pode sim, inclusive me conta mais aí

R: ZUMBA ACABOU COM MEU JOELHO, EU TINHA O JOELHO SUPER SAUDÁVEL, DEIXEI DE DAR AULA POR CAUSA DA ZUMBA

Foi os movimentos da aula?

R: FOI, OS MOVIMENTOS DA AULA DE PERNA, MUITO ARRASTADO NE OS MOVIMENTOS, TRAVA PERNA, NÃO DÁ NÃO DÁ, NÃO DÁ CERTO COM O JOELHO.

Qual a sua atual carga horária ne, primeiro atuando como professor de dança e segundo na sua jornada de trabalho total, seja a dança, seja personal se você ainda der, seja na pizzaria

R: A CARGA HORÁRIA TOTAL DE...

Primeiro dando aula de dança

R: EU DOU AULA DE DANÇA UMA HORA, 3 VEZES POR SEMANA UMA HORA

e a carga horária total, juntando todas as funções

R: TODAS AS FUNÇÕES, À VÃO SER UMAS 7 HORAS, OU 8 HORAS DE TRABALHO POR DIA, JUNTANDO TUDO

Você está dando personal atualmente?

R: NÃO, NÃO, PAREI

Tirando o tempo de aula, você dedica algum tempo pra planejar as aulas? e se sim, quanto tempo que você se dedica exclusivamente pra isso

R: DUAS VEZES POR SEMANA EM MÉDIA UMA HORA POR DIA, NÃO , UMA HORA SEMPRE ANTES DAS AULAS NÉ, FALTA UMA HORA PRA DAR AULA, EU ENSAIO UMA HORA ANTES DA AULA E VOU PRA ACADEMIA JÁ NA PEGADA DA MÚSICA

Atualmente você está fazendo algum tipo de formação?

R: NÃO

Essa daqui você começou a responder, mas eu vou perguntar pra ficar gravado. você já sofreu lesões recorrentes da aula de dança ou durante a aula? que foi esse lance da Zumba aí

R: JÁ SIM, É, EU JÁ FIZ VÁRIOS EXAMES, SÓ QUE COMO EU SABIA JÁ COMO QUE ERA AS LESÕES E O TRATAMENTO, AÍ OS MÉDICOS IAM FALAR PRA EU PARAR E EU NÃO PODIA PARAR, ENTÃO NEM APROFUNDEI MUITO NOS EXAMES, MAS EU FIZ NÉ, EU TIVE UM PROBLEMA NO JOELHO, TIVE UM PROBLEMA NOS DOIS OMBROS, UM PROBLEMA NA MÃO, EPICONDILITE NO COTOVELO, NO PÉ CARA, EU TIVE UM PROBLEMA NO PÉ SERÍSSIMO, QUE EU DAVA METADE DE UMA AULA EU NÃO CONSEGUIA DANÇAR MAIS

Você sentia que tipo de dor?

R: CARA ERA UMA DOR NA PARTE LATERAL DO PÉ, NA PARTE LATERAL MESMO, EU NÃO SEI, NÃO TENHO EXPLICAÇÃO, JÁ PROCUREI SABER, NÃO FOI DIAGNOSTICADO NADA,

Você já sentiu no calcanhar

R: CALCANHAR MESMO NÃO, ERA NESSA PARTE EXTERNA MAS PRA

TRÁS, MAS NÃO ERA NO CALCANHO NÃO

Depois você pesquisa sobre fascite plantar,

R: NÃO É, PESQUISEI JÁ, NÃO É FASCITE NÃO

Atualmente quando você dá aula, você está sentindo dor?

R: GRAÇAS A DEUS NÃO, FOI POR ISSO QUE EU VOLTEI A DAR AULA. NÃO SINTO DOR NENHUMA

Qual o nível de cansaço você sente assim durante ou após a aula, tipo, depois de toda rotina de trabalho, você sente?

R: CARA TRANQUILO, BEM TRANQUILO, COMO EU DOU SÓ UMA AULA, MAS QUANDO EU DAVA 5 6 AULAS POR DIA EU TERMINAVA SUPER EXAUSTO NÉ, VONTADE DE COMER AÇÚCAR... UM SORVETE, COCA COLA, QUALQUER COISA QUE TEM GLICOSE NÉ, É POR ISSO QUE OS PROFESSORES ÀS VEZES ACABAM ENGORDANDO, É PORQUE TERMINA UMA AULA VOCÊ TEM QUE MANDAR UM DOCE PRA DENTRO, NÃO TEM JEITO. ‘NOSSA MAS VOCÊ DANÇA’, BELEZA, VOCÊ GASTA 500 CALORIAS, 600 CALORIAS AÍ TERMINA A AULA, VOCÊ MANDA UM SORVETÃO PRA DENTRO

Aqui eu pergunto se já teve tratamento decorrente do desgaste ou de lesão pelas aulas, aí você respondeu que foi por conta né, não foi através de diagnóstico, prognóstico, foi por sua conta

R: NÃO NÃO, FOI POR CONTA MESMO, TAVA NA PANDEMIA, COMEÇOU A PANDEMIA, AI EU TAVA COM ESSA LESÃO, AÍ EU INTERROMPI A MINHA AULA, E TIPO, JÁ DEU A PANDEMIA DE CARA, AÍ EU APROVEITEI ESSE TEMPO, PRA FAZER O TRATAMENTO NA ACADEMIA MESMO, PELO POUCO QUE EU SABIA, AÍ EU FUI MELHORAR DEPOIS DE UNS 9 OU 10 MESES QUE EU FUI COMEÇAR A PEGAR ALGUMA CARGA, MAS EU NÃO CONSEGUIA FAZER NADA, NÃO CONSEGUIA FAZER AGACHAMENTO, NÃO CONSEGUIA FAZER LEG, ESTAVA FAZENDO SÓ ADUTOR, ABDUTOR, EU FAZIA STIF QUE NÃO TINHA FLEXÃO DE JOELHO SÓ

Essa última lesão que você teve que foi a mais séria, goi qual?

R: FOI A DO JOELHO, FOI A DO JOELHO, ASSIM, EU FALO MAIS SÉRIA PORQUE ESSA DEFINITIVAMENTE EU NÃO CONSEGUIA DAR AULA, ESSA CHEGOU EU LEMBRO QUE DEU UNS 10 MINUTOS DE AULA, EU JÁ TAVA

SENTINDO UM POUQUINHO, AÍ EU COMECEI A DAR AULA, AÍ COMEÇOU A DAR CHOQUE, NÃO CONSEGUIA MOVIMENTAR, M AÍ EU PAREI, NÃO CONSIGO MAIS DAR AULA, AÍ JÁ FALEI QUE EU NÃO CONSIGO MAIS, QUE ACABOU

Atualmente você está usando alguma medicação

R: NÃO, NADA

Nem prescrita e nem por conta

R: NÃO, NADA

A empresa ou os locais que você trabalha, aqui eu pergunto tanto a que você está hoje, quanto outros, por onde você já passou, eles colaboraram ou colaboram de alguma forma

R: NÃO

Para melhorar enquanto professor de dança? Nadinha? não tem nenhum tipo de apoio, nada?

R: NÃO, NADA, NENHUM

Nunca ninguém te pagou um curso, capacitação por exemplo

R: NADA NADA NADA, POVO SÓ QUER QUE VOCÊ DÁ O MÁXIMO ALI E PRONTO

Qual sua média salarial por aulas, total e por aulas... assim, tanto hoje né, e quanto você já chegou a ganhar por aula ou total só com a dança?

R: VOCÊ FALA SALÁRIO FINAL? IXE CARA, ACHO QUE EU JÁ CHEGUEI A GANHAR UNS 4200 SÓ COM AULA, O VALOR DA HORA AULA SEMPRE FOI 50 REAIS NÉ, SÓ NO COMEÇO MESMO QUE AÍ O RITMOS NÃO EXISTIA AQUI EM GOIÂNIA NÉ, PRATICAMENTE NÃO EXISTIA, AÍ COBRA 20 REAIS OU 25, AÍ FOI AUMENTANDO GRADATIVAMENTE ATÉ CHEGAR NOS 50 QUE É HOJE NÉ

Essa aqui é mais pessoal, se não quiser responder ela tudo bem. nas outras funções que você trabalha, qual a sua média salarial?

R: CARA, VARIA MUITO (desconforto), VARIA MUITO, NÃO TEM NEM COMO FALAR PORQUE AINDA MAIS AQUI NO BRASIL, QUE UM DIA VOCÊ PAGA UM VALOR, NO OUTRO, OUTRO VALOR, ENTÃO É MUITO DIFÍCIL

atualmente lá aonde você dá aula, qual a sua forma de vínculo?

R: É CONTRATO SÓ

Contrato PJ PJ?

R: CARA, TÁ ATÉ ALI, EU NEM ASSINEI, MAS EU NÃO SEI, DEVE SER PESSOA FÍSICA PESSOA JURÍDICA

Você sabe se é contrato por duração de tempo, com renovação?

R: ACHO QUE É PESSOA FÍSICA PESSOA JURÍDICA

então deve ser contrato formal, mas não tem valor nenhum pra vínculo trabalhista. Eles colocam só pra dizer que você assinou em algum lugar

R: É ISSO MESMO

Você já possuiu carteira assinada em algum lugar que você dava aula?

R: JÁ SIM, NA VIA ATHLETICA, FOI ÓTIMO, SÓ LÁ, DE TODOS OS 40, APESAR QUE EU FALO 40 MAS EU ACHO QUE É MAIS PORQUE EU DAVA DUAS OU TRÊS AULAS DE MANHÃ, DAVA UMA AULA A TARDE, DAVA UMAS TRÊS A NOITE, E AÍ TIPO ASSIM, COMO FOI MAIS DE 10 ANOS, NOSSA ACADEMIA DEMAIS, ACADEMIA FECHA ABRE OUTRA EU NUNCA VOU LEMBRAR

Mas enfim, foi só em uma né?:

R: É, SÓ EM UMA

O valor de hora aula nessa academia que você tinha carteira assinada ele era alterado? por conta da carteira assinada

R: NÃO , ERA O MESMO

E tanto agora quanto ( a maioria das perguntas servem tanto pra agora, quanto pra época que você vivia exclusivamente de aulas) você já participou da tomada de decisão ou alguma questão ligada à gestão em algum dos lugares que você trabalha ou já trabalhou?

R: JÁ SIM

geralmente é a maioria ou minoria deles? que eles ouvia a opinião do professor de dança

R: ELES SEMPRE OUVEM, PORQUE COMO A GENTE TÁ EM VÁRIAS ACADEMIAS, A NOSSA OPINIÃO PESA MUITO NÉ, É COMO QUE SE A GENTE FOSSE UM SUBGESTOR, À, A ACADEMIA TEM ISSO, NA OUTRA TEM ISSO, ISSO AQUI TÁ ERRADO NA OUTRA TEM ISSO, ENTÃO ELES OLHAM MUITO

PELA NOSSA EXPERIÊNCIA E VIVÊNCIA EM OUTRAS ACADEMIAS NÉ, ENTÃO PESA BASTANTE

Você se considera alguém com acesso a lazer?

R: CARA... EU ACHO QUE NÃO EIN

Nas suas horas vagas

R: NÃO, EU ACHO QUE NÃO... NÃO, SIM, PODE COLOCAR SIM, SIM EU TENHO MEU FUTEBOL

Com qual qualidade você define o seu lazer? Por exemplo, você consegue aproveitar bem esse momento?

R: CONSIGO, É O DIA QUE EU TIRO PRA FAZER O QUE EU QUERO FAZER ENTENDEU? UM DIA NA SEMANA

Enfim, o que você gosta de fazer no seu momento de lazer

R: JOGAR FUTEBOL, ASSISTIR JOGOS, VIDEOGAME, SÉRIE, CERVEJINHA

Existe alguma coisa que você gostaria de fazer no seu tempo de descanso que você não consegue por algum motivo?

R: TEM, DEVE TER UMA COISA OU OUTRA, NÃO CONSIGO PRECISAR AS COISAS MAS TEM, PORQUE EU DOU AULA NA SEGUNDA FEIRA AINDA NÉ, AÍ A SEGUNDA É NO DIA QUE EU TIRO, M ENTÃO FICA PARCIAL MINHA NOITE, EU QUERIA QUE FOSSE A NOITE INTEIRA

de modo geral, como você avalia sua condição de trabalho: como você avalia todas as suas experiências passadas, e de modo geral, e condições de trabalho, você acha que você tinha boas condições de trabalho ou não?

R: NA MAIORIA NÃO, ERA BEM ESTRESSANTE, SEM CLIMATIZAÇÃO, MUITO QUENTE, SEM ORGANIZAÇÃO AS AULAS, NA MAIORIA

Atualmente quais as condições de trabalho

R: HOJE É BEM TRANQUILO, SÓ CHEGO, DOU MINHA AULA E PRONTO, MAS ANTIGAMENTE JÁ CHEGUEI EM LUGAR QUE O SOM NÃO TAVA LÁ, OU O CABO TINHA ESTRAGADO, NÃO TINHA BLUETOOTH, O SOM QUEIMAVA NA HORA DA AULA, O SOM ERA MUITO BAIXO, ENTENDEU? MUITO CHIADO

Bom saber que não é só eu que passei por isso

R: NOSSA,. JÁ PASSEI DEMAIS, CHEGAR NO LUGAR E NÃO TER NEM SOM,

Você se sente feliz com a sua remuneração enquanto professor de dança? De modo geral, você acha que seu salário dando aulas de dança era bom, era suficiente?

R: CARA, NA ÉPOCA EU ACHAVA QUE SIM, PORQUE EU TRABALHAVA MUITO NÉ, E TAMBÉM AS COISAS ERAM MAIS BARATAS, SE FOSSE HOJE EU ACHARIA QUE ERA BEM POUCO NÉ, PORQUE TEM GASTO COM COMIDA, TEM GASTO COM GASOLINA, COM ROUPA, VOCÊ NÃO PODE DAR AULA DE QUALQUER JEITO, ENTENDEU, PESSOAL OLHA ATÉ O JEITO QUE VOCÊ VAI, O TÊNIS QUE VOCÊ VAI, TUDO , CABELO, TUDO, ENTÃO VOCÊ TEM UM GOSTO ESTÉTICO

A visão que as pessoas têm de você

R: ISSO, VOCÊ É O CENTRO DE ATENÇÃO ENQUANTO VOCÊ TÁ DANDO AULA, VOCÊ É UM ESPELHO, ENTÃO COMO ESPELHO A REMUNERAÇÃO É BAIXA NÉ, PRA VOCÊ SER UM ESPELHO

Você já se sentiu explorada no seu serviço? Fazendo demais, ganhando de menos

R: CARA, JÁ, MAS POUCAS VEZES QUE JÁ, QUANDO EU ACHAVA QUE NÃO ESTAVA MUITO LEGAL PRA MIM EU JÁ SAÍA NEM JÁ SAIA, PREFERIA NÃO FICAR

Você acha que a sua função de modo geral deveria ganhar mais do que ganha atualmente?

R: CARA, É COMPLICADO A GENTE FALAR ISSO, PORQUE NO MEIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA A GENTE É QUEM GANHA MAIS, SÓ QUE O NOSSO TRABALHO A GENTE LEVA TRABALHO PRA CASA, A GENTE LEVA LESÃO PRA CASA, A GENTE TEM UM MAIOR DESGASTE DE TODA ÁREA, MAS SE VOCÊ FOR OLHAR TODO ESSE CONTEXTO QUE EU COLOQUEI É POUCO, UM PERSONAL ELE VAI LÁ DÁ UMA HORA DE AULA, ELE NÃO SOA, TRANSPIRA OU GASTA CALORIAS

Você diria qual a proporção que você dá de lucro para academia em relação ao que você ganha?

R: EU SEMPRE ME FIZ ESSA PERGUNTA, AI EU CHEGUEI EM UMA CONCLUSÃO DEPOIS DE ALGUM TEMPO, QUE DIGAMOS QUE 50 A 60% DOS

ALUNOS QUE ESTÃO ALI, ESTÃO SÓ PELA MINHA AULA, ENTÃO NÃO DEPENDE TANTO DA MINHA AULA, DEPENDE MAIS DA ACADEMIA PRA SER CHEIA A AULA, ENTÃO SE FOR UMA ACADEMIA Q2UE TEM BASTANTE PESSOAS, QUE ELA É BEM VISTA, A AULA VAI SER SEMPRE CHEIA E A PORCENTAGEM VAI SER SEMPRE ESSA ENTRE 50 E 60 %

Você jogou 50 reais né. Se fosse por você ganhar o que você acha que vale de verdade seria mais ou menos que isso ou seria exatamente isso?

R: SERIA MAIS, SERIA UNS 70 OU 80 REAIS POR AULA, MAS NA VERDADE NA MINHA CONCEPÇÃO O QUE PODERIA SER FEITO, NUMA VISÃO DE TODOS OS PROFISSIONAIS FORMADOS, VOCÊ PODERIA DAR UMA AULA ALIU E COMO EU MENCIONEI ANTES QUE A GENTE É UM ESPELHO PRA ACADEMIA, VOCÊ PODERIA FAZER DIGAMOS UMA AÇÃO PRA ACADEMIA QUE ELES TE CONTRATARIAM POR MAIS DUAS HORAS, PRA VOCÊ FICAR PELO MENOS MAIS 3 HORAS NA ACADEMIA,. UMA HORA NA DANÇA E DUAS HORAS NO SALÃO , VOCÊ FECHAR UM VALOR E A ACADEMIA APROVEITAR DE VOCÊ E VOCÊ CONSEGUIR GANHAR UM VALOR ALTO,. PORQUE VOCÊ PASSA CONFIANÇA, CREDIBILIDADE PROS SEUS ALUNOS, ISSO AÍ É UM MARKETING QUE AS ACADEMIAS DEIXA PASSAR, ELAS PODERIAM PAGAR UM VALOR ALTO, MAS AÍ VOCÊ FICARIA AQUI ME AJUDANDO TAMBÉM. PORQUE TEM MUITA RECLAMAÇÃO DE MUSCULAÇÃO DE PROFESSOR, PORQUE NÃO TEM CONFIANÇA, NÃO TEM CREDIBILIDADE, E É EXATAMENTE ISSO QUE A GENTE TEM, TEMOS O OLHO NO OLHO QUE OS OUTROS NÃO TEM

Você acha que as empresas que você trabalha tem um lucro maior com suas aulas do que te repassam?

R: SIM, COM CERTEZA

Você já sofreu pressão no seu local de trabalho, ou tanto atual quanto passado?

R: JÁ, DEMAIS, SEMPRE TEM PRESSÃO NÉ, A GENTE SEMPRE VAI TRABALHAR COM PRESSÃO, IGUAL FALEI, A GENTE É O ESPELHO, M E QUANDO O ESPELHO NÃO TÁ LIMPINHO, NÃO TÁ ORGANIZADO, VOCÊ SENTE A PRESSÃO ENORME NAS COSTAS

Pressão um termo muito amplo, você já sentiu quais tipos de pressão dentro do trabalho

R: DESDE O DONO VIR CONTACTAR A GENTE, E DESDE AS VEZES

ALUNOS FALANDO, ÀS VEZES A AULA CAIU, E FALAM DE OUTRO PROFESSOR QUE CHEGOU OU ALGUMA COISA ASSIM, A GENTE É PRESSIONADO DE VÁRIAS FORMAS

Você já sentiu ou sente abalado psicologicamente ou emocionalmente decorrente da atuação?

R: SIM, MUITO, MUITO, MUITO, DEMAIS, SEMPRE TODA SEMANA ACONTECIA, ACONTECIA MAIS DE ALUNOS

Você já se sentiu manipulado ou enganado pelos seus superiores, pelos donos ou supervisor durante a sua atuação

R: JÁ, CARA TEVE UM CASO, NA ACADEMIA, EU NÃO LEMBRO, MAS JÁ ACONTECEU SIM

De modo geral, você se sente feliz com a sua função enquanto professor de dança?

R: SIM, MUITO, TANTO FINANCEIRA QUANTO EMOCIONALMENTE, OS DOIS, JUNTOS OS DOIS

Você já foi levado a pensar em ser sortudo por dar aula em algum lugar?

R: JÁ SIM

Você acha que pode contar com algum patrão se você precisar de uma hora pra outra, se você precisar de algum favor, você acha que pode contar com seus superiores

R: ACREDITO QUE SIM

como é sua relação com seus superiores hoje, se sente apoiado na sua função por eles

R: SIM

Então pra fechar, de modo geral, como você avalia sua qualidade de vida atualmente

R: HOJE, ENTÃO, HOJE DEVIDO AS AULAS QUE EU JÁ DEI, E ATÉ QUE EU DOU, A DOR NAS COSTAS FICOU, EU TENHO BASTANTE DOR NAS COSTAS, ENTÃO ISSO AFETA MINHA VIDA MUITO, EU HOJE EU NÃO POSSO LARGAR A ACADEMIA PORQUE ELA FORTALECE MEU CORPO E MINHA COLUNA, SE EU FICAR 3 DIAS SEM IR NA ACADEMIA, MINHA COLUNA ME AVISA “VAI TREINAR, VAI FORTALECER” ENTÃO EM VIRTUDE DISSO EU NÃO TENHO QUALIDADE DE VIDA TÃO BOA, COMO ERA PRA SER, ENTENDEU

Mesmo se você não tiver dando aula,, você ainda vai ter a necessidade de estar treinando por causa da sua coluna, você acha que se você parasse de dar aula você iria continuar as dores

R: CARA EU NÃO SEI, PORQUE EU SINTO MAIS QUANDO EU TERMINO NÉ, ASSIM QUE EU TERMINO A AULA DE FORMA AGUDA EU SINTO, AI COMO EU VOLTEI A DAR AULA DEVE TER UNS 6 MESES, EU NÃO SEI PRECISAR SOBRE ESSAS DORES, PORQUE EU SEMPRE TREINEI

Certo, pra fechar, de modo geral, contato tanto saúde, acesso a lazer, financeiramente, tempo de descanso essas coisas, como você avalia a sua vida juntando todos esses quesitos atualmente

R: A DANÇA ELA ME PROPORCIONOU TUDO QUE EU TENHO, ENTÃO A MINHA QUALIDADE DE VIDA NÃO É TÃO ALTA MAS É BOA, O FINANCEIRO ME AJUDOU MUITO, E COMO A GENTE TRABALHAVA POR HORA AULA E NÃO ERA UM VALOR TÃO BAIXO NA ÉPOCA, EU CONSEGUIA DESCANSAR BASTANTE, CONSEGUI ME FORMAR, CONSEGUI ESTUDAR, CONSEGUI INTERCALAR O ESTUDO COM AS AULAS MESMO SENDO MEIO PUXADO MAS EU CONSEGUI FAZER, FUI LEVANDO O MÁXIMO QUE EU PUDE SEM INTERROMPER

Esqueci uma pergunta só, em relação a quando você ia dar aula, você sempre teve forma de condução ?

R: SEMPRE, SEMPRE, SÓ NO COMEÇINHO QUE NÃO NO PRIMEIRO ANO QUE NÃO, NUNCA FOI UM PROBLEMA NÃO, MAS EU JÁ CHEGUEI A ANDAR 50 MINUTOS A PÉ PRA DAR AULA, DAVA AULA DEPOIS DA MATERNIDADE, E SAIA DAQUI 7 HORAS DA MANHÃ E CHEGAVA LÁ 7:50, PRA DAR UMA HORA OU UMA HORA E MEIA DE AULA E VOLTAR ANDANDO DE NOVO

## **Entrevistado 02**

Cidade de atuação profissional

R: GOIÂNIA

Idade

R: 34 ANOS

Estado civil

R: SOLTEIRO AINDA

Qual foi seu primeiro contato com a dança na vida

R: PESSOAL DESDE CRIANÇA GOSTEI DE DANÇAR, E AÍ SÓ ME PROFSSIONALIZEI

Quando e porque decidiu atuar na profissão de professor de dança

R: PRIMEIRO POR CAUSA DO PRAZER DE DANÇAR E DEPOIS EU ENTENDI QUE O VALOR DA HORA AULA ERA PAGA ERA MELHOR DO QUE NA MUSCULAÇÃO, QUANDO EU TRABALHAVA NA MUSCULAÇÃO, DAÍ EU ABANDONEI A MUSCULAÇÃO PRA IR DAR AULA DE GINÁSTICA

Já trabalhou em quantos lugares dando aulas de dança? uma média

R: UMA MÉDIA, ACHO QUE JÁ PASSEI PELO MENOS POR 20 LUGARES NO MÍNIMO

Antes de ser professor de dança já trabalhava em outra função?

R: VOCÊ FALA DA EDUCAÇÃO FÍSICA OU GERAL? SIM, JÁ TRABALHEI EM SALA DE MUSCULAÇÃO, HIDROGINÁSTICA, GINÁSTICA ARTÍSTICA.

O que te levou a largar essa outra profissão e seguir como professor de dança?

R: O VALOR DA HORA AULA, VALOR DO TRABALHO

Hoje você atua exclusivamente dando aulas de dança?

R: SIM

No seu local onde dá aulas de dança, você ministra outros tipos de aulas?

R: SÓ AULAS DE DANÇA

Seu nível de escolaridade?

R: SUPERIOR COMPLETO, NA LICENCIATURA, O BACHAREL NÃO

Você é ou já foi licenciado em algum programa de aulas de dança?

R: SIM, NA ZUMBA E DO FITDANCE QUE EU FIZ O CURSO TAMBÉM, MAS NÃO CHEGUEI A PAGAR A MENSALIDADE NEM DAR AULA

Você é ou já foi licenciado em algum outro programa de aulas sem ser de dança?

R: NÃO

Você já fez curso ou cursos de formação de professores de dança? seja qual for a empresa ou metodologia

R: SIM, VOLTADO PARA DANÇA ALÉM DA ZUMBA, NO CAPITAL FITNESS EU CHEGUEI A FAZER UM CURSO DE DANÇA, NÃO ME RECORDO POIS TEM MUITO TEMPO

Qual a sua atual carga horária de trabalho atuando com a dança?

R: DEIXE ME VER... 18 AULAS SEMANAIS, MÉDIA DE 40 MINUTOS POR AULA

Você dedica algum tempo fora do trabalho para planejar suas aulas? Se sim, quanto tempo você se dedica por dia ou semana?

R: SIM, MAIS OU MENOS UMAS 3 VEZES NA SEMANA PARA ENSAIAR

Atualmente você está cursando alguma faculdade ou curso?

R: EU PAUSEI NA UEG, MAS TÔ AGORA NO PROCESSO SELETIVO PARA RETORNAR (BACHARELADO)

Como você concilia a rotina de estudos com a de trabalho?

R: AH, UM POUQUINHO COMPLICADO, MAS DÁ PRA LEVAR

Já sofreu lesões decorrentes da aula de dança ou durante a aula?

R: NÃO

Você sente dores durante as aulas?

R: NÃO, EU NÃO SEI SE CABE, MAS JÁ ME MACHUQUEI POR OUTRAS SITUAÇÕES E QUE EU SENTIA DURANTE AS AULAS, MAS NÃO POR CAUSA DAS AULAS

Qual o nível de cansaço você sente durante ou após as aulas?

R: ME SINTO BASTANTE CANSADO

Já teve que fazer algum tratamento decorrente de desgaste ou lesão nas aulas?

R: NÃO

Você treina ou faz algum tipo de atividade para fortalecimento ou coisa assim que seja pra ajudar nas aulas?

R: NÃO

A medicação prescrita você usa?

R: NÃO

A empresa ou as empresas que você trabalha colaboram de alguma forma para sua melhoria enquanto professor de dança?

R: NÃO, SÓ PERMITIR QUE EU TREINE NA PRÓPRIA ACADEMIA NÉ, NÃO SEI SE ISSO SERIA CONTRIBUIÇÃO...

Qual a sua média salarial total e por aulas?

R: MENSAL EU ACHO QUE MAIS OU MENOS UNS 3000 OU 3500, DEPENDE DO MÊS, MAS UMA MÉDIA DE 3000

por aula...

R: A MÉDIA DE UNS 40, 50 REAIS POR AULA

Atualmente, qual a sua forma de vínculo nos lugares onde você dá aulas de dança?

R: A MAIOR PARTE DELES SÃO INFORMAIS, AÍ TEM APENAS UM LUGAR QUE É CARTEIRA ASSINADA E DOIS QUE SOU PRESTADOR DE SERVIÇO, QUE EU FORNEÇO NOTA FISCAL E OS OUTROS SEM NENHUM VÍNCULO. NESSAS QUE É PRESTAÇÃO DE SERVIÇO É SEM VINCULO, TIPO NO ALPHAVILE, EU FECHO A QUANTIDADE DE AULAS, GERO A NOTA FISCAL NAQUELE VALOR E PASSO PRA ELES E ELES ME FAZEM O PAGAMENTO

Já possuiu vínculo empregatício (carteira assinada) em algum lugar que ministrou aulas de dança?

R: SIM

Qual a frequência que isso acontece?

R: MUITO DIFÍCIL VOCÊ CONSEGUIR CARTEIRA ASSINADA

e quando consegue, o valor da hora aula é o mesmo ou se altera?

R: ALTERA BASTANTE, O VALOR DA HORA AULA CAI PRA QUE COM OS BENEFÍCIOS CHEGUEM A EQUIPARAR A OUTROS LUGARES QUE É INFORMAL

Você participa de decisões relacionadas ao funcionamento ou gestão em algum dos lugares que trabalha dando aulas?

R: NÃO

Você se considera alguém com acesso à lazer?

R: NÃO, QUE EU ME CONSIDERO UMA PESSOA QUE TENHA ACESSO AO LAZER? ... CONSIDERO... AOS FINAIS DE SEMANA EU NÃO DOU AULA, ENTÃO EU POSSO TER ACESSO AO LAZER

Qual a qualidade que você define ao seu lazer?

R: ... RUIM

O que você gosta de fazer em seu momento livre?

R: SAIR PRA DANÇAR, IR PRO PAGODE

Existe algo que gostaria de fazer no seu tempo de lazer ou de descanso que não consegue fazer por algum motivo?

R: SIM, VIAJAR, PORQUE TEM QUESTÃO DE TEMPO, DE FINANCEIRO

De modo geral, como você avalia suas condições de trabalho?

R: PODERIA SER MELHOR QUESTÃO DE VALORES. EU ACHO QUE A MAIORIA DAS ESTRUTURAS SÃO MUITO RUINS, DE TRABALHO PORQUE VOCÊ ENCONTRA CAIXA DE SOM ESTRAGADA, É UMA MESA DE SOM QUE NÃO FUNCIONA, É UM LOCAL QUE NÃO TEM UM PALCO PARA QUE UMA TURMA GRANDE VER O PROFESSOR, ENTÃO SÃO VÁRIAS DIFICULDADES QUE O PROFESSOR ENCONTRA, QUE EU ENCONTRO PRA PODER DAR AULA

Você se sente feliz com sua remuneração enquanto professor de dança?

R: NÃO, PODERIA SER MELHOR

Você se sente explorado em seu trabalho?

R: EM ALGUNS LUGARES SIM

Você acha que é na maioria dos lugares que isso acontece, pensando em todos os lugares, de modo geral, outros lugares que já atuou

R: SIM, A MAIORIA EXPLORA

Você acha que sua função deveria ganhar mais do que você ganha?

R: SIM

Quanto você acha que deveria ganhar dando aulas de dança?

R: PELO MENOS UNS POR PADRÃO 50 60 REAIS. EU ACHO QUE MINHA AULA VALERIA 60 REAIS

Você acha que as empresas que você trabalha tem um lucro maior com suas aulas do que o que te repassam?

R: SIM

Você já sofreu pressão em seu lugar de trabalho atual ou em algum lugar que já deu aula?

R: SIM

Você já se sentiu ou sente abalado psicologicamente ou emocionalmente decorrente de sua atuação como professor de dança? Se sim, nos conte como foram essas situações

R: JÁ. JÁ PEDI PRA SAIR, JÁ FIQUEI BASTANTE ABALADO DE NÃO QUERER IR DAR AULA, MAS CONTINUEI PORQUE PRECISAVA

Você já se sentiu manipulado e/ou enganado pelos seus superiores durante sua atuação como professor de dança?

R: JÁ

Você já foi levado a pensar ser sortudo por dar aulas de dança em algum lugar como forma de manipulação?

R: SIM

de modo geral, Você se sente feliz com sua função?

R: ASSIM... FELIZ PELO O QUE EU CONSIGO OFERECER PARA OS ALUNOS. EM RELAÇÃO A TRABALHO, NEM TODOS OS LUGARES EU ME SINTO FELIZ

Você acha que pode contar com seus empregadores a qualquer momento?

R: NÃO PORQUE JÁ TIVE SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA E QUE SIMPLEMENTE FUI IGNORADO

Como é a sua relação com seus empregadores? Se sente apoiado na sua função por eles?

R: NÃO, TEM EMPREGADOR QUE NEM SABE QUE EU EXISTO

De modo geral, como você avalia sua qualidade de vida atualmente?

R: COMO BOA.. SOBRE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO MÉDIA, POR ALGUNS LUGARES NÃO ME SINTO MUITO MOTIVADO PELA EMPRESA ENTÃO PRATICAMENTE VOU LÁ SÓ PRA DAR A MINHA AULA E IR EMBORA, TEM OUTROS LUGARES QUE EU VOU PORQUE RECEBO BEM, PORQUE TENHO O PRAZER DE DAR AULA PRA AQUELA TURMA, TEM OUTROS QUE É SÓ PRA IR LÁ BATER MEU PONTO E IR EMBORA

**Entrevistado 03**

Cidade de atuação profissional

R: GOIÂNIA

Idade

R: 29 ANOS

Estado civil

R: SOLTEIRO

Qual foi seu primeiro contato com a dança na vida

R: MEU PRIMEIRO CONTATO COM A DANÇA FOI AINDA NA INFÂNCIA , LEMBRO QUE NOS MEUS 7 ANOS DE IDADE NA ÉPOCA TINHA MUITO AXÉ NÉ, ENTÃO EU ACABEI DESCOBRINDO QUE EU GOSTAVA BASTANTE DE DANÇA E LEVAVA JEITO PRA ISSO

Quando e porque decidiu atuar na profissão de professor de dança

R: EM 2016, EU RECEBI UMA OPORTUNIDADE DE DAR AULA EM ACADEMIA ATÉ PORQUE EU LEVAVA A DANÇA COMO HOBBY ANTIGAMENTE, NÃO COMO PROFISSÃO, ENTÃO ACABEI TENDO ESSA OPORTUNIDADE E ENTÃO ACABEI DECIDINDO ATUAR NESSA PROFISSÃO AI COMO PROFESSOR DE DANÇA

Já trabalhou em quantos lugares dando aulas de dança?

R: ANTES DE SER PROFESSOR EU ATUAVA EM OUTRA PROFISSÃO, AUXILIAR ADMINISTRATIVO, EU TRABALHAVA COMO FUNCIONÁRIO PÚBLICO, E FIQUEI NO MANDATO DO EX GOVERNADOR NE, 4 ANOS E ASSIM QUE ACABOU

O CONTRATO AÍ EU COMECEI A ATUAR NA ÁREA DA DANÇA

O que te levou a largar essa outra profissão e seguir como professor de dança?

R: DEIXEI ESSA PROFISSÃO DE AUXILIAR ADMINISTRATIVO PARA SEGUIR COMO PROFESSOR PORQUE TIVE A OPORTUNIDADE DE ATUAR COMO PROFESSOR, E COMO EU JÁ GOSTAVA BASTANTE DISSO, JÁ LEVAVA COMO HOBBY, IA PRA ACADEMIA E SEMPRE DANÇAVA, ENTÃO DECIDI ATUAR COMO PROFESSOR E SER A MINHA PROFISSÃO ATUAL HOJE.

Hoje você atua exclusivamente dando aulas de dança?

R: NÃO, HOJE EU TRABALHO COM DANÇA E COM MERCADO FINANCEIRO, HOJE EU TÔ TRABALHANDO NESSES DOIS LOCAIS

No seu local onde dá aulas de dança, você ministra outros tipos de aulas? Quais

R: NÃO, TODAS AS ACADEMIAS QUE EU MINISTRO AULAS, SÃO SÓ DE DANÇA

Qual sua escolaridade?

R: ENSINO MÉDIO COMPLETO

Você é ou já foi licenciado em algum programa para dar aulas de dança?

R: SIM, JÁ FUI LICENCIADO PELA EMPRESA FITDANCE, E SIM AINDA CONTINUO LICENCIADO PELA FITDANCE

Você é ou já foi licenciado em algum outro programa de aulas sem ser de dança?

R: NÃO, SOMENTE EM AULA DE DANÇA MESMO, IA ENTRAR NA ZUMBA, MAS NÃO FOI UMA COISA QUE ME MOTIVOU A QUERER SEGUIR ESSA TENDÊNCIA DE ZUMBA NÃO

Você já fez curso ou cursos de formação de professores de dança? seja qual for a empresa ou metodologia

R: ACREDITO QUE NÃO, AINDA NÃO, NÃO QUE EU ME LEMBRE, FOI SÓ NA FITDANCE PRA PODER AUMENTAR O AUTOCONHECIMENTO, MAS ACHO QUE FOI SÓ UM CURSO DE PLANEJAMENTO E ESTUDO DE AULA, ALGO ASSIM. FIZ TAMBÉM DO RITMOSFIT, O CURSO DELES, CHEGUEI A LICENCIAR SIM, FOI O PRIMEIRO CURSO DE DANÇA DE EMPRESA QUE EU COMECEI A MINISTRAR NAS AULAS FOI A EQUIPE DA RITMOSFIT, FOI ATRAVÉS DELES QUE EU COMECEI A DAR AULA

Qual a sua atual carga horária de trabalho atuando como professor de dança em geral, no outro trabalho além da dança?

R: SEMANAL, A AULA SEMANAL É DE 50 A 60 MINUTOS POR AULA. 10 AULAS SEMANAIS. DE SEGUNDA A QUINTA, NA SEXTA EU NÃO COSTUMO DAR AULA, MAS AI TOTAL SÃO 10 AULAS ENTRE SEGUNDA A QUINTA FEIRA

Qual a sua carga de trabalho em outros empregos?

R: NO MERCADO FINANCEIRO EU LEVO EM UM DIA, DEPENDE PORQUE O MERCADO É BEM VOLÁTIL, ENTÃO EU COSTUMO FICAR NO MERCADO ENTRE DUAS E QUATRO HORAS NO MÁXIMO

Você dedica algum tempo fora do trabalho para planejar suas aulas?

R: SIM, DEMAIS, TUDO TEM QUE SER PLANEJADO, TEMOS QUE PLANEJAR UMA BOA AULA PRA QUE TUDO OCORRA COMO O ESPERADO, COM CERTEZA EU FAÇO MEUS PLANEJAMENTOS DE AULA PARA PODER TRABALHAR MAIS TRANQUILO. EU GERALMENTE ESCOLHO UM DIA, JÁ COMEÇO A PLANEJAR UM DIA ANTES PRA QUE EU PEGUE AQUELE DIA PRA FICAR FOCADO SÓ EM

PLANEJAR A MINHA AULA PRA SEMANA. NESSE DIA EU PLANEJO A AULA DE TODA A SEMANA

Atualmente você cursa alguma faculdade ou curso? Se sim, como é sua rotina de estudos?

R: NÃO, ATUALMENTE EU SÓ ESTOU ESTUDANDO MAIS O MERCADO FINANCEIRO MESMO

Já sofreu lesões decorrentes da aula de dança ou durante a aula?

R: JÁ SIM, JÁ TIVE UMA LESÃO NÃO ,MUITO GRAVE, MAS AQUELAS LESÕES QUE ACREDITO POR MAL JEITO QUANDO VOCÊ ESTÁ DANÇANDO ACONTECE DE PISAR TORTO OU VOCÊ CAIR NÉ, COM ALGUM PULO AGRESSIVO,, ALGUM MOVIMENTO AGRESSIVO PODE TER CAUSADO ALGUMA LESÃO NO MEU JOELHO, TORNOZELO E PESCOÇO TAMBÉM

Você sente dores durante as aulas?

R: SÓ QUANDO ACABA. QUANDO ACABA A GENTE FICA BASTANTE DOLORIDO, PORQUE REALMENTE TRABALHA O CORPO TODO, NÃO TEM COMO VOCÊ NÃO SENTIR DOR NA HORA QUE VOCÊ ACABOU DE DANÇAR NÉ. ACREDITO QUE DEVE SER DE CANSAÇO MESMO, LESÃO, LESIONAR É BEM DIFÍCIL ACONTECER, MAS ACHO QUE É MAIS POR CANSAÇO MESMO. EU JÁ SENTI DOR CRÔNICA, ASSIM QUE EU COMECEI A DANÇAR, EU SENTIA MUITA DOR NO JOELHO, TINHA UMA INCOMODAÇÃO MUITO GRANDE, MAS COM O PASSAR DO TEMPO ACHO QUE DEU UMA FORTALECIDA NÉ, HOJE EU NÃO TENHO MAIS ESSE PROBLEMA, MAS ACHO QUE O PROBLEMA MAIS COMUM SÃO AS DORES NO JOELHO, ENTÃO ISSO AÍ A GENTE NÃO TEM COMO ESCAPAR.

já teve que fazer tratamento decorrente de desgaste ou lesão

R: NÃO, NUNCA FIZ NENHUM TRATAMENTO

Você usa alguma medicação prescrita ou não prescrita?

R: NÃO, NÃO FAÇO NENHUM USO DE NENHUM MEDICAMENTO

A empresa ou as empresas que você trabalha colaboram de alguma forma para sua melhoria enquanto professor de dança? Se sim, como?

R: NÃO, ISSO ACHO QUE NENHUMA DAS ACADEMIAS SE DISPÔS A FAZER ALGUMA COISA ASSIM, A NÃO SER PAGAR PELO TRABALHO, PORQUE ACREDITO EU QUE ALI EU TO PRESTANDO SERVIÇO PRA ACADEMIA, ENTÃO ACHO QUE ELES NÃO TEM MUITO ESSE VÍNCULO DE QUERER FAZER ALGUMA COISA PRA PODER TE LEVAR PRA OUTRO NÍVEL, ENTÃO ALI EU FAÇO MAIS É PRESTAÇÃO DE SERVIÇO

Qual a sua média salarial total e por aulas?

R: OLHA, VARIA MUITO, DEPENDE MUITO DO MÊS, PORQUE TEM MÊS QUE É TRINTA TRINTA E UM DIAS, TEM MÊS QUE TEM FERIADO, ENTÃO GERA EM TORNO O MEU SALÁRIO HOJE EM TORNO DE 2000 A 2300 ALGUMA COISA ASSIM, NÃO PASSA DISSO NÃO. SOBRE GANHO POR AULA, EM MÉDIA, SE EU FALAR VOCÊ NEM IA ACREDITAR. DE 50 A 60 REAIS, A AIRO JÁ ME PAGA 60 REAIS, EU COMPREI ESSA SEMANA RETRASADA EU JÁ DEI O CHOQUE, PORQUE TUDO AUMENTA, ENTÃO NÃO TEM COMO TRABALHAR SENDO AQUELE MESMO PREÇO, TEMOS QUE VALORIZAR O NOSSO TRABALHO, ENTÃO TA EM TORNO DISSO AÍ, 50 A 60 REAIS A HORA

Se trabalha em outras funções, qual a média salarial nestas outras funções?

R: COMO NO OUTRO TRABALHO É RECENTE, TEM POUCO TEMPO, TEM

ALGUNS MESES AINDA QUE EU COMECEI A INVESTIR NESSE LADO, ENTÃO AÍ TÔ TIRANDO UMA FAIXA DE 500 REAIS POR MÊS

Atualmente, qual a sua forma de vínculo nos lugares onde você dá aulas de dança?

R: MEU TRABALHO HOJE NAS ACADEMIAS É COMO SE EU FOSSE UM PROFISSIONAL LIBERAL, NÃO TEM ESSE NEGÓCIO DE CARTEIRA ASSINADA, NÃO TEM CONTRATO, ENTÃO SOU UM PROFISSIONAL LIBERAL, VOU ALI, PRESTO MEU SERVIÇO, SOU PAGO POR AQUILO E VOU EMBORA. É TOTALMENTE NA INFORMALIDADE, SÓ NO BOCA A BOCA

Já possuiu vínculo empregatício (carteira assinada) em algum lugar que ministrou aulas de dança?

R: SIM, TRABALHEI NA ACADEMIA QUE EXIGIRAM CARTEIRA ASSINADA E ACABEI LEVANDO E ELES ACABARAM ASSINANDO A MINHA CARTEIRA, MAS FOI SÓ UMA ACADEMIA MESMO QUE SE DISPÔS A FAZER ISSO, DE QUERER ASSINAR A CARTEIRA PORQUE É REGRA NÉ,. EU ACREDITO QUE TODA EMPRESA TEM QUE TER ASSINAR A CARTEIRA DO FUNCIONÁRIO, PARA TER OS BENEFÍCIOS TUDO MAIS, ENFIM, MAS FOI SÓ ESSA TAMBÉM.

Nesse lugar que teve carteira assinada, você sentiu alguma diferença primeiro no emprego, na relação de trabalho, sentiu alguma coisa ou positiva ou negativa?

R: A ACADEMIA ERA MUITO BOA PRA TRABALHAR, NÃO TENHO NEM QUE RECLAMAR, ACHO QUE A DIFICULDADE MAIOR ERA A DISTÂNCIA DA ACADEMIA QUE ACABOU OCACIONANDO QUE EU NÃO CONSEGUI MANTER AS AULAS LÁ, ACABEI PEDINDO PRA SAIR

Você participa de decisões relacionadas ao funcionamento ou gestão em algum dos lugares que trabalha dando aulas?

R: AS VEZES, SÓ QUANDO ME PERGUNTAM A MINHA OPINIÃO PRA PODER AJUDAR EM ALGUMA COISA, INCLUSIVE RELACIONADO A MINHA AULA, COM CERTEZA CHEGA EM MIM E PERGUNTA, PRA GENTE DEBATER SOBRE O QUE PODE SER MELHORADO. ISSO É SEMPRE PRA MELHORAR PRA ACADEMIA OU PRA MIM, VICE VERSA, PRA ACADEMIA E PRA MIM TAMBÉM, MAS ACREDITO QUE É INTERESSE DOS DOIS

Você se considera alguém com acesso à lazer?

R: SIM... EU TENHO MEUS MOMENTOS DE LAZER INCLUSIVE FINAIS DE SEMANA É O TEMPO QUE EU PRIORIZO MAIS PRA EU PODER FICAR TRANQUILO E CURTIR A MINHA PAZ

Qual a qualidade que você define ao seu lazer? Você consegue aproveitar bem esse seu momento?

R: CONSIGO PORQUE É IGUAL EU FALO, A GENTE TEM QUE CRIAR ROTINAS, CRIA E COLOCA TUDO EM SEU LUGAR PRA NÃO TER PROBLEMAS NÉ, ENTÃO ACREDITO QUE NOS MEUS TEMPOS LIVRES EU CONSIGO FICAR TRANQUILO

O que você gosta de fazer em seu momento livre?

R: EU GOSTO MUITO DE JOGAR, GAME, JOGO PRA MIM É UMA COISA QUE NÃO ME DEIXA SAIR DE CASA É JOGO, EU GOSTO MUITO DE JOGAR. PREFIRO FICAR EM CASA DO QUE SAIR, MUITO MAIS, PREFIRO FICAR EM CASA JOGANDO, DORMIR E COMER, A MELHOR COISA, O QUE EU MAIS GOSTO DE FAZER

Existe algo que gostaria de fazer no seu tempo de descanso/lazer que não consegue fazer por algum motivo? Explique.

R: SIM, CLARO, ACHO QUE A QUESTÃO FINANCEIRA É UMA DAS

PRINCIPAIS PORQUE QUANDO VOCÊ COMEÇA A TER UMA ESTABILIDADE FINANCEIRA VOCÊ CONSEGUE FAZER VÁRIAS OUTRAS COISAS NJE, VOCÊ CRIA OUTRAS ROTINAS, CRIA EXPERIÊNCIAS NOVAS, ENTÃO ACREDITO QUE SIM, TEM COISAS QUE REALMENTE A GENTE DEIXA DE FAZER POR CONTA DA QUESTÃO FINANCEIRA

Você se considera alguém com estabilidade financeira?

R: AINDA NÃO

Como você avalia suas condições de trabalho?

R: RELAÇÃO DE TRABALHO HOJE EM DIA É MUITO BOA, NÃO TENHO PROBLEMA NENHUM EM NENHUMA DAS ACADEMIAS QUE EU TRABALHO, NUNCA TIVE RECLAMAÇÃO, PROBLEMA COM HORÁRIO, ENTÃO ACHO QUE É BEM TRANQUILO EM RELAÇÃO A ISSO, BEM TRANQUILO. SEMPRE FOI ASSIM, EM TODAS AS ACADEMIAS, SEMPRE FOI TRANQUILO, AS ACADEMIAS QUE NÃO DERAM CERTO DE TRABALHAR FOI PORQUE EXIGEM COISAS QUE EU ACHO DESNECESSÁRIAS, ACHO QUE A PESSOA TEM QUE TER MAIS CONHECIMENTO DO QUE ELA TA FALANDO PRA PODER TOMAR FRENTE SOBRE AQUELE ASSUNTO, QUE ELA TA QUERENDO RESOLVER, ENTÃO ACHO QUE NÃO DEU CERTO EM OUTRAS ACADEMIAS TALVEZ PORQUE NÃO DEU MUITO CERTO EU MAIS ODONO, NOSSOS PENSAMENTOS ERAM DIFERENTES.

Essas academias que você já passou, você já passou por algum constrangimento que te fez não querer estar mais ali, algum problema que te fez ficar incompatível com a academia. algum caso que possa contar

R: COM PESSOAS NÃO, MAS EU FALO EM RELAÇÃO A VALORIZAÇÃO MESMO DO PROFISSIONAL NA ACADEMIA, ACHO QUE ISSO É O QUE MAIS PEGA EM RELAÇÃO A DISCUSSÃO, EM FALTA DE COMPROMETIMENTO COM AS PESSOAS, ENFIM, ACHO QUE O QUE MAIS PESA É A DESVALORIZAÇÃO QUE O PROFISSIONAL TEM QUANDO VAI PEGAR UMA ACADEMIA PRA DAR AULA E FULANO OU DONO QUER PAGAR TANTO SENDO QUE NÃO É ESSE VALOR QUE O PROFISSIONAL TEM QUE SER PAGO, ACHO QUE O PROBLEMA MAIOR É ESSE

Já levou calote?

R: JÁ LEVEI CALOTE, ATRASO DE SALÁRIO PRINCIPALMENTE

ACONTECEU DEMAIS, ENTÃO ACREDITO QUE ESSE TIPO DE COISA A GENTE DEVE PENSAR EM RESOLVER E SAIR FORA PORQUE SE NÃO RESOLVE, SE NÃO MELHORA, A GENTE TEM QUE PROCURAR UMA COISA QUE FIQUE BOM PRA GENTE, NÃO TER ESSE TIPO DE PROBLEMA, ESSAS FRUSTRAÇÕES QUE ACREDITO QUE ISSO AÍ É O QUE FAZ ESTRAGAR O RELACIONAMENTO COM AS PESSOAS E COM A ACADEMIA.

Você se sente feliz com sua remuneração enquanto professor de dança?

R: SIM, HOJE EU TÔ BEM TRANQUILO COM O VALOR QUE EU GANHO, COM AS ACADEMIAS QUE EU TRABALHO, EU NÃO TENHO PROBLEMA NENHUM COM ELAS. ME RELACIONO SUPER BEM COM OS DONOS

Você se sente explorado em seu trabalho?

R: SIM, JÁ TRABALHEI EM UMA ACADEMIA, POR POUCO TEMPO, PORQUE ESSE TIPO DE COISA EU COSTUMO OBSERVAR BASTANTE, EU SOU BASTANTE OBSERVADOR EM RELAÇÃO A PESSOAS, QUANDO EU FUI NOTAR QUE EU TAVA SENDO EXPLORADO, QUE ESTAVA SENDO MAIS APROVEITADO DO QUE DEVERIA, ACABEI TENDO PROBLEMAS NESSA ACADEMIA E PEDI PRA SAIR, PORQUE ACREDITO QUE SE VOCÊ CONSEGUE FAZER UM BOM TRABALHO, FAZ AS COISAS QUE PEDEM PRA VOCÊ FAZER, A ACADEMIA ESTÁ PEDINDO PARA QUE VOCÊ FAÇA, MAS NÃO TÁ SENDO VALORIZADO, ACREDITO QUE É UM ERRO, ENTÃO TEMOS QUE PROCURAR UM LUGAR ONDE A GENTE CONSIGA TRABALHAR TRANQUILO, QUE SEJA BASTANTE VALORIZADO, E QUE NÃO TENHA TANTA COBRANÇA FORA DO SEU ORÇAMENTO

Como foi essa exploração, se sente confortável pra falar?

R: POR EXEMPLO, PEDIR COISAS DESNECESSÁRIAS COMO ACHAR QUE VOCÊ É UM GAROTO PROPAGANDA DA ACADEMIA, QUE VOCÊ DEVE FICAR DIVULGANDO SEMPRE, EU ACHO ISSO MUITO ERRADO, PORQUE A GENTE NÃO TRABALHA PRA SER PROPAGANDA DA ACADEMIA, NÃO TRABALHA COM PUBLICIDADE DA ACADEMIA, ESTAMOS LÁ PRA DAR AULA, PRA DIVULGAR NOSSA AULA, O NOSSO TRABALHO, E A ACADEMIA TAMBÉM É OBRIGADA A DIVULGAR A NOSSA AULA, PORQUE A GENTE ESTÁ DANDO AULA NA ACADEMIA ENTÃO ACHO QUE O PRINCIPAL É A ACADEMIA FAZER SEU TRABALHO E DIVULGAR TODAS AS AULAS E

MODALIDADES, NÃO P PROFESSOR, PORQUE SE O PROFESSOR TER QUE ASSUMIR ESSA RESPONSABILIDADE DE FAZER PROPAGANDA PRA ACADEMIA, ENTÃO ACHO QUE ELE TAMBÉM TEM QUE SER REMUNERADO NESSA SITUAÇÃO

Você acha que sua função deveria ganhar mais do que você ganha?

R: EU ACHO QUE CADA ANO QUE PASSA TUDO MUDA, TUDO É UM PROCESSO, CLARO QUE A GENTE TEM QUE SER VALORIZADO, COM CERTEZA, TUDO AUMENTA, TUDO SOBE, TUDO VALORIZA, E NÃO É DIFERENTE COM O PROFESSOR DE DANÇA, ACHO QUE TODAS AS PROFISSÕES TEM QUE SER VALORIZADA

Quanto você acha que deveria ganhar dando aulas de dança?

R: DEPENDE MUITO, VAI DEPENDER MUITO DE CADA PROFESSOR, E DE GRAU DE CADA PROFESSOR, DE CONHECIMENTO DE CADA PROFESSOR, DA DIDÁTICA DO PROFESSOR, ENTÃO NÃO TEM COMO FALAR QUANTO QUE O PROFESSOR TEM QUE GANHAR PORQUE VAI DEPENDER DELE. SENDO EU ESSE PROFESSOR, O VALOR JUSTO ACHO QUE EU TO GANHANDO HOJE, ACHO QUE HOJE, NESSE ANO DE 2021 ACHO QUE O VALOR JUSTO É 60 REAIS MESMO A HORA, TEM QUE SER ISSO AI

Você acha que as empresas que você trabalha tem um lucro maior com suas aulas do que o que te repassam?

R: COM CERTEZA, ABSURDAMENTE, ISSO AÍ NÃO TEM NEM COMO DISCUTIR, É CLARO QUE AS ACADEMIAS, ELAS GANHAM MUITO MAIS, FATURAM MUITO MAIS DO QUE OS SEUS COLABORADORES QUE ESTÃO TRABALHANDO GANHAM, NÃO TEM NEM COMO DISCUTIR

Você já sofreu pressão em seu lugar de trabalho atual ou em algum lugar que já deu aula?

R: JÁ DEMAIS, ACHO QUE ASSIM TODA EMPRESA ELA QUER BATER METAS, ENTÃO TEM ESSA PRESSÃOZINHA MESMO QUE VÃO COLOCAR NOS COLABORADORES, NOS PROFISSIONAIS PARA PODER ATINGIR A META, PARA PODER ATÉ MELHORAR O RENDIMENTO DE TODOS, COMO PAGAMENTO, ENFIM, ESSAS COISAS, CUSTOS, ENVOLVEM QUESTÃO DE PRESSÃO. ACREDITO QUE SEJA JUSTO, QUE AJUDA A MELHORAR A GENTE COMO PESSOA E O AMBIENTE TAMB'PEM ONDE A GENTE TRABALHA.

Alguma vez você achou injusto essa pressão?

R: ALGUMAS VEZES JÁ TEVE JÁ DE PEDIR COISAS QUE NÃO FAZIAM PARTE DA MINHA FUNÇÃO, IGUAL COMO EU EXPLIQUEI NAS PERGUNTAS ANTERIORES, ACREDITO QUE VOCÊ ALI COMO PROFESSOR ESTÁ PRA DIVULGAR SEU TRABALHO COMO DANÇA, DANÇANDO NA AULA, FAZ UM VIDEOZINHO É LEGAL, AGORA FICAR FAZENDO PROPAGANDA PRA ACADEMIA, CHAMANDO PESSOAS PARA TREINAR NA ACADEMIA ACHO QUE ESSAS COISAS AÍ SÃO INÚTEIS, ACREDITO QUE PROFESSOR DE DANÇA NÃO TEM QUE FAZER ISSO, PRA ACADEMIA TER ESSA FUNÇÃO ELES TEM QUE CONTRATAR PRA ISSO

Você já se sentiu ou sente abalado psicologicamente ou emocionalmente decorrente de sua atuação como professor de dança? Se sim, nos conte como foram essas situações

R: ACREDITO QUE COM DONO DE ACADEMIA ACHO QUE SE ACONTECEU EU NÃO ME RECORDO, MAS JA TIVE VARIAS DISCUSSÕES POR CONTA DE ATRASO DE PAGAMENTO, M ESSAS COISAS, MAS COM ALUNO ACREDITO QUE PARA AFETAR MEU PSICOLÓGICO, EMOCIONAL É SÓ QUANDO ALUNO VAI RECLAMAR SE SUA AULA NÃO TIVER BOA OU SE A PESSOA REALMENTE NÃO GOSTAR DE VOCÊ, ACHO QUE ISSO AÍ AFETA SIM A CABEÇA DA GENTE, ACHO QUE DÁ UMA MEXIDA NA CABEÇA DA GENTE SIM

Você já se sentiu manipulado e/ou enganado pelos seus superiores durante sua atuação como professor de dança? Nos conte como foi

R: ISSO AÍ JÁ ACONTECEU JÁ, ACREDITO ASSIM QUE TEM LUGAR QUE VOCÊ VAI TRABALHAR COM PESSOAS QUE ELAS ACHAM QUE ELAS SABEM DE TUDO, E AÍ ELAS QUEREM IMPOR UMA COISA QUE VOCÊ JÁ SABE QUE NÃO VAI DAR CERTO E ELAS QUEREM COLOCAR QUE VOCÊ FAÇA AQUILO, ISSO É RUIM, A GENTE FAZ NÉ, EU MESMO FAÇO PRA MOSTRAR PRA PESSOA QUE NÃO É DAQUELE JEITO, ENTÃO JÁ TIVE ESSE TIPO DE PROBLEMA SIM

Você se sente feliz com sua função?

R: SIM, ACREDITO QUE QUEM TRABALHA COM O QUE GOSTA NÃO TRABALHA NÉ, ACHO QUE ESSE É O DITADO, É O QUE AS PESSOAS COSTUMAM DIZER QUANDO A PESSOA TRABALHA COM O QUE GOSTA, NÃO SE TORNA UM TRABALHO, SE TORNA UMA DIVERSÃO, E PRA MIM A DANÇA

É REALMENTE UMA TERAPIA, PORQUE É AONDE EU ENTRO, AONDE ESTOU, AONDE EU NAO VEJO PROBLEMAS, ESQUEÇO TODOS ELES E ME ENTREGO ALI E ME SINTO MUITO FELIZ, E SAIO DALI COMO SE FOSSE UM BATIZADO, VOCÊ SAI DALI RENOVADO,

Você já foi levado a pensar ser sortudo por dar aulas de dança em algum lugar?

R: JÁ, ACHO QUE TODOS LUGARES QUE EU TO TRABALHANDO EU ME SINTO SORTUDO, AS ALUNAS TAMBÉM JÁ FALARAM BASTANTE , ELOGIAM MUITO EM QUESTÃO A ISSO, SENTEM QUE TEM UM PROFESSOR BOM, QUE ELAS TEM ATÉ MEDO DE PERDER, ENTÃO ACREDITO QUE ISSO TUDO SEJA EM RELAÇÃO À SORTE

Você acha que pode contar com seus empregadores a qualquer momento?

R: NÃO, ACHO QUE ISSO DAÍ É MUITO RELATIVO, A GENTE NÃO SABE NÉ O QUE CADA PESSOAS TÁ FAZENDO, O MOMENTO QUE PODE ACONTECER ALGUMA COISA E VOCÊ VAI PRECISAR DE ALGUÉM, MAS ACREDITO QUE ISSO AÍ NÃO CHEGA A ACONTECER NÃO. NUVA ACONTECEU, NA VERDADE POUCAS VEZES. MAS SOBRE FINANCEDIRO, JÁ PASSEI POR ISSO, MAS NÃO TIVE PESSOAS PRA ME AJUDAR NESSA QUESTÃO, E FOI TENSO DEMAIS, PORQUE AÍ QUE MOSTRAR NÉ, QUEM SÃO AS PESSOAS E NESSA FASE AÍ FOI BEM COMPLICADO PORQUE EU PRECISEI DE MUITAS PESSOAS PRA PODER ME AJUDAR, ACHO QUE QUANDO A PESSOA PASSA POR DIFICULDADE, A MAIORIA É EM RELAÇÃO A FINANCEIRO, E QUANDO VOCÊ VAI PEDIR ALGUMA COISA PRA PESSOA, INCLUSIVE DINHEIRO, É BEM DIFÍCIL A PESSOA QUERER TE AJUDAR EM RELAÇÃO A ISSO. ACHO QUE NÃO QUIS AJUDAR PORQUE NÃO QUERIA MESMO, PORQUE CONDIÇÃO TINHA

Como é a sua relação com seus empregadores? Se sente apoiado na sua função por eles?

R: SIM, SINTO BEM APOIADO. TENHO SEGURANÇA, TRABALHO BEM TRANQUILO, COMO SE FOSSE A MINHA CASA, É COMO ME SINTO, BEM A VONTADE. JÁ TRABALHEI EM LUGARES QUE TINHA A SENSAÇÃO DIFERENTE, INSEGURANÇA, SENSAÇÃO DE ANTES DE CHEGAR NA ACADEMIA COM AQUELE PENSAMENTO DE SERÁ QUE VAI TER ALUNO, SERÁ QUE VÃO GOSTAR DA MINHA AULA, ESSAS COISAS JÁ ACONTECERAM COMIGO

De modo geral, como você avalia sua qualidade de vida atualmente?

R: EU NÃO VOU DIZER EQUILIBRADO, PORQUE PRA MANTER UMA VIDA EQUILIBRADA FALTA MUITO AINDA PRA MIM, MAS MINHA VIDA TAMBÉM NÃO É RUIM NAO,. EM RELAÇÃO AO QUE VEJO, MUITAS PESSOAS, A MINHA VIDA ESTÁ MUITO BOA EM RELAÇÃO A DE VARIAS, ENTÃO ACREDITO QUE A MINHA SITUAÇÃO ESTÁ MUITO BOA

De modo geral, qual é a sua forma de condução para ir dar as aulas que ministra?

R: DEMAIS, ACHO QUE NO COMEÇO DE QUANDO COMECEI DAR AULA, EU NÃO TINHA TRANSPORTE, NÃO TINHA VEÍCULO, MOTO PRA PODER DAR AULA, ENTÃO ISSO PRA MIM FOI O MAIOR SACRIFÍCIO, MAIOR DIFICULDADE, PORQUE EU TIVE QUE TER UM APOIO DO MEU IRMÃO PRA PODER NESSA ÉPOCA PODE ME EMPRESTAR A MOTO DELE PRA EU PODER DAR AULA, FIQUEI DURANTE 6 MESES DANDO AULA USANDO MOTO EMPRESTADA PARA PODER JUNTAR DINHEIRO DAS AULAS PRA PODER COMPRAR MOTO PRA PODER AÍ SIM TER ALGUMA COISA, UMA LOCOMOÇÃO PARA PODER SEGUIR OS TRABALHOS.

A quanto tempo você dá aulas?

R: TEM CINCO ANOS QUE EU DOU AULA

Já passou algum risco, seja pra ir, ou dar aula, algo que te dava medo?

R: ACHO QUE NO COMEÇO SÓ, QUANDO A GENTE NÃO TEM MUITO CONHECIMENTO A GENTE FICA BASTANTE INSEGURO DE NÃO DAR CERTO, A GENTE FICA SIM, INSEGURO COM ISSO. FOI DE NÃO DAR CERTO NA PROFISSÃO

**Entrevistado 04**

Cidade de atuação profissional

R: APARECIDA DE GOIÂNIA

Idade

R: 31 ANOS

Estado civil

R: SOLTEIRO

Qual foi seu primeiro contato com a dança na vida

R: DESDE CRIANÇA NA VERDADE, MEUS PAIS E MINHA IRMÃ SEMPRE GOSTOU AI EU CRESCI VENDO E DESDE CRIANÇA GOSTO DE DANÇA, DA DANÇA EM SI, NEM TANTO UM ESTILO DE DANÇA, DA DANÇA EM SI MESMO

Quando e porque decidiu atuar na profissão de professor de dança

R: MEIO QUE PRA PROFESSOR EU CAÍ DE PARAQUEDAS, PORQUE EU FUI NUM ESPETÁCULO DE DANÇA, NUMA ESCOLA DE DANÇA, AI UMA AMIGA MINHA QUE ME CONVIDOU PRA IR, E ELA ERA RECEPCIONISTA DESSA ESCOLA DE DANÇA, AI ELA ME CHAMOU E EU FIQUEI FASCINADO PELO ESPETÁCULO DE DANÇA, QUE TINHA VÁRIAS MODALIDADES, AI UM DIA ELA ME PERGUNTOU SE EU QUERIA FAZER UM TESTE PRA GANHAR UMA BOLSA, AÍ EU FUI, E AÍ DESDE ENTÃO COMECEI REALMENTE A GOSTAR MAIS AINDA DA DANÇA

A quantos anos você dá aula?

R: 6 ANOS

Já trabalhou em quantos lugares dando aulas de dança? uma média

R: ACHO QUE UNS 5 LUGARES DIFERENTES, OS MAIS FIXOS, AGORA AULAS AVULSAS FORAM VÁRIAS, EVENTOS E ETC, ACADEMIA FORAM SÓ 3 LUGARES. TODAS QUE EU SAÍ FOI PORQUE EU PEDI ARREGO, PEDI PRA SAIR. A PRIMEIRA QUE FOI ONDE COMECEI FOI PORQUE APARECEU UMA OUTRA OPORTUNIDADE MELHOR E AÍ PELO CRESCIMENTO EU PREFERI SAIR, DAI A OUTRA O HORÁRIO NÃO BATIA, E ERA MELHOR EM TUDO, O CRESCIMENTO, CONHECIMENTO ENTÃO EU ACABEI SAINDO DE UMA E DEPOIS A OUTRA QUE EU ESTAVA TAMBÉM FOI O MESMO ESQUEMA, MEIO QUE ME SUGAVA MAIS DO QUE AS VEZES EU MEIO QUE PAGAVA PRA TRABALHAR, ENTÃO COLOQUEI AS COISAS NA BALANÇA. EU TRABALHAVA LÁ MAIS POR HOBBY DO QUE PELA REMUNERAÇÃO

Antes de ser professor de dança já trabalhava em outra função?

R: JÁ, ANTES DE SER PROFESSOR JÁ TRABALHEI EM VÁRIOS LUGARES, FINAIS DE SEMANA FAZIA BICO DE GARÇOM E BARMAN, AUXILIAR ADMINISTRATIVO, AUXILIAR DE PRODUÇÃO EM FÁBRICA DE CONFECÇÃO DE ROUPA, EM POLO, DEPOIS FOI PRA SALO. MEU ÚLTIMO EMPREGO ANTES DE DAR AULA FOI NO JORNAL HOJE, QUE ESTAVA FALINDO E EU SAÍ PORQUE ELES TAVAM QUERENDO DECRESTAR FALÊNCIA E NÃO ESTAVAM PAGANDO NOSSOS SALÁRIOS, DAÍ EU E ACHO QUE 90% DO PESSOAL QUE TRABALHAVA LÁ COLOCAMOS ELES NA JUSTIÇA PRA NAO TER PERIGO DE SAIR DE MÃOS ABANANDO PORQUE É BEM CHATO TRABALHAR SEM RECEBER. SE DECRESTAR FALÊNCIA SERIA SÓ BEIJO E TCHAU, SEM PAGAMENTOS.

O que te levou a largar essa outra profissão e seguir como professor de dança?

R: DECIDI TRABALHAR COM A DANÇA PELA OPORTUNIDADE QUE APARECEU NESSA ÉPOCA. DAÍ MEUS AMIGOS QUE ERAM CASADOS DECIDIRAM MONTAR UMA ACADEMIA, DAI ELES PERGUNTARAM SE EU JÁ TINHA DADO AULA, AÍ EU FALEI QUE TINHA DADO AULA COLETIVA EM CONDOMÍNIO COMO TESTE E ENFIEI A CARA, PESQUISEI, NÃO SABIA MUITO, ERA MUITO LEIGO AINDA, DAI ELES FALARAM ‘UAI, BORA FAZER UM TESTE AQUI PORQUE ESTAMOS ABRINDO A ACADEMIA’, DAI ELES FOI E VIMOS DURANTE UM MÊS, EU FUI, DEU CERTO E ESTOU NA PROFISSÃO ATÉ HOJE. NÃO TIVE ESCOLHA, FOI MAIS UMA NECESSIDADE. MEIO QUE MEIO TERMO, FOI OPORTUNIDADE PORQUE EU ESTAVA RECEBENDO SEGURO, FAZENDO BICOS, AJUDANDO MEU PAI NO EMPREGO, FAZIA BARMAN E GARÇOM NOS FINAIS DE SEMANA, EVENTOS, SHOWS, DAÍ ELES COMO ESTAVAM ABRINDO, AÍ COMO NO INÍCIO NÃO SERIA NEM CARTEIRA ASSINADA, ELES FALARAM SE EU QUERIA FAZER TESTE UM MÊS PRA VER SE DAVA CONTA, PRA VER SE REALMENTE IA QUERER DAR AULA COLETIVA EM ACADEMIA, E EU FALEI UAI VAMOS E AÍ FOI.

Hoje você atua exclusivamente dando aulas de dança?

R: NÃO, EXCLUSIVAMENTE NÃO, MAS A MINHA RENDA PRINCIPAL É A DA DANÇA

Se não, trabalha em quais áreas a mais?

R: SOU VENDEDOR E ESTOU INICIANDO COMO DESIGN GRÁFICO, AUTÔNOMO NAS DUAS. NA VERDADE OS TRÊS SÃO AUTÔNOMOS, PORQUE SE EU NÃO DER AULA EU NÃO RECEBO, PORQUE NÃO É CARTEIRA ASSINADA ONDE EU ESTOU ATUALMENTE. HOJE ATUO EM UMA ACADEMIA, QUE TEM DUAS UNIDADES E EU DOU AULA NAS DUAS.

No seu local onde dá aulas de dança, você ministra outros tipos de aulas? Quais

R: NÃO, SÓ A DANÇA

Qual sua escolaridade?

R: SÓ O SEGUNDO GRAU COMPLETO

Você é ou já foi licenciado em algum programa para dar aulas de dança?

R: JÁ SIM, ATUALMENTE NÃO, PORQUE OU EU COMPRO O ARROZ OU ENTÃO EU PAGO A LICENÇA.

Você já fez curso ou cursos de formação de professores de dança? seja qual for a empresa ou metodologia

R: JÁ, FIZ MUITOS JÁ, TUDO QUE APARECIA NEGÓCIO DE DANÇA EU TAVA INDO, ATÉ DE BALLET JÁ FIZ, BALLET, DANÇA DO VENTRE, ERA DANÇA EU TAVA INDO, SAPATEADO. JÁ INVESTI BASTANTE NA ATUAÇÃO PROFISSIONAL, PORQUE AS VEZES APARECE CASAMENTOS, 15 ANOS OU OUTRA COISA ASSIM, JÁ ATÉ ENSAIEI PRA MENINAS FAZEREM ENTREVISTA DE DANÇARINA NOTURNA, ENTÃO É BOM QUE TEM JÁ UMA BAGAGEM PRA TER UM NORTE PRA AJUDAR GERAL MESMO. JÁ FIZ CURSO TAMBÉM DA FITDANCE E DA ZUMBA, FIZ ESSES DOIS TAMBÉM. NÃO ATUO MAIS NA ZUMBA, REAL APOSENTEI. FITDANCE ESTOU DANDO AULA, MAS NÃO SOU CREDENCIADO MAIS, PRETENDO VOLTAR PORQUE MESMO SABENDO O QUE PODE E O QUE NÃO PODE, MESMO ASSIM EU GOSTO DE SER MAIS CERTINHO UM POUCO NAS COISAS.

Qual a sua atual carga horária de trabalho atuando como professor de dança?

R: DIARIAMENTE MÉDIA DE UMA HORA, QUANDO EU DOU SÓ UMA AULA NO DIA, A MÉDIA É DE UMA HORA. AS VEZES DOU MAIS DE UMA AULA QUANDO

DOU AULA PARTICULAR, AULA AVULSA, ENSAIO DE 15 ANOS, CASAMENTO, AI ACABA DANDO MAIS AULA, MAS FIXO É UMA HORA, UMA AULA POR DIA. HOJE DOU AULA SÓ A NOITE.

Qual a sua carga de trabalho em outros empregos?

R: FIXO SÓ NA DANÇA, NO RESTANTE É SOB DEMANDA, MAS EM MÉDIA DEDICO NOS OUTROS EMPREGOS 6 A 7 HORAS POR DIA

Você dedica algum tempo fora do trabalho para planejar suas aulas? Se sim, quanto tempo você se dedica por dia ou semana?

R: SIM, POR DIA EU PLANEJO TIPO UMAS DUAS HORAS POR DIA, MAS PRATICAMENTE TODO FINAL DE SEMANA EU PARO PRA ATUALIZAR, PARA ESTUDAR, REVISAR A QUESTÃO DE COREOGRAFIA, ESSAS COISAS É NO FINAL DE SEMANA O TEMPO QUE DÁ MAIS, QUE SOBRA MAIS

Atualmente você cursa alguma faculdade ou curso? Se sim, como é sua rotina de estudos?

R: NÃO, SÓ O CURSO DE DESIGN MESMO

Já sofreu lesões decorrentes da aula de dança ou durante a aula?

R: SIM, OS DOIS. CIÁTICO INFLAMADO DURANTE A AULA QUE EU QUASE CAI DURANTE A AULA, LIGAMENTOS DO JOELHO ROMPENDO, NÃO CHEGOU A ROMPER MAS ESTAVA NO CAMINHO, TIVE ATÉ QUE PARAR UMA SEMANA SEM DAR AULA, MAIS DE UMA SEMANA NA VERDADE POR CAUSA DISSO, PRA FAZER FISIOTERAPIA, FICAR TRATANDO, SE NÃO IA TER QUE FAZER CIRURGIA. O MAIS GRAVE FOI OS JOELHOS. DURANTE A AULA NUNCA. JÁ CAI DE MOTO INDO DAR AULA E ISSO ATRAPALHOU MINHAS AULAS.

Você sente dores durante as aulas?

R: SIM, QUANDO EU NÃO ESTOU FAZENDO MUSCULAÇÃO, ESSAS COISAS QUE FORTALECE. SE EU FICAR UNS 3 DIAS OU MAIS SEM TREINAR AI COMEÇO A SENTIR NAS AULAS DOR NO CIÁTICO, NA LOMBAR, JOELHOS, ISSO DURANTE. POR ISSO EU TREINO MUSCULAÇÃO, FAÇO PORQUE PRECISO, PORQUE ODEIO COM TODAS AS FORÇAS, MAS PRECISO POR CAUSA DO DESGASTE DA PROFISSÃO. EU TREINO POR CAUSA DA PROFISSÃO.

Qual o nível de cansaço você sente durante ou após as aulas?

R: DEPOIS DE UMA AULA EU SINTO EXTREMAMENTE CANSADO, TANTO FÍSICO QUANTO MENTAL, MAS É FÍSICO, MENTAL MAIS É QUANDO É AULA PARTICULAR PORQUE DESGASTA MAIS A MENTE DO QUE O FÍSICO

Já teve que fazer algum tratamento decorrente de desgaste ou lesão nas aulas?

R: SIM, FISIOTERAPIA. TIVE QUE FAZER. CONHECI MINHA FISIOTERAPEUTA NA MINHA AULA, ELA COMEÇOU A FAZER MINHA AULA, DAÍ OS ALUNOS COMENTARAM COM ELA QUE EU NAO TAVA BEM, QUE EU TAVA PASSANDO POR ISSO E AQUILO, AI COMO ELA ERA FISIOTERAPEUTA ELA PEDIU PRA EU IR NA CLINICA DELA PRA CONHECER E TAMBÉM PRA ELA VER COMO EU ESTAVA MESMO, DAI DEPOIS DISSO FOI UNS 2 A 3 ANOS ME TRATANDO. ATÉ HOJE ASSIM SE EU TIVER UMA LESÃO, SE EU NAO TIVER ME SENTINDO BEM ELA BEM, ANTES MESMO QUE SEJA PRA ME ALONGAR DE FORMA MAIS TENSA

Você usa alguma medicação prescrita ou não prescrita?

R: JÁ USEI, OS NOMES NÃO LEMBRO AO CERTO, MAS ERAM BEM FORTES PARA DOR MUSCULAR. COM PRESCRIÇÃO DA FISIOTERAPEUTA

Já tomou remédio para estresse ou ansiedade

R: JÁ, ACHO QUE TEM LIGAÇÃO COM O TRABALHO, PRINCIPALMENTE NA ÉPOCA DA PANDEMIA, FOI O SURTO MUNDIAL

A empresa ou as empresas que você trabalha ou já trabalhou colaboraram de alguma forma para sua melhoria enquanto professor de dança? Se sim, como?

R: NÃO, TUDO QUE FIZ FOI POR CONTA PRÓPRIA. SÓ A ZUMBA QUE PAGARAM A METADE DO MEU CURSO, PRA QUE EU DESSE AULAS LÁ, FOI MNA QUE EU COMECEI A DAR AULA

Qual a sua média salarial total e por aulas?

R: A MÉDIA É 50 REAIS POR AULA, UNS QUASE 2000 POR MÊS JUNTANDO ACADEMIA E PARTICULAR, COM AS AULAS FIXAS VARIA O MÊS, PORQUE COMO NÃO É CARTEIRA ASSINADA E EU RECEBO DANDO AULA TEM MÊS QUE É 900 A 1200, NESSA FAIXA

Atualmente, qual a sua forma de vínculo nos lugares onde você dá aulas de dança?

R: INFORMAL, SÓ ACORDO VERBAL, EU VENHO, SE NÃO VIR TÁ OK, BELEZA. SEM BENEFÍCIOS QUE TERIA COM CARTEIRA ASSINADA, SEM 13º, SEM FÉRIAS, NEM SEI O QUE É FÉRIAS, ATÉ POSSO TER FÉRIAS SE EU QUISSER, MAS AÍ NÃO VOU RECEBER. DIRIA QUE ESTOU NA INFORMALIDADE TOTAL.

Já possuiu vínculo empregatício (carteira assinada) em algum lugar que ministrou aulas de dança?

R: JÁ, FOI NA FÓRMULA, E NA PRIMEIRA ACADEMIA QUE TIVE A CARTEIRA ASSINADA. ONDE TIVE CARTEIRA ASSINADA PRATICAMENTE A FORMA ERA NORMAL, PORQUE DEVIDO O DESCONTO, ELES AUMENTARAM UM POUCO PRA ACABAR NO VALOR NORMAL, COMO SE TIVESSE RECEBENDO SEM

DESCONTO, COLOCAVAM A MAIS NA CARTEIRA POR CAUSA DO DESCONTO, PRA NAO PERDER TANTO. NA OUTRA ACADEMIA ERSA COM DESCONTO, FICAVA UM VALOR ABAIXO DO QUE GANHARIA SE ESTIVESSE INFORMAL, MAS AÍ TINHA 13º, FÉRIAS E ETC

Você participa de decisões relacionadas ao funcionamento ou gestão em algum dos lugares que trabalha dando aulas?

R: SIM, MAS NÃO TÃO QUANTO DEVERIA, MAS ATÉ QUE SIM, ELES PEDEM OPINIÃO, ACHO QUE POR VALORIZAR A OPINIÃO, ÀS VEZES ACONTECE DE EU FALAR QUE NÃO VAI DAR CERTO, DAÍ ELES VAI E FAZ, AÍ DÁ ERRADO, AÍ COM ISSO ELES ACABAM SEMPRE OUVINDO MAS, PORQUE OUTRA VEZ NÃO OUVIU ELE E NÃO DEU CERTO

Você tira mais com as outras funções que você trabalha ou sua renda principal vem das aulas?

R: É RELATIVO, TEM MÊS QUE AS OUTRAS FUNÇÕES EU GANHO MAIS, TEVE MÊS QUE A DE DESIGN EU RECEBI O DOBRO DO VALOR DANDO AULA, MAS É RELATIVO, MESES BONS E MESES RUINS

Você se considera alguém com acesso à lazer?

R: RARAMENTE. RARAMENTE EU TENHO MOMENTOS DE LAZER, ACABA QUE MEU MOMENTO DE LAZER É A HORA QUE EU VEJO QUE MEUS ALUNOS ESTÃO GERAL ALI CURTINDO O MOMENTO, A AULA, MUSICA E TAL, AI MEIO QUE ACABA QUE AQUILO ALI É O MEU MOMENTO DE LAZER, MAS EU MESMO ASSIM , NÃO QUE EU NUNCA TENHO, MAS É BEM RARO EU TER ATUALMENTE

Você consegue aproveitar bem esse seu momento?

R: CONSIGO FAZER O QUE DÁ PRA FAZER. A QUALIDADE DO LAZER NUMA

## ESCALA DE QUALIDADE É BOM PRA MIM

O que você gosta de fazer em seu momento livre? lazer

R: NADA, LITERALMENTE NADA, NÃO FAZER NADA, DE NÃO TER OBRIGAÇÃO NENHUMA ALI, DE NÃO TER HORÁRIO E ETC. O MEU LAZER É NÃO FAZER NADA, MAS A CABEÇA FUNCIONA 24 HORAS

Existe algo que gostaria de fazer no seu tempo de descanso/lazer que não consegue fazer por algum motivo? Explique.

R: NÃO PENSAR EM TRABALHO, PORQUE EU NÃO CONSIGO DESLIGAR MUITO DO TRABALHO, PORQUE COMO NÃO É SÓ A DANÇA, TEM O VENDEDOR E O DESIGN ENTÃO MINHA CABEÇA FUNCIONA EM TRABALHO 24 HORAS, DESDE QUANDO EU ACORDO ATÉ EU DORMIR. SOFRO DE ANSIEDADE EXTREMA, SOFRI MAIS JÁ NA PANDEMIA, NO INÍCIO DA PANDEMIA, TEVE SURTO ETAL, TOMAR REMÉDIO FORTE, AÍ COMO AGORA EU USO MEU TRABALHO DE CONSULTOR DE VENDA, QUE COMECEI POR CAUSA DA PANDEMIA, AI ISSO QUE ME AJUDA A CONTROLAR AS MINHAS ANSIEDADES

Como você avalia suas condições de trabalho? relacionados ao local de trabalho, espaço disponível

R: É ENTRE BOM E REGULAR, TIPO SOBRE ESPAÇO EU NÃO TENHO UM BOM LOCAL DE TRABALHO POR CAUSA DA PREFEITURA QUE LIBEROU UMA QUANTIDADE X, DAÍ DÁ ATÉ CONFUSÃO PORQUE TEM UNS ALUNOS QUE QUER PORQUE QUER FAZER, MUITA GENTE QUER ENTRAR, AGORA TEM QUE ATÉ TRANCAR A PORTA PORQUE OS ALUNOS NAO TAVA CONSEGUINDO AGENDAR A AULA, MAS MESMO ASSIM ESGOTADO O LIMITE MÁXIMO OS ALUNOS TENTAVAM ENTRAR ESCONDIDO DE MIM, EU TINHA QUE FINGIR QUE NÃO VIA PORQUE NÃO PODIA EXPULSAR NINGUÉM, PUXAR PELO BRAÇO, DAI EU LEVAVA NO C... PORQUE OS DOIS COORDENADORES BRIGAVAM COMIGO POR NÃO PODER POR CAUSA DA FISCALIZAÇÃO, AI TA BRIGANDO TODO DIA, TODA AULA, AÍ TIPO ASSIM PRO MOMENTO DO MEU LAZER QUE ACHAVA QUE IA TER COM MEUS ALUNOS, EU IA EMBORA ESTRESSADO.

Essa condição surgiu com a pandemia ou as condições de trabalho já não eram boas antes

dela?

R: PIOROU NA PANDEMIA, PORQUE TIPO ASSIM GRAÇAS A DEUS A AULA É MUITO CHEIA, AÍ TINHA CAPACIDADE ANTES DA PANDEMIA A SALA ERA CAPACIDADE DE 30 PESSOAS, AÍ TINHA DIA QUE DAVA 40 A 50 PESSOAS, AÍ ALGUNS ALUNOS RECLAMAVAM PORQUE RRFA RUIM PRA TER ESPAÇO DE DANÇAR E TUDO MAIS, AI SOLICITEI UM PALCO PORQUE O PESSOAL NÃO ME VIA DO MEIO PRO FUNDO, ATÉ DEI OS EXEMPLOS DE PALCO PRA ELES, AÍ ELES FOI E NAQUELA DE ECONOMIZAR QUE SAI CARO, ARRANJARAM ESSES PALCOS DE BUTECO COM CARPETE E TANTO QUE FOI EM UMA DAS VEZES QUE EU LESIONEI, ENTÃO ACABOU QUE FOI ASSIM. UMA DAS LESÕES FOI NO PALCO, NO TRABALHO.

A academia te deu assistência nessa época

R: NÃO, PORQUE MEIO QUE TIPO ASSIM ELES NÃO BOTARAM FÉ, DISSERAM QUE JÁ ESTAVA ASSIM A MUITO TEMPO, ANTES DO PALCO, TIPO EU FALEI COM O COORDENADOR, COM DONO E FOI COMO SE TIVESSE FALADO COM A PAREDE, NÃO TIVE ASSISTÊNCIA

Você se sente feliz com sua remuneração enquanto professor de dança?

R: NÃO, NÃO MAS MUITO MESMO, ACHO POUCO DEMAIS

Você se sente explorado em seu trabalho?

R: DEMAIS, TIPO, COMO A DANÇA ATÉ HOJE NÃO É TÃO VALORIZADO ASSIM COMO OUTROS TRABALHO E PROFISSÕES, É TIPO ‘VAI LÁ’, QUER QUE A GENTE DÁ 30 AULAS A MAIS POR EXEMPLO É O MESMO TANTO QUE VAI RECEBER, TANTO QUE MEIO QUE A ACADEMIA SUGAM MUITO DA GENTE, ME SINTO MEIO QUE JOGADO, TIPO ACHAM QUE É SÓ UMA DANCINHA, ESSA FAMOSA FRASE

Você acha que sua função deveria ganhar mais do que você ganha?

R: BEM MAIS

Quanto você acha que deveria ganhar dando aulas de dança?

R: EU ACHO QUE PRA SER JUSTO, DEVERIA SER ENTRE 80, L 90 A 100 REAIS, ESSE O VALOR QUE EU ACHO QUE MINHA AULA VALE, VALERIA 90 REAIS FÁCIL

Você acha que as empresas que você trabalha tem um lucro maior com suas aulas do que o que te repassam?

R: TOTAL, 90 SERIA POSSÍVEL DE PAGAR TRANQUILO, COMPARADO COM O QUE TIRAM DE LUCRO COM A MINHA AULA

Sua aula é paga avulsa ou é parte de um plano

R: PLANO, POR ISSO QUE A MAIORIA DOS MEUS ALUNOS PAGAM UM DOS PLANOS MAIS COMPLETOS DA ACADEMIA E SÓ FAZEM A MINHA AULA E NÃO TEM A OPÇÃO DA ACADEMIA DE FAZER SÓ A MINHA AULA E PAGAR SÓ POR ELA, OU É O PLANO TODO OU ELES NÃO FAZEM A MINHA AULA

Você já sofreu pressão em seu lugar de trabalho atual ou em algum lugar que já deu aula?

R: JÁ SIM, NÃO POR QUALIDADE, SÓ MESMO POR LIMITAÇÃO DE ALUNOS QUE É BEM CHATO O ALUNO IR LÁ QUERER TODO DIA, TODAS AULAS TEM ALUNO PEDINDO PRA FAZER A AULA PORQUE NÃO CONSEGUIU AGENDA E É BEM CHATO VOCÊ TER QUE FALAR QUE NÃO PODE. HOJE A PRESSÃO É POR MENOS ALUNOS, TENTAR CONTROLAR, TEM AGORA ATÉ QUE TRANCAR A SALA.

Você acha que isso é responsabilidade sua, você que deveria cuidar para que isso não aconteça?

R: NÃO, MAS SOU EU QUEM ESTOU TENDO QUE RESOLVER, JOGAM PRA MIM, A RESPONSABILIDADE DEVIA SER DO COORDENADOR DE COLETIVAS OU QUE COLOCASSEM ALGUMA PESSOA SÓ PRA FICAR NISSO, FISCALIZANDO, CONTROLANDO QUANTIDADE DE PESSOAS PORQUE ÀS VEZES A GENTE ESTÁ LÁ DANDO AULAS E VEM OI CONSULTOR DE VENDAS, CHAMA LÁ NA PORTA E VOCÊ TEM QUE DEIXAR OS ALUNOS LÁ E TEM QUE IR LÁ VER PORQUE É ISSO E AQUILO, AULA EXPERIMENTAL, CONTAR OS ALUNOS, TER QUE FAZER ATÉ MESMO UMA CHAMA, TER QUE CONFERIR NO APLICATIVO, ENTÃO É BEM COMPLICADO

Você acha que eles não colocam pessoas responsáveis por isso porque?

R: UMA PRA EVITAR MAIS GASTO FINANCEIROS PARA EMPRESA, E TAMBÉM PARA EXPLORAR MESMO, NÃO JULGAM IMPORTANTE, ELES EXIGEM MAS NÃO PÕE TANTA IMPORTÂNCIA PRA ISSO, MAS ELES EXIGEM DA NOSSA PARTE

Você já se sentiu ou sente abalado psicologicamente ou emocionalmente decorrente de sua atuação como professor de dança? Se sim, nos conte como foram essas situações

R: PSICOLÓGICA NÃO. MAS JÁ TEVE DIAS DE SAIR ABALADO POR ACONTECIMENTOS NA AULA SIM. JÁ ACONTECEU DE BRIGAS DE ALUNOS, QUE AÍ A SALA FICOU COM CLIMA BEM CHATO, AI ISSO FOI A PRIMEIRA VEZ QUE ACONTECEU ALGO CHATO DURANTE A MINHA AULA, AÍ EU FIQUEI MEIO PREOCUPADO TANTO COM A SITUAÇÃO DAS ALUNAS BRIGANDO ALI, E DA REAÇÃO DA SALA INTEIRA, E EU FIQUEI TIPO ACHANDO QUE A AULA FOI UMA BOSTA, TIPO ASSIM PORQUE EU ACHO QUE EU NÃO CONSEGUI SUPRIR A AULA, A DISCUSSÃO DAS ALUNAS SUGOU A MINHA ENERGIA E A TODO MUNDO TAMBÉM, FOI BEM CHATO, PERDEU O CLIMA E DEU ATÉ VONTADE DE PARAR A AULA ALI NA HORA

Você já se sentiu manipulado e/ou enganado ou mesmo obrigado a pensar ou fazer algo que você não concordava por parte dos seus superiores durante sua atuação como professor de dança?

R: JÁ, NA ÉPOCA DAS LIVES, ANTES DE VOLTAR A DAR AS AULAS NA ACADEMIA QUE EU FUI OBRIGADO A FAZER E RECEBI BEM MENOS DO VALOR DA AULA NA ACADEMIA. MAS TAMBÉM NÃO ACHO QUE EU TENHO LIBERDADE DE FAZER O QUE EU QUISER NA MINHA AULA, NÃO TANTO QUANTO EU QUERIA

Alguma vez já te barraram em alguma coisa que você queria fazer na aula ou música que você queria tocar na aula?

R: SIM, NÃO CHEGOU AO PONTO DE ACADEMIA NÃO DEIXAR, MAS TEM MUITA MÚSICA QUE EU NÃO PASSO DEVIDO A ISSO, DAÍ EU NÃO PASSO

Você se sente feliz com sua função?

R: SIM DEMAIS, APESAR DOS PESARES EU ME SINTO FELIZ NAS MINHAS AULAS

Você consegue dizer o porquê, o que te faz feliz mesmo tendo os problemas que você tem?

R: A IMPORTÂNCIA QUE OS ALUNOS, A NECESSIDADE QUE OS ALUNOS SENTEM E TÊM PELAS AULAS, QUE TIPO ASSIM DE VOCÊ SABER QUE ELES MEIO QUE PARARAM UM TEMPO ALI PRA TÁ AGENDANDO AS AULAS, PODE SER FINAL DE SEMANA, VIAGEM, OU ENTÃO EM ALGUM

OUTRO MOMENTO DELES DE LAZER PORQUE TODOS ELES ME FALAM QUE A AULA É O LAZER DELES, ENTÃO ÀS VEZES IGUAL FINAL DE SEMANA ESTÃO EM UMA VIAGEM, FESTA OU ALGO DO TIPO ELES LEMBRAREM DAQUELE MOMENTO, DAQUELA AULA QUE TEVE, DAQUELA BRINCADEIRA NA AULA QUE TEVE, ENTÃO ISSO É BEM LEGAL, É UMA DAS COISAS QUE NÃO DEIXA EU DESISTIR, EU PARAR. ESSA FELICIDADE TEM MAIS A VER COM O SENTIMENTO QUE A DANÇA CAUSA EM MIM DO QUE O TRABALHO EM SI. É PELO O QUE PROPORCIONO PROS MEUS ALUNOS, É O QUE MAIS É GRATIFICANTE

Você já foi levado a pensar ser sortudo por dar aulas de dança em algum lugar?

R: NÃO, PELO CONTRÁRIO

Já sofreu com insegurança por parte dos seus empregadores em relação ao seu emprego ou que poderia ser trocado?

R: SIM, SER TROCADO NÃO, MAS QUE PODERIA PERDER MEU EMPREGO JÁ SIM.

Como é a sua relação com seus empregadores? Se sente apoiado na sua função por eles?

R: NÃO, NÃO ME PASSAM SEGURANÇA

Você acha que pode contar com seus empregadores a qualquer momento?

R: SIM, PRINCIPALMENTE COM O DONO MESMO, MAS COM RELAÇÃO PESSOAL, NA MAIORIA DELES FORAM ASSIM, NÃO EM TODOS, MAS A MAIORIA, POIS QUANDO PRECISEI ELES ME AJUDARAM

De modo geral, como você avalia sua qualidade de vida atualmente?

R: REGULAR, PORQUE ESTOU MAIS OU MENOS SATISFEITO AGORA, MELHOR QUE ANTES, BEM MELHOR, MAS AINDA PODERIA SER MELHOR

De modo geral, qual é a sua forma de condução para ir dar as aulas que ministra?

R: SEMPRE FOI A PÉ, APENAS EM 2019 QUE COMPREI MINHA MOTA, MAS JÁ PASSEI MUITO PERRENGUE POR TER QUE DAR AULA SEM MOTO, DE ÔNIBUS, JÁ ATÉ SAI DE ACADEMIA POR INFLUÊNCIA DISSO

**Entrevistada 05**

Cidade de atuação profissional

R: GOIÂNIA

Idade

R: 23 ANOS

Estado civil

R: SOLTEIRA

Qual foi seu primeiro contato com a dança na vida

R: MEU PRIMEIRO CONTATO FOI A 8 ANOS ATRÁS, COM O PROFESSOR. EU FAZIA AULA COM ELE EM ACADEMIA COMO ALUNA, AI DEPOIS INTERESSEI E CONVERSEI UM POUCO E DECIDI TENTAR

Quando e porque decidiu atuar na profissão de professor de dança

R: COMO EU GOSTO MUITO DE DANÇAR AÍ EU COMECEI A DAR AULA DE DANÇA, OS MEUS PROFESSORES ME INCENTIVARAM A COMEÇAR A DAR AULA DE DANÇA, AI EU DEI AULA DE DANÇA A UM TEMPO ATRÁS, SÓ QUE AI EU PAREI, PORQUE EU FAZIA FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, AÍ EU PAREI PRA ME EMPENHAR NA FACULDADE E VOLTEI AGORA À ACHO QUE UNS 5 MESES

Já trabalhou em quantos lugares dando aulas de dança?

R: JÁ DEI AULA A MUITO TEMPO ATRÁS POR 3 MESES, DAI AGORA QUE VOLTEI A DAR AULA TEM CINCO MESES, MINHA PRIMEIRA ACADEMIA, E ESTOU SÓ LÁ E DANDO AULA PARTICULAR PRA UMA MULHER.

Além de ser professora de dança você trabalha em outra função?

R: EU SOU ENGENHEIRA CIVIL E TRABALHO NUM ESCRITÓRIO DE ENGENHARIA ORÇAMENTÁRIA, ATUO NA PROFISSÃO QUE ME FORMEI.

No seu local onde dá aulas de dança, você ministra outros tipos de aulas? Quais

R: NÃO, PORQUE EU SÓ FIZ O CURSO DE PROFESSORA DE DANÇA

Qual sua escolaridade?

R: SUPERIOR COMPLETO EM ENGENHARIA CIVIL, FORMEI ANO PASSADO E SOU PÓS GRADUANDA

Você é ou já foi licenciado em algum programa para dar aulas de dança?

R: SIM, SOU LICENCIADA NA FITDANCE

Você já fez curso ou cursos de formação de professores de dança? seja qual for a empresa ou metodologia

R: NÃO, ESSE É O MEU PRIMEIRO CURSO, MAS EU QUERO FAZER O FITDANCE KIDS (PROGRAMA PARA AULAS DE FITDANCE PARA PÚBLICO INFANTIL)

Qual a sua atual carga horária de trabalho atuando como professor de dança? (quantidade em horas aulas ou quantidade de aulas)

R: 45 MINUTOS A AULA, COMO EU GOSTO MUITO A GENTE DANÇA UMA HORA, MAS SOU PAGA PRA DAR 45 MINUTOS, OS OUTROS 15 A MAIS SÃO POR GOSTAR. SÃO 3 VEZES NA SEMANA, EM CADA UMA É 35 REAIS

Qual a sua carga de trabalho em outros empregos?

R: NO OUTRO SERVIÇO EU FICO 10 HORAS POR DIA, SÃO HORAS

CORRIDAS, SEM HORÁRIO DE ALMOÇO, SÓ PARO ALMOÇO E JÁ VOLTO. GANHO SALÁRIO FIXO, SEM HORA EXTRA E NEM NADA A MAIS, SEM CARTEIRA ASSINADA NEM NADA, SÓ NO BOCA A BOCA, AGORA NO DA DANÇA É NORMAL, TUDO CERTINHO.

Você dedica algum tempo fora do trabalho para planejar suas aulas? Se sim, quanto tempo você se dedica por dia ou semana?

R: SIM, EU MONTO AS PLAYLIST UM DIA ANTES E PRA PEGAR COREOGRAFIA TAMBÉM ANTES DA AULA, GASTO EM MÉDIA 45 MINUTOS POR DIA PRA ISSO

Atualmente você cursa alguma faculdade ou curso? Se sim, como é sua rotina de estudos?

R: PÓS GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE OBRAS PÚBLICAS E CURSO DE INGLÊS INTERMEDIÁRIO. A ROTINA DE ESTUDOS É PUXADA, TODOS OS DIAS A NOITE EU TIRO 45 MINUTOS PRA MIM PRATICAR CADA UM.

Já sofreu lesões decorrentes da aula de dança ou durante a aula?

R: NÃO

Você sente dores durante as aulas?

R: NÃO, SÓ QUANDO EU TREINO MESMO, MAS DOR MUSCULAR

Qual o nível de cansaço você sente durante ou após as aulas?

R: NENHUM, TEM DIAS QUE AINDA VOU PRA AULA DE OUTROS PROFESSORES SER ALUNA

Já teve que fazer algum tratamento decorrente de desgaste ou lesão nas aulas?

R: NÃO, NENHUM

Você usa alguma medicação prescrita ou não prescrita?

R: NÃO. NENHUMA

A empresa ou as empresas que você trabalha colaboram de alguma forma para sua melhoria enquanto professor de dança? Se sim, como?

R: NÃO, NEM TREINAMENTO NEM CURSO, NADA, TUDO POR CONTA PRÓPRIA

Qual a sua média salarial total e por aulas?

R: 35 REAIS POR AULA, DÁ EM MÉDIA 400 A 455 REAIS, EM TORNO DE 13 AULAS POR MÊS

Se trabalha em outras funções, qual a média salarial nestas outras funções?

R: 800 REAIS O OUTRO SERVIÇO. BASICAMENTE DANDO AULA DE DANÇA DE 45 MINUTOS EU GANHO METADE DO QUE TRABALHANDO 10 HORAS POR DIA

Atualmente, qual a sua forma de vínculo nos lugares onde você dá aulas de dança?

R: É CONTRATO DE PESSOA FÍSICA, POR TEMPO INDETERMINADO. NÃO SEI SE ESSE CONTRATO TEM VALIDADE LEGAL, EU ACHO QUE NÃO. NO OUTRO SERVIÇO TAMBÉM NÃO TENHO CARTEIRA ASSINADA, LÁ NÃO TEM NEM CONTRATO, NÃO TEM NADA

Já possuiu vínculo empregatício (carteira assinada) em algum lugar que ministrou aulas de dança?

R: NÃO, NUNCA TRABALHEI DE CARTEIRA ASSINADA

Você participa de decisões relacionadas ao funcionamento ou gestão em algum dos lugares que trabalha dando aulas?

R: NÃO, LÁ QUEM FICA RESPONSÁVEL POR ISSO É A DIRETORIA DE LÁ, A ADMINISTRAÇÃO

Você se considera alguém com acesso à lazer?

R: SIM, EU TIRO O FINAL DE SEMANA PRA MIM ME DIVERTIR, SAIR UM POUCO

Qual a qualidade que você define ao seu lazer? Você consegue aproveitar bem esse seu momento?

R: EU FAÇO O QUE DÁ PRA FAZER, SE NÃO DÁ PRA VIAJAR NÃO DÁ, MAS A GENTE FAZ O QUE PODE PRA SE DIVERTIR

O que você gosta de fazer em seu momento livre? lazer

R: EU GOSTO DE ASSISTIR FILME, IR NO CINEMA, SHOPPING, CLUBE E IR NA CHURRASCARIA, MEU PREFERIDO

Existe algo que gostaria de fazer no seu tempo de descanso/lazer que não consegue fazer por algum motivo?

R: VIAJAR, GOSTARIA MUITO DE VIAJAR, MAS NÃO DÁ PORQUE NÃO TEM DINHEIRO PRA IR, E TEMPO TAMBÉM NÃO TENHO. DINHEIRO E TEMPO  
Como você avalia suas condições de trabalho?

R: SÃO MUITO BOAS, A SALA É BEM CLIMATIZADA, TEM UMA CAIXA DE SOM MUITO BOA TAMBÉM, SALA GRANDE, LÁ É BEM LEGAL. O LOCAL É BOM.

Você se sente feliz com sua remuneração enquanto professor de dança?

R: SIM, ME SINTO FELIZ. ACHO QUE SATISFAZ MINHAS NECESSIDADES.

Você se sente explorado em seu trabalho?

R: NÃO, EM MOMENTO ALGUM, EU AMO DAR AULAS DE DANÇA

Você acha que sua função deveria ganhar mais do que você ganha?

R: COMO EU TO COMEÇANDO AGORA, EU ACHO QUE EU TO GANHANDO O QUE EU TERIA QUE GANHAR, PORQUE EU SOU INICIANTE AI COM O PASSAR DO TEMPO, QUANDO FOR MELHORANDO EU VOU GANHANDO MAIS

Quanto você acha que deveria ganhar dando aulas de dança?

R: UNS 40 REAIS POR AULA

Você acha que as empresas que você trabalha tem um lucro maior com suas aulas do que o que te repassam?

R: NÃO, LÁ SÃO POUCOS ALUNOS E ELES FAZEM AS AULAS DE DOIS PROFESSORES, SÃO DOIS PROFESSORES DE DANÇA, TEM OUTRO TIPO DE DANÇA TAMBÉM. ACHO O VALOR QUE EU GANHO TOTALMENTE JUSTO.

Você já sofreu pressão em seu lugar de trabalho atual ou em algum lugar que já deu aula?

R: NÃO. A PRESSÃO LÁ É QUE AS ALUNAS NÃO GOSTAM DE TODOS OS TIPOS DE MÚSICA, ELAS GOSTAM MAIS DE FUNK, AI TEM QUE TOCAR MAIS AS MÚSICAS QUE ELAS GOSTAM, SE NÃO FICA TODO MUNDO SENTADA LÁ NO CHÃO PARADA. A PRESSÃO QUE EU SOFRO É POUCA, PELOS ALUNOS, NÃO PELA ACADEMIA

Você já se sentiu ou sente abalado psicologicamente ou emocionalmente decorrente de sua atuação como professor de dança? Se sim, nos conte como foram essas situações

R: UMA VEZ, NÃO AGORA, QUANDO EU DEI AULA NO PASSADO QUE TEVE UMA SITUAÇÃO COM UMA ALUMNA E A MÃE DELA. MAS POR PARTE DA ACADEMIA NUNCA

Você já se sentiu manipulado e/ou enganado pelos seus superiores durante sua atuação como professor de dança? Nos conte como foi

R: NÃO

Você se sente feliz com sua função?

R: SIM, A HORA MAIS ESPERADA DO DIA.

Você acha que essa felicidade está mais relacionada com o prazer de dançar ou com a condição de trabalho dando aulas

R: DE FAZER ALGO QUE EU GOSTO E ESTAR GANHANDO POR ISSO. MEU PRAZER MAIOR É DANÇAR, MAIS DO QUE DAR AULA, EU GOSTO DE

DANÇAR, EU AMO DANÇA. SE EU PUDESSE SÓ DANÇAR E GANHAR POR ISSO AINDA ESTARIA MAIS FELIZ

Você já foi levado a pensar ser sortudo por dar aulas de dança em algum lugar?

R: SIM. OS ALUNOS SÃO MUITO BONS

Você acha que pode contar com seus empregadores a qualquer momento?

R: SIM, LÁ ELES SÃO MUITO FAMÍLIA LÁ, ELES SÃO MUITO UNIDOS.

Você acha que toda academia é assim, ou o lugar que você trabalha que é assim e as outras podem não ser?

R: EU ACHO QUE NÃO... TRABALHANDO NO MEU OUTRO EMPREGO EU VEJO QUE NÃO É TODO LUGAR QUE É ASSIM, TEM MAIS A VER COM O LUGAR E AS PESSOAS EM ESPECÍFICO.

Como é a sua relação com seus empregadores? Se sente apoiado na sua função por eles?

R: SIM. MINHA RELAÇÃO É BOA. LÁ A GENTE NÃO TEM MUITO CONTATO COM ELES, MAS QUANDO A GENTE PEDE ALGUMA COISA, PRA USAR A SALA, PRA DAR AULA PROS MENINOS ELES SÃO DE BOAS, TRANQUILOS.

De modo geral, como você avalia sua qualidade de vida atualmente?

R: MINHA QUALIDADE DE VIDA É BOA, PORQUE EU FAÇO O QUE QUERO, DANÇO, FAÇO CURSOS, SAIO NOS FINAIS DE SEMANA PRA ME DIVERTIR, ENTÃO AVALIO BEM A MINHA QUALIDADE DE VIDA HOJE

De modo geral, qual é a sua forma de condução para ir dar as aulas que ministra?

R: EU VOU DE UBER, AÍ NA VOLTA MEU PAI ME BUSCA NA ACADEMIA E ME LEVA PRA ACADEMIA QUE EU TREINO COMO ALUNA. SOU PROFESSORA EM UM LUGAR E ALUNA EM OUTRO